



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

RÚBIA MARA DE SOUSA LAPA CUNHA

**AS EXPERIÊNCIAS DAS PRÁTICAS FORMATIVAS EM UMA
ESCOLA AMERICANA NO SERTÃO**

Salvador
2021

RÚBIA MARA DE SOUSA LAPA CUNHA

**AS EXPERIÊNCIAS DAS PRÁTICAS FORMATIVAS EM UMA
ESCOLA AMERICANA NO SERTÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, na linha “Educação, Cultura Corporal e Lazer”, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador:
Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior

Salvador
2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pela autora.

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Cunha, Rúbia Mara de Sousa Lapa.

As experiências das práticas formativas em uma escola americana no sertão
/ Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha. - 2021.

120 f.

Orientador: Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior.

Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade
de Educação, Salvador, 2021.

1. Educação - Wagner (BA) - História. 2. Instituto Ponte Nova - Wagner
(BA) - História. 3. Educação. 4. Cultura. 5. Educação protestante. 6.
Orientação formativa. I. Rocha Junior, Coriolano Pereira da. II. Universidade
Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 370.98142 – 23. ed.

RÚBIA MARA DE SOUSA LAPA CUNHA

AS EXPERIÊNCIAS DAS PRÁTICAS FORMATIVAS EM UMA ESCOLA AMERICANA NO SERTÃO

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, na linha “Educação, Cultura Corporal e Lazer”, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em 29 de junho de 2021.


Banca examinadora



Professor Doutor Coriolano Pereira da Rocha Junior – Orientador
Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, Brasil
Professor da Universidade Federal da Bahia



Professor Doutor Luís Carlos Lira
Doutor em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília, Brasília – DF, Brasil
Professor Adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora



Professor Doutor André Henrique Chabaribery Capi
Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais – MG, Brasil
Professor da Universidade de Araraquara e Universidade Paulista



Professor Doutor Cleverson Suzart Silva
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Bahia – BA, Brasil
Coordenador do ProInfantil pela FAGED/UFBA



Professor Doutor Romilson Augusto dos Santos
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Bahia – BA, Brasil
Professor da Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me oportunizado realizar um sonho pessoal e profissional;

Ao Grupo CORPO pelo amparo e cuidados na condução de aprendizados construídos em cada reunião e nas falas com sinalizações importantes para a escrita autorizada;

Ao meu Orientador, Prof^o. Dr. Coriolano Pereira Júnior, pelo amparo e “cuidados” manifestados que vão me acompanhar pela vida afora e, pelas aprendizagens, condução e encaminhamentos que me constituíram enquanto pessoa e pesquisadora;

Aos Membros Externos da Banca os Professores Doutores Luiz Lira, André Cappi pela complementação com muita maestria de seus saberes e ética manifestados;

Aos Membros da Banca da UFBA os Professores Doutores Romilson e Cleverson pela Profissionalidade e Aprendizagens que me fizeram (re)pensar nos posicionamentos ideológicos e na assunção de papel social diante da vida;

Aos meus anjos e meninas Aline Machado e Dayane Dórea que me mostraram a força da mulher e de identidade própria para que a vida se mostrasse contemplativa e, pela inteligência de “garotas” que de aparência “frágil” são fortes e destemidas, enfim minhas filhas amadas;

Aos meus filhos Ihandrio Marcello e Inessa Nhariana que são partes de meu viver e sempre me acompanham nessa luta diária para desvendar os mistérios da educação;

À minha família Lapa e aos amigos e professores Elmo Maturino, Dolores Bastos, Elisa Hayne, Cristiane Daltro, Moisés Sampaio, José Carlos Araújo, Renata Lopes, Patrícia Vilela que sempre acreditaram em minhas conquistas e pela participação no meu percurso de vida.

UMA FONTE DE LUZ NO SERTÃO BAHIANO.

Brilha uma estrela no sertão bahiano, ainda no alvorecer do século XX. Luz calma serena, que penetra o corpo e atinge a alma, inundando a mente de sabedoria e o coração com a Chama Ardente do Amor.

O GIGANTE IPN, como uma árvore centenária, já passou por sêcas e vendavais. Porém, suas raízes fortes suportam todas as intempéries e sempre volta a florescer e produzir bons frutos.

IPN, fonte de águas claras, jamais fechou as suas portas, a quem queira saciar a sede do saber. Janela aberta para o futuro, seta que indica a estrada que leva ao sucesso à Vitória.

[...]. Presentes sim, sempre estarão. Num gesto de gratidão, numa lembrança, numa lágrima de saudade, no reviver os momentos aqui vividos. [...]. A tua voz jamais será calada. A tua luz jamais se apagará. E um raio desta luz estará sempre iluminado a frase que ti dá vida, que ti faz forte e respeitado e sempre, sempre amado: DEUS E PÁTRIA AQUI SEMPRE LEMBRADOS.

Adeval Lima, "O Sertanejo". 12 ago. 2021.

CUNHA, Rúbia Mara de Souza Lapa. **As experiências das práticas formativas em uma escola americana no sertão**. 2021. Orientador: Coriolano Pereira da Rocha Junior. 120 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

RESUMO

Este estudo aborda a instalação do Instituto Ponte Nova (IPN), num recorte temporal que compreende o período de 1940/1960 e traz como pergunta central: como se deu o desenvolvimento do IPN e de suas atividades? Nossa hipótese aponta para a compreensão de que para além de seu aspecto formativo, o IPN assumiu um viés de modelação ideológica, política e comportamental na vida de cada sertanejo que por ali passou e isso interferiu nas ações cotidianas para que os mesmos se tornassem cidadãos. Como objetivos mais gerais vislumbramos a possibilidade de desvelar contextos, fatos, acontecimentos e personagens que aparecem no processo de formação do sujeito, uma chance de melhor compreender a conjuntura educativa como dispositivo formativo presente na escola alvo e ainda. A validade da pesquisa está em lidar com peculiaridades e complexidades específicas relativas às interferências dos sujeitos americanos para a implementação de tais práticas, num espaço social sem tradição de ação direta do poder público, na construção dos bens sociais. Para dar cabo das intenções deste estudo e atender ao anseio pela busca de respostas a questão motivadora, optamos por trabalhar com a pesquisa descritiva, tendo como fundo a história social. Entendemos, por fim, que o IPN assumia a função de modelar comportamentos e saberes no espaço sertanejo, a partir de uma noção educacional que se pautava nos padrões éticos e estéticos de ordem protestante, se valendo de ações e atividades educativas que contribuía na modelação do sujeito.

Palavras-chave: Instituto Ponte Nova; Educação; Cultura.

CUNHA, Rúbia Mara de Souza Lapa. **The experiences of formative practices in an American school in the sertão**. 2021. Advisor: Coriolano Pereira da Rocha Junior. 120 f. Thesis (Doctorate in Education) – Faculty of Education, Federal University of Bahia, Salvador, 2021.

ABSTRACT

This study addresses the installation of the Ponte Nova Institute (IPN), in a time frame that covers the period 1940/1960 and brings as a central question: how did the development of the IPN and its activities take place? Our hypothesis points to the understanding that, in addition to its formative aspect, the IPN took on an ideological, political and behavioral modeling bias in the life of each countryman who lived there and this interfered in the daily actions so that they became citizens. As more general objectives, we envision the possibility of unveiling contexts, facts, events and characters that appear in the subject's formation process, a chance to better understand the educational situation as a formative device present in the target school and still. The validity of the research lies in dealing with specific peculiarities and complexities related to the interference of American subjects in the implementation of such practices, in a social space without a tradition of direct action by public authorities in the construction of social goods. To end the intentions of this study and meet the desire to search for answers to the motivating question, we chose to work with descriptive research, having social history as a background. Finally, we understand that the IPN assumed the role of modeling behavior and knowledge in the sertanejo space, based on an educational notion that was based on Protestant ethical and aesthetic standards, using educational actions and activities that contributed to the shaping of the subject.

Keywords: Ponte Nova Institute; Education; Culture.

LISTA DE FOTOS

FOTO 01.	Vila de Wagner em 1902 do IPN	16
FOTO 02.	Desfile Comemorativo dos 80 anos do IPN – O vaqueiro – representante do povo do sertão	19
FOTO 03.	Centro de Memória Alexandre Neemias	29
FOTO 04.	Caderneta do ano letivo 1959	31
FOTO 05.	Momentos Festivos e Cívicos de IPN	34
FOTO 06.	Docentes do IPN em 1942	37
FOTO 07.	Aluna da Turma 1954	41
FOTO 08.	Alunos da turma de 1959 com o Professor Alvino – momento das Devocionais	47
FOTO 09.	Festa da Havaiana Professora Iracy Hoffman 1950	50
FOTO 10.	Carta de ex-aluno	54
FOTO 11.	O Internato Feminino	58
FOTO 12.	Aula de cânticos orfeônicos com os alunos do grêmio cultural – ensaio semana da primavera Professora Adonieta Xavier	59
FOTO 13.	Turma de Alunos do IPN Internos na Praça de Esportes em Construção (1958)	61
FOTO 14.	Alunas e alunos no pátio	63
FOTO 15.	Solenidade do Dia da Primavera (1960)	64
FOTO 16.	Apresentação Rural de Ginástica	66
FOTO 17.	O IPN nos jornais missionários	68
FOTO 18.	Grupo de alunas e alunos de 1956	71
FOTO 19.	Momentos Festivos e Cívicos de IPN	74
FOTO 20.	Lista de Professores Brasileiros de 1946 e Suas Respectives Disciplinas	76
FOTO 21.	Docentes do IPN em 1942	77
FOTO 22.	Entrada do IPN/1950	78
FOTO 23.	Festa da Canjica 1958	86
FOTO 24.	Solenidade de formatura da Professora Iracy Hoffman em 1950	87
FOTO 25.	Desfile Cívico 1948/49	88

FOTO 26.	Lista de Professores Brasileiros de 1946 e Suas Respectivas Disciplinas	92
FOTO 27.	Solenidade do Dia da Primavera (1960)	97
FOTO 28.	Apresentação de ginástica com as alunas Ruth Souza e Cilene como resultados do trabalho do Professor Jairo Alves	101

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A CIDADE DE WAGNER E A PRESENÇA DA MISSÃO	15
3	A FUNDAÇÃO DO IPN: ESTRUTURA E MISSÃO	46
4	A FORMAÇÃO HUMANA NO IPN	53
5	AS PRÁTICAS FORMATIVAS: EXPERIÊNCIAS CORPORAIS	72
6	AS FESTIVIDADES E OS EVENTOS	84
7	O PROFESSOR NO IPN E O LEIGO	100
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
	REFERÊNCIAS	112

1 INTRODUÇÃO

Em nosso país, as escolas americanas criadas em ambientes rurais assumiram importância, dado seu papel formativo e por sua ação política, social, religiosa e educacional, que ultrapassou o cotidiano escolar, sendo modeladoras de comportamentos e valores. No Brasil, a presença de missionários americanos na região hoje denominada Nordeste, a partir de 1871, veio com a incumbência de estruturar um determinado projeto civilizatório, baseado em experiências educacionais, assumindo destaque o Mackenzie College (NASCIMENTO, 2001).

Tal relevância toma por base o modelo educacional norte-americano e protestante estabelecido pelo Colégio Americano de São Paulo – Universidade Mackenzie, que assumiu o intuito de disseminar os valores do protestantismo pelo mundo afora. Para essa ação, outras entidades educacionais também assumiram o papel de disseminar tais ensinamentos, incorporando em seu cotidiano os elementos e valores vinculados à formação a partir de preceitos religiosos.

Foi nesse panorama que surgiram tais escolas, como instituições que se assumiam como uma espécie de salvaguarda institucional, na medida em que eram responsáveis pela formação humana de outros povos, unificando padrões culturais e de convivência social, em espaços criados para consolidar o processo de escolarização.

Nessa tese centro o olhar sobre a instalação do Instituto Ponte Nova/Escola americana, instituição que pautava suas práticas nos modelos educacionais instituídos pelo Mackenzie, onde, as práticas educacionais. Tais práticas, além dos movimentos internos ao Instituto, também tinham o papel de estabelecer relações com a comunidade.

Atuando na educação básica por 12 anos e trabalhando na área de prática pedagógica sempre tive o desejo de pesquisar os rituais festivos da escola como forma de me sentir realizada, por não ter feito o curso de Educação Física, que na época não era considerado um curso adequado para mulheres.

Sendo assim, a partir desse meu lugar de fala, o de ser professora é que manifesto a intenção de analisar um lugar, suas as vivências e experiências, onde aparecem as práticas educativas cotidianas e eventos associados ao fazer do professor, numa espetacularização social com aparições significativas e reconhecidas na comunidade.

A fundação do Instituto Ponte Nova (IPN) no sertão baiano, na cidade hoje chamada Wagner, marcou vidas que ali transitaram, criando modelos a partir de um ideal de pertencimento a uma elite de base intelectual diferenciada, num movimento de circularidade de saberes que se materializaram na própria vida e formação, oportunizando acesso e ascensão social em meio a um cenário de muitas lutas, conquistas e fracassos pela expansão da instrução (MORAES, 2014).

As práticas educativas desenvolvidas pelos americanos, a partir das ações intra e extra aos muros, objetivavam, dentre outras coisas, estabelecer uma boa relação com a comunidade, a partir de seus modelos. Nestes, as cerimônias, as sociabilidades e os momentos festivos e cívicos se assumiam fundamentais, pois representavam os modelos e valores da instituição escolar (MONARCHA, 1999).

É possível afirmar que o IPN se tratava de uma instituição base a todas as classes sociais que nele eram matriculados, para se firmarem hábitos comuns e intelectuais, perfazendo um sujeito civilizado e “americanizado”, que aos poucos foi se constituindo em um “homem de bem”, a partir da incorporação do ideal educativo protestante.

Em vista disso tudo, vislumbro as experiências com vistas a leitura histórica, tentando perceber e ler os ditos e não ditos, os expostos e os silenciados no contexto da atuação dos professores do IPN e seu papel na formação humana, a partir do estabelecimento de práticas que visavam a manutenção e perpetuação de valores e princípios institucionais, morais e religiosos.

No estudo, tomo por base o IPN, um lugar de construção de memórias que se configuram nas passagens ritualizadas, na intenção de apresentar e analisar um lugar, uma escola rural e suas experiências e práticas, como representações de mudanças culturais que foram instauradas pelo Instituto e suas ações.

Numa cena onde o desejo ávido por melhores condições de vida, de acesso a um dito progresso. As ações dos religiosos se tornaram elementos norteadores de uma alentada mudança na vida sertaneja. Nessa direção, o Hospital e o Templo Religioso (outras entidades também construídas) foram eleitos como “potencializadores”, já o IPN foi visto como prioritário, na intenção de construir uma hegemonia política e social, onde, ter frequentado suas salas era marca de prestígio social, chegando mesmo a facilitar o acesso a ocupação de cargos e postos de trabalho.

No IPN, os educadores e evangelizadores através de suas ações buscavam estabelecer uma cultura escolar, que tomava por base uma estratégia civilizatória, vinculada à lógica religiosa, social e cultural, que eram expressas em atos cotidianos e rituais festivos.

Para Turner (1969), os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo. Os homens expressam no ritual aquilo que os tocam mais intensamente. Ao olharmos o IPN vemos que esses rituais abarcaram não só os corpos “escolarizáveis”, mas também se investiu no sujeito fora da escola, no objetivo de adequar seus modos de vida aos tido como elevados e civilizados, fazendo com que o IPN assumisse ainda mais importância social local.

Os eventos, celebrações, solenidades e rituais tornaram-se espaços de afirmação institucional das escolas confessionais americanas, um lugar de visibilidade, uma forma de projeção social. Para tanto, as datas cívicas e religiosas assumiram papel importante na ação educacional do IPN, em convergência ao pensamento que se tentava implementar, transformando assim docentes em “agentes” formativos, para além dos saberes escolares, sendo mesmo multiplicadores da fé (BEZERRA, 2005).

Elias (1993) apresenta a compreensão da constituição de civilidades e destaca que o processo civilizatório trouxe mudanças sociais e históricas determinantes, a partir da construção de mentalidades coletivas. Nessa linha, as escolas americanas, a exemplo do IPN, foram parte de um projeto civilizatório americano, justo por ofertarem um ensino calcado no instruir, cuidar, evangelizar e promover padrões sociais, não só a estudantes, mas também a comunidade em geral.

É importante lembrar que esse Instituto tinha uma base religiosa instaurada, que interferia em toda a sua programação e também devemos nos referir a uma busca pela ampliação de um sentido de religiosidade, a partir dessas escolas, como forma de garantir a entrada de novos fiéis.

Nesta tese, o movimento de tentar deter o olhar nas experiências escolares, nos possibilitou importantes reflexões sobre as práticas docentes e suas representações no cenário “planejado”, a partir das vivências singulares de pessoas com estilos e origens diferentes que se viram “obrigadas” a conviver num espaço comum.

Como nosso elemento de análise são as práticas advindas do cotidiano escolar, interessa-nos trazer uma discussão acerca dos movimentos escolares, para assim, melhor entender as formas na arte de ensinar com base na incorporação de práticas culturais na escola alvo deste estudo.

Todos os elementos envolvidos nesse processo nos levam a crer que as iniciativas podem não ter se dado de forma linear e absoluta, pois como uma prática cultural, diálogos, adesões e resistências podem ter se dado, além das expectativas, é claro, das especificidades e peculiaridades do tipo de escola, seu público e seu lugar social, podem sim, ter atuado na forma de acontecer no ambiente escolar.

A partir dessas considerações iniciais, apontamos para este estudo a seguintes perguntas norteadoras: como se deu o desenvolvimento do IPN e de suas atividades? Nossa hipótese aponta para a compreensão de que para além de seu aspecto formativo, o IPN assumiu um viés de modelação ideológica, política e comportamental na vida de cada sertanejo que por ali passou e isso interferiu nas ações cotidianas para que os mesmos se tornassem “cidadãos”. Nessa esteira, como objetivos mais gerais, vislumbramos a possibilidade de desvelar contextos, fato, acontecimentos e personagens que aparecem no processo de formação do sujeito professor/leigo, como figura central nas situações de ensino para identificar as formas de representações destas atividades para compreender como foram instituídas as práticas corporais num engajamento cultural enquanto conteúdo simbólico e moralizante.

Ao pensar mais detidamente, indicamos como objetivos específicos:

- Compreender o movimento de ritualização e escolarização no Instituto Ponte Nova por professores “leigos”;
- Identificar as vivências e práticas culturais e formativas desenvolvidas no cotidiano, como modelação comportamental para um sujeito civilizado.

A validade da pesquisa está em lidar com peculiaridades e especificidades relativas ao sertão baiano, mas sem o descolar da conjuntura macro. Interessa-nos uma compreensão do micro, em relação ao macro, mas não numa situação de dependência, mas sim de pertencimento com as marcas identitárias dos sujeitos/alunos nas questões de cunho pedagógico.

Cabe frisar que, este estudo se associou à linha de pesquisa – Educação, Cultura e Lazer – com aporte na pesquisa histórica. As atividades se dão por dentro do Grupo de Pesquisa CORPO (Cotidiano, Resgate, Pesquisa e Orientação). Uma

vez que este trabalho focaliza uma discussão acerca dos hiatos existentes na História da Educação baiana, principalmente nas Escolas.

Como opção metodológica, a intenção central foi a de ser uma pesquisa descritiva. Tendo como fundo a História Social, já que se multiplicou os seus sentidos e as suas aberturas de significados, além de ser considerada uma especialidade, com objetos próprios e definidos, ou se o “social” que ao seu nome se agrega como adjetivo acaba de um modo ou de outro por fazer coincidir o seu circuito de interesses com a sociedade (BARROS, 2004).

Desta maneira, tomo como fontes históricas os materiais encontrados em uma escola que funcionou até 1971 com direcionamentos do Mackenzie, juntamente com as fontes documentais encontradas e ou álbuns e registros, como: mapas de matrícula, de notas, diplomas e certificados, além de alguns registros fotográficos e fotos de arquivos pessoais e raros depoimentos de ex-alunos e ex-professores da instituição educativa.

No que tange a estrutura, a tese está distribuída em seções, que tentam melhor caracterizar o ordenamento do texto em geral.

2 A CIDADE DE WAGNER E A PRESENÇA DA MISSÃO

Esta Seção busca contextualizar a fundação da cidade, que é hoje chamada de Wagner, num lugar onde já existia um povoado conhecido inicialmente como Cachoeirinha, que, surgiu e cresceu às margens do Rio Cachoeira, se confundindo com a própria criação do Instituto Ponte Nova (IPN). A fundação da cidade contou com ação direta de missionários protestantes americanos, dentre estes, Willian Alfred Waddell e sua esposa Laura Annesley Chamberlain Waddell.

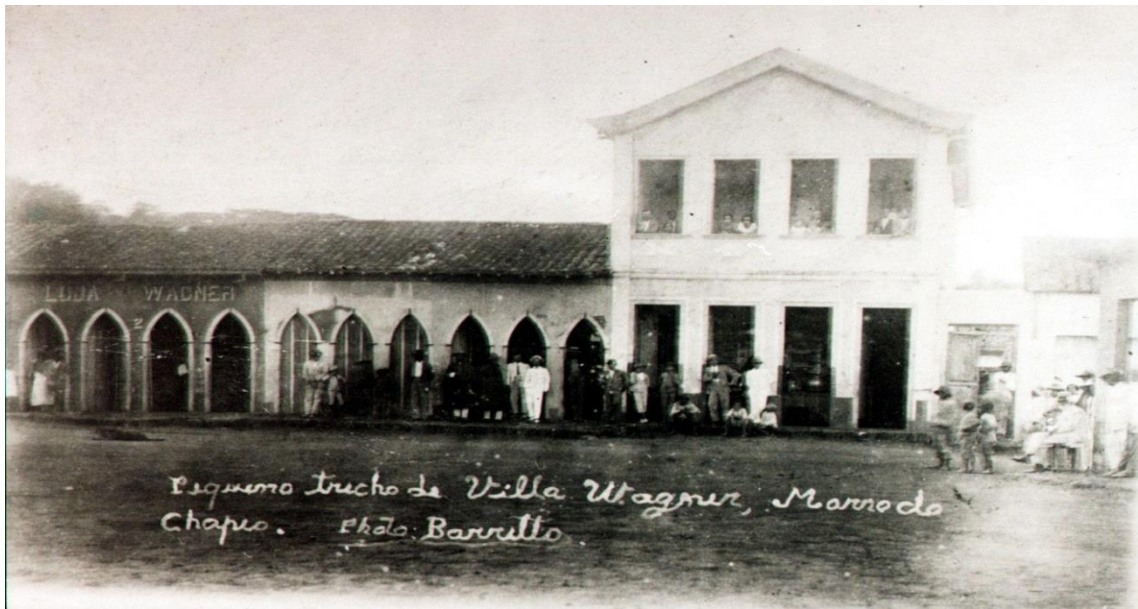
Em 1890, o alemão Franz Wagner, atuou em socorro à comunidade, tocada por uma grande seca. Foi por um reconhecimento a sua ação, que a localidade assumiu Wagner como nome, tendo isso sido oficializado pela Lei Estadual nº 1116 de 21/08/1915.

Tudo começou no ponto de Pouso de Santo Antônio de Orobó Velho. Uma aguada onde paravam as boiadas que vinham do Oeste a serem abatidas na cidade de Salvador. Sendo assim, era um centro de negociação de gado do sertão e era onde se encontravam os passantes, os boiadeiros que cuidavam e negociavam e fazia valer as trocas nesse ambiente (SANTOS, 2016).

O município surgiu às margens do Rio Utinga, onde se observou uma fazenda abandonada, no vale deste rio Utinga, a Fazenda Ponte Nova. Antes de se chamar Wagner, a localidade teve outras denominações: Ponte Nova, Cachoeirinha e Itacira.

A Cidade de Wagner é um Município brasileiro do Estado da Bahia, localizado a uma latitude de 12º17'13" sul e a uma o 390 km da capital Salvador a uma altitude de 460 metros na Chapada Diamantina, 41º10'06" oeste, distando 390 km da capital Salvador, a uma altitude de 460 metros na Chapada Diamantina.

Sua população estimada em 2013 era de 9.504 habitantes. Possui uma área de 417,595 km² e é circunvizinhada pelos municípios: Ruy Barbosa, Lajedinho, Lençóis, Utinga e Bonito cujo acesso se dá pela BR-242, seguindo depois ao Norte pela BA-142 (IBGE, 2020).

FOTO 01. Vila de Wagner em 1902 do IPN

Fonte: Acervo da autora.

A foto acima mostra um pequeno trecho do povoado de Wagner, nas imediações onde foi construído o Instituto de Formação de Professores num ambiente planejado conforme os ideais liberais e republicanos.

Destra forma, a Fazenda Ponte Nova, de propriedade de Luiz Guimarães e Souza, tenente-coronel da Guarda Nacional estava localizada no vale do rio Utinga e por isso oferecia os requisitos necessários para o investimento da Missão Central do Brasil, tendo sido comprada pela Junta de Missões. Nas suas imediações foi fundado o Instituto Ponte Nova em 1906. A nova Escola, antes conhecida como Escola Americana Ponte Nova, mais tarde denominada o Ginásio e, posteriormente, Ponte Nova, se constitui um ponto de referência para todo Sertão Baiano (NASCIMENTO, 2002).

A presença de Waddell, fundador e dirigente central do IPN por quase dez anos, foi marcante e significativa, como um desbravador, que abriu frentes novas para a missão, até que foi, em 1914, convocado para outra missão, desta vez em São Paulo, no Colégio Mackenzie.

Wagner pertence geograficamente ao que, hoje, chama-se de Território da Chapada Diamantina, famosa historicamente como região das Lavras. Porém, quando designava a maior parte do restante da região da Chapada Diamantina, chamava-se de Campo Sertão. Uma vez que os missionários evocavam outro

conceito de Sertão, deixando de lado as características geográficas em si (MORAIS, 2008).

Tradicionalmente, sertão tem a ver com as propriedades físicas ligadas ao semiárido, já os missionários que pensavam o sertão enquanto local que era longe do litoral, uma área pouco povoada ou cultivada, predominavam tradições e costumes antigos (OLIVEIRA, 2000).

Em relação à inserção de valores do homem, o termo sertão faz evocação a um estado de misérias, o qual era vivenciado pelos sertanejos do interior da Bahia, especialmente nos arredores da Escola/Fazenda. Muitos pesquisadores atribuem ao termo sertão uma carga semântica bastante expressiva e isso foi pensado pelos missionários.

Para além de sua categoria geográfica, era considerado suas características sociais, econômicas e de desenvolvimento técnico (OLIVEIRA, 2000). Nesse ato de desvelamento e de tentar situar o povoamento da localidade, faz-se importante, então, contextualizar os estranhamentos ocorridos em detrimento da permanência dos americanos na microrregião e as suas tentativas de afirmação de metas.

Logo à frente faço uma cartografia da cidade de Wagner, gerando uma caracterização desse espaço onde foi construída a primeira escola norma-rural americana no Sertão.

A Cidade de Wagner é um Município brasileiro do Estado da Bahia, localizado na Chapada Diamantina, a 390 km da capital Salvador, com uma altitude de 460 metros. Sua população estimada em 2013 era de 9.504 habitantes. Possui uma área de 417,595 km² e é vizinha dos municípios de: Ruy Barbosa, Lajedinho, Lençóis, Utinga e Bonito. Seu acesso se dá pela BR-242, seguindo depois ao Norte pela BA-142.

A presença americana na cidade se deu desde cedo, pois, foi nestas terras que o Reverendo americano Willian Alfred Waddell bateu, depois de um percurso pela igreja dentro de seu próprio país, saiu em missão e veio dar em terras brasileiras. Segundo Matos (2018, s.p):

Em janeiro de 1906, Waddell mudou-se com a família para a região central da Bahia. Inicialmente, quis fundar a sua escola em Itaberaba, Lençóis ou Palmeiras, porém, devido ao preconceito religioso, não conseguiu comprar uma propriedade. Seguiu então para Ponte Nova, onde a Missão alugou e depois adquiriu uma grande fazenda perto da cidade, junto ao rio Utinga, na então zona

açucareira. A aquisição foi feita graças a uma doação do senador Leland Stanford, da Califórnia. Ali foi criado um colégio evangélico destinado aos filhos dos sertanejos nordestinos.

A foto acima mostra um pequeno trecho do povoado de Wagner, nas imediações onde foi construído o Instituto de Formação de Professores. A Fazenda Ponte Nova, de propriedade de Luiz Guimarães e Souza, tenente-coronel da Guarda Nacional XV estava localizada no vale do rio Utinga e por isso oferecia os requisitos necessários para o investimento da Missão Central do Brasil, tendo sido comprada pela Junta de Missões.

Nas suas imediações foi fundado o Instituto Ponte Nova em 1906. A nova Escola, antes conhecida com Escola Americana Ponte Nova, mais tarde denominada o Ginásio e, posteriormente, Ponte Nova, se constitui um ponto de referência para todo Sertão Baiano (NASCIMENTO, 2002).

A presença de Waddell, fundador e dirigente central do IPN por quase dez anos, foi marcante e significativa, como um desbravador, que abriu frentes novas para a missão, até que foi, em 1914, convocado para outra, desta vez em São Paulo, no Colégio Mackenzie.

Wagner pertence geograficamente ao que, hoje, chamava-se de Território da Chapada Diamantina, famosa historicamente como região das Lavras¹. Porém, quando designava a maior parte do restante da região da Chapada Diamantina, chamava-se de Campo Sertão, uma vez que os missionários evocavam outro conceito de Sertão², deixando de lado as características geográficas em si (MORAIS, 2008).

Tradicionalmente, sertão tem a ver com as propriedades físicas ligadas ao semiárido, já os missionários pensavam o sertão enquanto local longe do litoral, uma área pouco povoada ou cultivada, onde predominavam tradições e costumes antigos e conforme a foto abaixo essa planta nativa tipo o mandacaru que no centro da cidade nos reporta a sua condição de resistência e a bravura do homem do sertão em sua luta incansável para sobreviver frente às adversidades da vida.

Em relação à inserção de valores do homem, o termo sertão faz evocação a um estado de misérias, o qual era vivenciado pelos sertanejos do interior da Bahia,

¹ Ação de preparar a terra para o cultivo; lavoura ou agricultura. A terra que foi preparada para ser cultivada; lavoura. Mineralogia. Ação que consiste na extração de metais.

² Região do interior, com povoação escassa e longe dos núcleos urbanos, onde a pecuária se sobrepõe às atividades agrícolas. Região de vegetação esparsa e solo arenoso e salitroso, sujeito a secas periódicas.

especialmente nos arredores da Escola/Fazenda. Muitos pesquisadores atribuem ao termo sertão uma carga semântica bastante expressiva e isso foi pensado pelos missionários. Para além de sua categoria geográfica, era considerado suas características sociais econômicas e de desenvolvimento técnico.

Doravante a presença missionária, o pequeno povoado tornou-se fonte de referência de negociação, de produção agrícola. Logo depois da aquisição da Fazenda Ponte Nova, os missionários fizeram funcionar e investiram na plantação de gêneros alimentícios como mandioca, verduras, frutas e carne. Isto porque todos os alimentos eram vendidos e enviados para a cidade de Lençóis e eram fornecidos aos garimpos. Contudo, a lavoura principal era cana-de-açúcar com os banguês (engenhos) de madeira que produziam açúcar mascavo, mel de cabaú (melado) e rapadura³.

FOTO 02. Desfile Comemorativo dos 80 anos do IPN – O vaqueiro – representante do povo do sertão



Fonte: Acervo da autora.

³ Rapadura. Ou Raspadura, tijolos de açúcar mascavado. Gulodice tradicional no norte do Brasil. Há rapadura de açúcar branco, rapaduras de laranja, confeitadas com cravos, amendoins, castanhas, etc. Objeto de comércio intenso no Nordeste. Eram famosas as rapaduras do Cariri. Pelos séculos XVIII e XIX era a forma usual do açúcar, especialmente em viagem, e assim registrou Henry Koster em 1810 (CÂMARA CASCUDO, s/d, p. 768).

Face ao que foi colocado, toda a história da criação de uma Escola Americana, ou Instituto Ponte Nova foi construída em torno dos aspectos e princípios presbiterianos, a fim de modificar essa região. Nesse contexto, os protestantes aliaram-se a ação de conversão de novos adeptos a partir da atividade educativa.

Diante disso, as famílias que iam se instalando organizavam fazendas, passavam a cultivar as terras férteis, conseqüentemente, fundaram os pequenos povoados que, mais tarde compuseram as cidades que hoje fazem parte dessa região, que passou a ser considerada, não só pelos missionários presbiterianos, como também por outros conhecedores, como um verdadeiro oásis no sertão baiano (MORAES, 2008).

Sua geografia foi fundamental para uma fauna e flora diversificadas. A região era marcada por uma estratificação social, onde se marcava a ausência do estado e o controle por caciques políticos, os coronéis.

A presença americana sempre esteve ligada à ideia de incutir nos sertanejos uma religião como elo de salvação, incluindo aí, além das ações escolares e religiosas, atividades que envolviam o trabalho com a terra e com a saúde, com a edificação da cidade de Wagner.

Para o desenvolvimento de suas ações, os missionários faziam valer vários atrativos, como: o uso de máquinas; carros; tratores, além da luz a gás, utilizados tanto para o hospital, a escola, como para o templo. Esses recursos potencializavam e mantinham os três ambientes criados para fins de modelação de comportamentos e adequação de princípios de vida similar dos missionários americanos.

Na imagem anterior se vê a figura do vaqueiro⁴, homem de trabalho na terra, sertanejo, tradicionalmente desassistido e que foi, de certa forma, o alvo das ações da missão missionária, além de ter tido seus filhos e filhas também assistidos pelo IPN e nos dois casos, acabou sendo uma forma de ação e dos missionários, educar e conformar novos homens, a partir de seu ideário religioso.

Nessa condição a que estavam colocados os vaqueiros e famílias, abriu-se espaço para as ações de aproximação dos religiosos, que buscavam, também, operar a formação dos sujeitos dentro de seus modelos.

⁴ Figura elementar do sertão responsável pelos cuidados com o gado bovino e cantador de boiadas.

Nilta Lessa, que foi ex-aluna da turma de 1955, recordou de seu pai, um boiadeiro que cuidava e comercializava gado para a sobrevivência, distinguindo-o do vaqueiro que, não era dono do gado, mas sim que transportava e tirava o leite para ser vendido. Contudo, seguindo Nilta, as duas figuras acabavam sendo explorados pelos fazendeiros na labuta do dia a dia.

Vale, por fim, dizer que esse processo de chegada e efetivação da presença protestante não se deu de forma leve, houve sim resistência e tensão, nomeadamente da Igreja Católica, que viu nisso, de certa forma, uma afronta ao seu poder instituído, mesmo que este pudesse ser considerado ausente.

Os membros da família pontenovense conservam sementes permanentes de um relacionamento que atravessa gerações (Professora Bellamy Macedo, 2002, no livro Ponte Nova – Construindo o futuro olhando no retrovisor).

A instalação do IPN assumiu destaque na microrregião, tanto pela instrução, como pelas formas de trabalho pelos americanos que se acomodaram na localidade, a partir de uma tríade: um templo religioso, um hospital e uma escola, espaços e marcas de um ideal civilizatório, que se encontra presente no discurso conforme o testemunho acima de Bellamy Macedo.

A criação de uma escola por missionários americanos, no sertão baiano, com foco em experiências educacionais liberais, onde tanto os elementos internos, quanto os externos deveriam ser compreendidos como um espaço de produção de saber próprio, seguiu padrões instituídos pelo Colégio Mackenzie, localizado na cidade de São Paulo, depois Universidade Mackenzie.

Assim, desde a sua instalação no Brasil, os presbiterianos organizaram escolas de grande porte que ofertavam ensino primário, secundário e escola normal extensiva, a toda “população”, principalmente aqueles que podiam pagar mensalidade e ou alguns que tinham privilégios em receber uma bolsa.

Apesar das dificuldades adotadas, em 1906, Pastor presbiteriano Willian A. Waddel comprou em nome da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos, por vinte e quatro contos de réis, a fazenda Ponte Nova, com 1.650 hectares, de propriedade do Tenente Coronel da Guarda Nacional, Luiz Guimarães e Souza, fazenda cortada pelo rio Utinga, situada a sessenta quilômetros da cidade Lençóis (ANJOS SOBRINHO, 2016, p. 43).

Os religiosos criaram instituições, escolas e colégios e assim se estabeleceram gradativamente em um país tropical, em conformidade com a lógica particular e específica da missão presbiteriana no Brasil, pois os objetivos pedagógicos eram “formar cidadãos civilizados, individualizados treinados nos sentidos e corpos e colocados a serviço da cidade, do estado, da pátria” (BURITI; BARROS, 2016, p. 35).

Nesse contexto, os multiplicadores e protagonistas desses conhecimentos eram os professores leigos, que eram encarregados de divulgar métodos e as atividades aprendidas no IPN com os missionários americanos.

Estes leigos passavam por um treinamento ofertado as pessoas que atuavam para a homogeneização de práticas e de uma cultura escolar específica das escolas americanas presbiterianas. O curso ofertado aos brasileiros era denominado “*Training School*”, que era garantia de se manter o modelo já instituído.

A instalação das escolas de origem americana, fora de seu país, passava pela mão dos missionários, que sempre estiveram nas jogadas para revelar e formar um novo cidadão, para assim, exercer as funções próprias de um verdadeiro cristão. Esses missionários criavam e difundiam sentidos e significados a partir dos quais os sertanejos construíram sua imagem e uma identidade nacional americanizada e republicana sobre si mesmo para mostrar ao mundo.

Somado ao destaque de um modelo educacional norte-americano fez parte do ideal civilizatório propalado e aceito, não somente nos discursos dos missionários americanos, mas que foram também materializados e conformados nas práticas recorrentes do período.

A implantação do instituto foi uma obra de grandes proporções, na medida em que se tinha como objetivo cuidar e instruir o sertanejo através da evangelização e também, promover mudanças no modo de viver na comunidade como um todo. Nesse processo formativo, os momentos comemorativos apareciam como fundamentais, por colocarem a escola, fora de seus muros e aí, se criava um espaço de diálogo maior com a comunidade, dando mais chance ao trabalho de busca de uma aproximação com os ideais presentes na formação do IPN.

As tais atividades festivas do IPN, dentro ou fora da escola visavam também estreitar laços com as categorias de poder, bem como a adesão de outros sujeitos aos princípios de vida estabelecidos pela missão nos ambientes dos americanos do IPN, que se valiam do fato das festas poderem produzir encantamento através de

imagens, sons, cheiros e sabores capazes de seduzir e formar, num processo onde o corpo era veículo de representações e emoções vividas. Através da efusão e do fervor vivenciados nas festas cívicas, o poder dos missionários americanos se manifestava na apropriação do sertanejo e na construção de sentidos para o seu fazer social, incitando-os a comungar de mesmos valores morais que perpassavam pelas festas em sua totalidade.

Na instauração do IPN e as suas às condições de desenvolvimento do plano educacional americano na Bahia, recursos e doações eram realizadas de forma tal, que passavam a constar na parte financeira como um crédito. Eram normais esses atos entre os protestantes americanos, como elemento para disseminar os princípios da religião, além de também interferir na formação dos sujeitos. Esses princípios passaram a ganhar legitimidade através dos rituais estabelecidos pelos americanos presbiterianos no ambiente educativo criado para esse fim.

O IPN, em sua constituição, tentou ser uma referência para o povo local e buscou ir além das questões educacionais, também, os equipamentos e artefatos utilizados pelos missionários americanos eram tidos como inovação.

As influências não se limitavam ao setor educativo, atuavam também na parte agrícola da Chapada, das Lavras Diamantina e, em suas terras auríferas, potencializando disputas pelos minérios, que culminavam num deslocamento populacional para esta região. Em busca de riquezas, os indivíduos contribuíam para o povoamento dos distritos, fazenda, vilas e povoados próximos do Instituto Ponte Nova.

Nesse movimento de tentar ir além das questões educacionais, um novo público passou a ser assistido pelo Instituto Ponte Nova, aparecendo aí a figura do vaqueiro, um personagem com articulação e representatividade característicos de um sertanejo ávido por melhorias e por acreditar no potencial das terras e aí, o IPN buscou aos poucos atender uma demanda de analfabetos que urgia atendimento escolar e que precisava ser civilizado. Foi neste caminho que a domesticação do sertão ocorreu nas Lavras Diamantinas, a partir da vinda de americanos presbiterianos e isso repercutiu nas tentativas de se ressignificar o sertão, marcando as distinções entre campo e cidade.

Pensando sobre o processo de criação de escolas normais rurais americanas, vislumbramos que essas preparavam professores leigos para o exame de habilitação de suficiência em escolas de primeiras letras, na década de 1940. No

que se refere às práticas corporais, é possível contatar que estas estiveram associadas aos aspectos anatômicos, psicológicos e higiênicos, e a implantação de exercícios físicos na escola primária passou a ser na época denominado de Educação Física.

Um fato de grande preocupação inicialmente para a Missão Central foi a preparação de uma equipe capaz de desempenhar com eficácia o seu papel de docente responsável pelo conteúdo. Daí a formação no IPN buscava imprimir não só conteúdos, mas também o pensamento dos protestantes, seu estilo de vida e crença religiosa, incluído aí a visão de mundo, a postura ética e os hábitos de trabalho e de poupança da sociedade norte-americana.

Observamos uma real preocupação dos americanos em promover a educação, através das práticas culturais, os professores leigos tentavam inculcar a fé a partir do trato com a comunidade escolar, com cuidado específico a educação física, naquilo que compreendiam como um equilíbrio das forças educativas, buscando a harmonia das atividades do espírito e as do corpo, num processo que buscava a formação de um sujeito ajustado as formas de ser do IPN e de seus formadores.

Assim, neste fazer educacional missionário destacou-se a importância da educação física, não apenas na promoção da saúde, mas também para garantir vigor das futuras gerações, para formar o caráter, moralizar os costumes e educar à vontade, controlar os ímpetos dos sertanejos causando notória aproximação entre educação física e educação moral.

Havia a preocupação de forjar uma nova sensibilidade moral e cívica, que era expressa nas proposições da missão americana, a partir das práticas da educação física. O objetivo era elevar o sertanejo a um patamar da civilidade. Como consequência, houve um ganho de espaço tanto real, como simbólico, para que tudo fosse aceito pelos sertanejos incultos e desassistidos pelas autoridades estaduais e locais. Ou seja, os missionários assumiram a função de agentes principais e responsáveis pela inculcação de um modelo social e ético-religioso através da educação. Nas lembranças da aluna e professora de Geografia: “Centenas foram gerados no ventre dessa ‘Escola Mãe’ [...] e grandes sonhos em diversos campos profissionais” (BELAMY, 2002, p. 9).

Pensando nessa função ampliada da escola, docentes das instituições americanas eram assistidos com base num modelo de treinamento que visava dar

orientações diretivas para atuarem num novo modelo liberal, com especial atenção para aqueles não adeptos ao credo ou religião. Portanto, foi criada uma “ilha” com as características do lugar de origem dos missionários, para que estes vivessem em situação similar aos Estados Unidos da América.

Em certas situações, profissionais protestantes foram enviados aos locais onde as missões tinham escolas conveniadas ou escolas paroquiais criadas, para que pudessem colocar os docentes em dia com os propósitos missionários. Na Bahia, esse processo se dava na capital do Estado em Colégios que mantinham convênio com o IPN, tais como o Instituto Feminino da Bahia e o Colégio Dois de Julho.

A história da educação no Brasil e na Bahia, muito pelo limitado alcance das escolas, apresentava um cenário fértil para a implantação do protestantismo. Ao passo que as elites se serviram das escolas protestantes, apoiaram-se nas iniciativas e, alguns até mesmo, incorporaram ideais do protestantismo norte-americano, não foram muitos os que se converteram à nova fé, filiando-se às igrejas evangélicas, imperando assim o catolicismo na maioria das cidades (MESQUIDA, 1994).

No Instituto Ponte Nova destacava-se a formulação de uma proposta de formação fundamentada por uma concepção de educação escolar integrada aos princípios religiosos, com perspectivas de conhecimentos pautados na evangelização para educação do corpo, da alma.

No IPN, no sertão da Bahia, esperava-se, através da escola e da atuação dos missionários protestantes e do professor primário, a difusão do ideário de evangelização, paralelo a urbanização, se queria a formação de um novo cidadão, aqui, na verdade, um cidadão ajustado aos ideais civilizatórios missionários com uma formação escolar aliada ao trabalho e que pudesse se inserir nesse pretense novo padrão de sociedade que queria se formular ali no sertão.

Os missionários presbiterianos buscavam reproduzir o cotidiano norte-americano nas escolas e nas casas dos protestantes, através do controle do tempo e de uma rígida disciplina que se apresentava de forma materializadora de ensino confessional. Tais ideais tornaram possível uma aproximação com a realidade americana, construída entre embates e lutas ideológica para instruir o povo sertanejo pela evangelização das almas.

Partindo dessa premissa, foram instauradas mudanças no agir e pensar do povo que se encontrava nas imediações da Fazenda/escola. Assim, a missão presbiteriana executou as ações educativas sem fins lucrativos, para alguns no início, e se instalou definitivamente a partir de um corpo domesticado com o tempo. Tudo isso pode ser observado desde a implantação nas terras do sertão de um projeto pensado, que tinha a função de preparar esse novo cidadão para viver em espaços onde o saber, a saúde e religião foram elementos que corroboraram para a execução do projeto dos americanos na Chapada Diamantina.

Existe na comunidade protestante americana uma prática comum que se perpetuou, a doação. Seja em vida ou após a morte, parte de sua fortuna/herança era destinada a alimentar essa cultura de missões ou ações sociais pelo mundo. Isso pode ser comprovado pelos relatos de ex-alunos e ex-professores, além das correspondências. Por muitas vezes, alunos, geralmente os mais pobres, eram beneficiados através de quitação de dívida e não sabiam quem era o benfeitor.

O Instituto Ponte Nova também prezava por um tipo ideal de postura, tanto dos professores quanto dos alunos. Sua rigidez e disciplina ressoavam de diferentes formas, para alguns eram traços importantes para construção moral dos alunos, para outros, excessos. A suposta racionalidade presbiteriana e sua ética de educação voltada ao trabalho pode se materializar em Ponte Nova, mesmo sendo uma escola do interior. Somado a isto, o Instituto se destacou em toda a região pelo modelo instaurado e pelos resultados manifestados pelos alunos no decorrer de sua formação.

Fica claro que, além da língua materna, havia um trabalho direcionado as datas cívicas e eventos importantes do país de origem dos missionários, fato visto nos relatórios do interventor e em artigos dos jornais locais “Sertões”, “Lidador” e no da própria missão, “O Resplendor”, que faziam registros para disseminar os trabalhos executados e também promover a fé como instrumento de mudanças na vida das pessoas.

Seguindo a lógica da ética do trabalho, cabia também aos estudantes o preparo das refeições e as atividades de limpeza das instalações. O tempo era bem dividido e marcado pelos missionários, de forma que os alunos não tivessem tempo vago, mesclando aulas na escola, oficina e os descansos, uma rotina a ser internalizada e cumprida nos moldes missionários.

Isto era a política de agregar e manter uma qualidade de ensino, na qual as línguas inglesas e francesas eram destaque para que os alunos se manifestassem com propriedade, tanto nas apresentações, como no decorrer das ações e rituais que marcou as representações dos sertanejos e as idiossincrasias dos missionários, frente às questões de convivência e de possíveis resistências.

Enfim, citamos os americanos e brasileiros que se destacaram desde a criação do educandário desde 1906 até 1971, pois trabalhamos com o recorte temporal que nos permitiu elencar com mais propriedade: 1906 – Alfred William Waddell; 1912 – Alexander Rees; 1914 – Edwim Bixeler; 1930 – Samuel Irvine Graham; 1940 – Haroldo Anderson; 1946 – Gordo Trew; 1949 – Elis Lee Graves; 1950 – Jaime Nelson Wright; 1960 – Elson Castro; 1980 – Márdio Brito; 2016 – Ana Célia; dentre outros que fizeram a história no IPN.

O IPN seguiu uma proposta diferenciada contemplando três conhecimentos: agricultura, enfermagem e higiene, bem como saberes relacionados à inovação e incentivo do progresso no meio rural, além de alfabetizar o homem do campo numa perspectiva humanística e civilizatória, sobretudo, pelo modelo pedagógico que passou a ser visto como de vanguarda e pela liberdade de práticas e na organização de suas atividades, de acordo com as especificidades e do plano da missão. Cabe destacar que a preocupação com a higiene e com a saúde também fazia parte do discurso. O ambiente escolar tinha que demonstrar a ordem da missão civilizadora através das condições ideais de ar, luz, mobiliário e postura dos alunos. Tal preocupação com a higiene escolar reforçava valores morais relativos a padrões comportamentais ditos civilizados.

A construção do IPN visava uma edificação que abraçasse não apenas as salas tradicionais, mas também espaços outros, como quadras, oficinas e espaços para artes, além de instalações tipo dormitório, refeitórios, áreas livres e verdes, espaços externos para eventos e salas administrativas. Contudo na Escola/Ginásio, todas as atividades eram controladas e seguiam um cronograma com tempo estabelecido com função controladora e reguladora numa ação constante com uma jornada escolar fixada nos padrões da instituição e missão presbiteriana no modelo de fixação de cronograma americano como controle de tempo. De certa forma, o IPN, a partir de suas rotinas e métodos trazia muitas inovações no campo cultural e científico.

Uma destas inovações foi a adoção das salas mistas como formato de ensino, que se viu envolta numa série de conflitos, principalmente de ordem religiosa. Para tal, a escola se orientava pelas práticas pedagógicas norte-americanas e a difusão de um modelo educacional creditado ao ideal de uma sociedade civilizada por incorporar hábitos cotidianos relacionados à postura e higiene que seriam modelos para serem seguidos. Segundo Anjos Sobrinho:

O modelo de Estação Missionária Ponte Nova, fundamentado na fé Presbiteriana, educação, moral, saúde e trabalho, estendeu-se para Mato Grosso na cidade de Buriti (escola) e Araguaia (hospital); Goiás, cidade de Veadeiros (escola), cidade de Jataí (Instituto Samuel Graham), cidade de Rio Verde (hospital e escola) e Anápolis (escola); Bahia, na cidade de Bom Jesus da Lapa (fazenda, clínica, templo e escola primária) (ANJOS SOBRINHO, 2016, p. 45).

E para tanto, na visão da ex-aluna e pesquisadora Márcia Gonçalves, o IPN transformou-se em um “centro de referência em educação, tanto na disciplina quanto na oferta e na qualidade do ensino onde a escola deveria ser um “instituto de educação intelectual, moral e physica” (MORAES, 2008, p. 60).

O IPN viveu a partir dos anos de 1950 um período de destaque, pois foi o ano em que o Instituto se tornou mais procurado em virtude do padrão da educação oferecida e pelo conceituado corpo docente, ao lado das atividades variadas que eram oferecidas.

Estando localizado numa região a margem dos grandes centros, o IPN pode viver as alternâncias específicas das formas de poder no interior, ou melhor, do sertão, uma cena social tradicionalmente deixada de lado pelas formas de poder usual e que, portanto, vivia a constituição de suas forças políticas e econômicas de forma muito particular. Assim, o IPN, em sua fundação e existência viveu paralelo a história política sertaneja, junto aos poderosos da região.

FOTO 03. Centro de Memória Alexandre Neemias

Fonte: Acervo da autora.

A região em que foi fundado o Instituto Ponte Nova era envolvida em lutas e guerrilhas sustentadas com afinco por coronéis considerados os “donos de poder”. Esses embates, claro, simbolizavam formas de se colocar na cena política e aí, as diferenças e as intenções, até mesmo em relação ao papel social da escola se demarcavam.

Na foto anterior avistamos o museu intitulado – Reverendo Alexandre Neemias – que foi ex-diretor e professor do IPN. Este espaço serve para abrigar a memória dos americanos em terras brasileiras, em sua passagem pelas terras sertanejas, passagem esta que se marcou pelo binômio de evangelização x educação, em torno da ótica da missão da igreja e sua extensão a sociedade sertaneja.

Na sua raiz, o povoamento do local onde se instalou o IPN passou pelo crivo dos coronéis, destes, alguns foram convertidos ao protestantismo e outros se tornaram parceiros do IPN, atuando na indicação de pessoas para o adentraram como estudantes. Destas pessoas indicadas, algumas pagavam, enquanto outros tinham que pagar com trabalhos como forma de retribuir os estudos. Tal fator serviu para marcar as diferenças sociais e econômicas e por extensão as oportunidades,

que no sertão apareciam no cotidiano, com as distâncias entre uma determinada elite e o restante da população.

Nesse jogo político entre os mandatários das regiões sertanejas, a população local e os poderes da capital, a Bahia viu se instalar uma autêntica “luta” de poderes e interesses, onde se buscava como que uma separação de poderes, em que uma força política não interferiria na outra. Tal fato foi quebrado, quando em um determinado momento da história baiana, um movimento de intromissão nas eleições ao governo do estado foi gestado, colocando frente a frente os poderes da capital e dos coronéis.

Diante de todo o contexto político da região, o Instituto Ponte Nova por estar numa área isolada, de certa forma, conseguiu manter-se à parte, pois as forças políticas locais não eram um instrumento primordial para os missionários, que continuavam seu investimento no projeto da Missão Central, que visavam que os trabalhos evangelizadores chegassem às famílias da região.

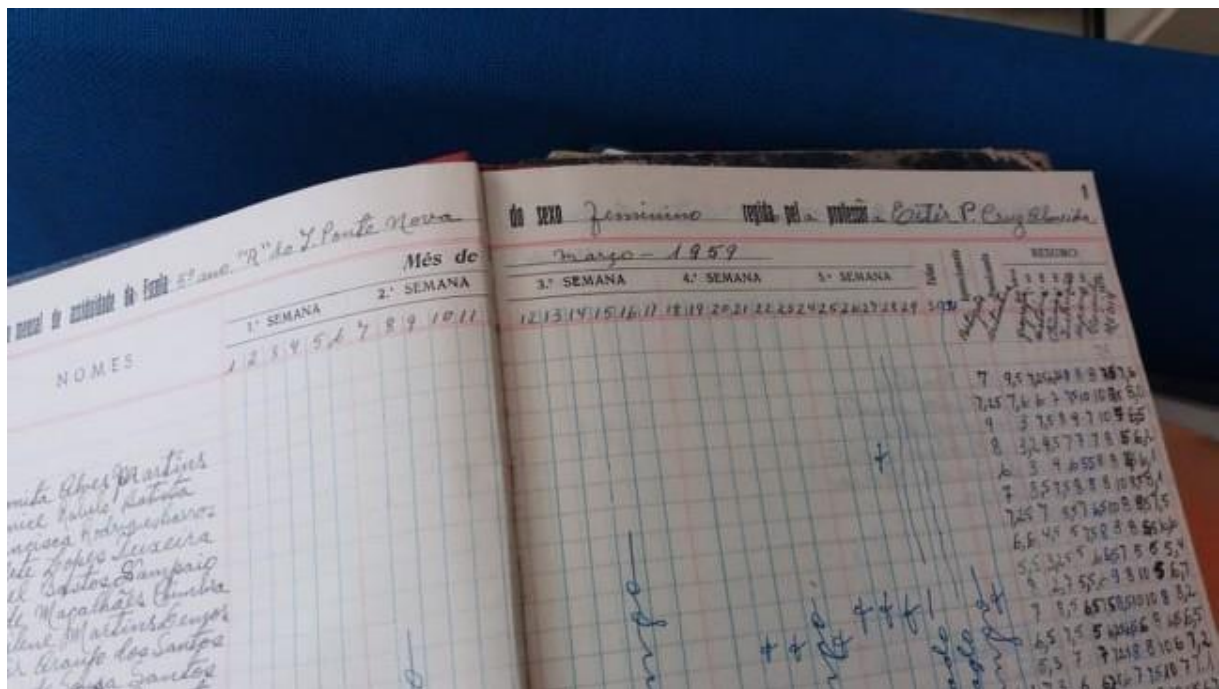
A missão americana, representada no IPN, visava instalar e sustentar uma base religiosa formativa, em que a formação dos sujeitos sertanejos representava afirmação de um modelo ético e estético de sociedade, onde os valores religiosos conformariam um modo de ser e de estar em sociedade, bem como a própria sociedade. Desta forma e por este tipo de interesses, participar da cena de poderes políticos não interessaria aos missionários, já que, como estranhos ao local, lhes interessava mais poder circular e conviver, do que estar em jogos de poder.

A presença missionária na região visava efetivamente, através da educação e de outros serviços, a construção de um ideal de civilidade que se pautava na ética do trabalho, de hábitos cotidianos rigorosos, que se representavam nas práticas escolares e em outras atividades dentro e fora do espaço do IPN. Efetivamente, se buscava a expansão da religião através da instrução, marcando o lugar social de uma forma e modelo de sociedade, que no caso, era estranha ao meio, mas que ao mesmo tempo foi incorporada, haja vista as ausências do poder público.

Tal condição de abandono, de certa forma, assustava até mesmo os missionários, que se surpreendiam com as precariedades da região, como: analfabetismo, condições higiênicas, doenças como a febre amarela, a doença de chagas e a ausência de médicos na região e o uso de recursos agrícolas atrasados nas terras.

No Instituto funcionava uma tipografia onde se produziam cadernetas (exemplo na imagem abaixo), papel timbrado, os diários de classe, os cadernos dos alunos, livros e todo o material de consumo da escola. Ainda, os missionários presbiterianos norte-americanos perceberam a importância da palavra impressa para divulgar seus ideais religiosos e consolidar seu trabalho de evangelização e educação. Além de traduzir, começaram a produzir sua própria literatura, para que esta pudesse chegar a todas as pessoas sertanejas.

FOTO 04. Caderneta do ano letivo 1959



Fonte: Acervo da Autora

O IPN contava com um estúdio de rádio, que produzia programas próprios para o espaço escolar e ainda, possuía um sistema de sonorização, com serviço de alto-falantes, que se voltava basicamente para o desenvolvimento para e pelos alunos de programas recreativos.

O Instituto também era servido por uma usina hidrelétrica, que foi construída para nutrir de energia, além do IPN, também os internatos, o hospital e à igreja, bem como a própria comunidade de Ponte Nova.

Tal tipo de ação, além da manutenção dos serviços essenciais, comprova os investimentos dos missionários na região, que afastada da capital penava com a carência de atendimento essencial, assim, o grupo missionário também aparecia

para a comunidade, como uma Instituição capaz de se elevar a um patamar de civilidade, servindo isso para guardar interesses e valores religiosos naquele seio social.

A partir da energia elétrica, os missionários, além de atender os chamados serviços essenciais, ampliaram suas formas de contato com a comunidade, contando com diversos modos de comunicação, a exemplo do rádio amador. Tal tipo de serviço aparecia como algo inovador e marcava, junto à comunidade, a força, inclusive econômica, daquele grupo missionário, em um espaço que se via, em média, abandonado pelo poder central e assim, as aproximações de ordem social se faziam mais fáceis e geravam um potencial relação entre nativos e a missão.

O IPN era mantido pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América, não recebendo nenhuma subvenção do governo brasileiro e ministrava ensino religioso, presbiteriano, de caráter obrigatório, sendo um estabelecimento de natureza privada e confessional que mantinha a tríade de evangelizar, instruir e cuidar da saúde como pressupostos de ordem.

O IPN desenvolvia suas ações educacionais, claro, sob forte ética do trabalho, onde uma forma de ser ascética preponderava. Dessa forma, todas as pessoas que eram alunas da Instituição assumiam obrigações e destas muitas diziam respeito ao funcionamento da própria Igreja, fator que também servia para demarcar o imperativo moral religioso na formação escolar.

Dentre as possíveis obrigações e funções, apareciam coisas como: presença nos cultos, domínio dos ritos religiosos e participação no coral. Também existiam as tarefas de trabalho, como a lavagem de roupa para todos, cuidar dos próprios pertences, ajudar em funções rotineiras de cuidados com o espaço.

O IPN começou a funcionar com o número de seis meninas, todas oriundas de famílias de tradição na região, grandes comerciantes da época, com presença e atuação nos municípios de: Irecê, Ponte Nova, Bonito, Orobó, Fazenda Flores, Campo Formoso, Baixa Grande, Miguel Calmon, Morro do Chapéu e Jacobina. As meninas tinham suas origens nas famílias: Dourado, Galvão e Lessa.

É importante afirmar que, as famílias dessas alunas, segundo os preceitos da missão, eram de locais não evangelizados e daí se abria espaço para a perspectiva educativa protestante, com uma forte valorização do trabalho, com foco nos ideais de evangelização, para a formação de moças e rapazes segundo os princípios cristãos.

Outra ação formativa do IPN que assumiu importância em seu processo de aproximação das comunidades foram as atividades festivas, notadamente as fora do espaço da Instituição. As comemorações e os rituais escolares, com o tempo, se sofisticavam, com um calendário específico, com destaque para os desfiles cívicos e festivos e para a data que marcava a entrada dos missionários americanos presbiterianos no Brasil. Outras celebrações ficavam restritas ao auditório, pois eram festas voltadas ao aspecto formador interno ao IPN.

As festividades, segundo registro no livro de atas e no calendário, deveriam conter sempre uma parte literária, musical e de outra esportiva e que não acarretassem despesas às famílias dos alunos. O IPN, dentre outras coisas, buscava com as apresentações garantir o prestígio da instituição em seu valor representativo, na busca por assumir um diferencial institucional. Os missionários e participantes da Igreja Presbiteriana buscavam também lançar luzes sobre a instituição, conferindo a ela visibilidade e ou (re)afirmar as atividades culturais que deveriam ser partilhadas por todos do entorno, até as famílias de alunos.

O IPN buscava sempre fazer com que em todos os tipos de festejos aparecesse sua identidade educacional própria, como uma forma de promover um alargamento das suas relações com a comunidade e mesmo, uma forma de estabelecer vínculos e com a população, para além dos atos cotidianos de aula.

Outra forma importante do IPN se projetar e com isso, também fazer projeção dos ideais missionários eram as possíveis aparições em jornais das suas redondezas e isto, era mais fácil em momentos em que existiam eventos cívicos ou celebrações, dentro ou fora dos muros da Instituição.

Pensando os eventos e suas formas de celebração, o IPN buscava aliar nas suas ações educativas, uma formação cívica, o ensino de cuidados de higiene, aliados a uma formação moral segundo preceitos da ética protestante e aí, o trato com o corpo também aparecia como essencial. Nesta conjunção, se buscava a constituição de uma noção de pertencimento, daquelas pessoas, sertanejas, aos ideais missionários protestantes.

FOTO 05. Momentos Festivos e Cívicos de IPN

METRÓPOLE

12/07/2018

Fonte: Arquivos da Autora

Por esse motivo, as apresentações, quaisquer que fossem, não podiam fugir do propósito da missão e, por isso, as exigências morais e higiênicas eram prioridades estabelecidas na proposta da missão, que se apresentava com uma visão liberal e com viés (re)formulador de comportamentos e atitudes moldadas pelos padrões americanos, base da missão.

Os eventos diversos que se davam por dentro das ações educativas do IPN, acima de tudo, buscavam estabelecer uma conexão entre o social, cultural e a religião, na emergência de se formar um perfil social, desse novo cidadão sertanejo, americanizado que já nascia sustentado por metáforas simbólicas de regime presbiteriano americano.

Podemos afirmar que a intenção missionária era formar uma ilha de civilização, num país tropical, numa investida civilizatória que veio a funcionar como estratégia para sensibilizar o povo sertanejo, obedecendo aos propósitos da tríade educação, saúde e religião, sempre de acordo com o regimento interno que pregava

também que o IPN deveria inculcar nos ânimos dos alunos os princípios fundamentais da vida colegial, tais como: consideração mútua, a honra, o alto senso de responsabilidade, a esportividade, a obediência, o respeito à autoridade, o amor à verdade e o apego ao bem.

As ações missionárias se moldavam a partir do IPN e pretendiam evangelizar outro povo, com ações que buscavam “instruir, cuidar, civilizar e curar”, aliando um planejamento educacional aos serviços sociais de saúde, pois, como visto, a região era desprovida de assistência por parte das autoridades governamentais. Assim, a escola e todos os seus espaços, símbolos e marcas serviam como elementos para a construção dos pretendidos valores missionários.

Como ideal pretendido pela missão estava a ideia de lançar uma alternativa de fé e civilidade, segundo modelo americano, com fins evangelizadores, moralizantes e de cunho civilizatório, para forjar esse novo cidadão, dentro de ambiente de instrução, que buscava forjar o povo sertanejo segundo ideais, princípios sociais e políticos que regiam a sociedade americana.

A presença da missão na região sertaneja também se marcou pela própria construção do IPN, onde a edificação causou impacto, por si, haja vista suas diferenças estruturais em relação as demais do vilarejo, na sua maior parte feitas em adobe. Essa marcante diferença na obra, simbolizava o poder missionário e sua força na região, mas ao mesmo tempo, tornava o IPN um lugar atraente, um lugar de civilidade para pessoas, que a sua maioria, viviam em meio a condições rudes.

O educandário, que visava atender a classe média e a baixa renda foi organizado financeiramente no sistema de “*self-help*”, onde o estudante que não possuía renda e cujos pais não dispunham de recursos financeiros. Existia possibilidade de bolsas e ainda, se tinha a obrigação de contribuir com trabalhos para custear os estudos. A Missão arcava com as despesas dos salários dos professores e os equipamentos, já que esta, acima de tudo, buscava ser a portadora de mudanças de hábitos, costumes, religiosidade, entre outros e para isso tentava difundir a religião e a inserção da própria estética protestante, num ambiente social fragilizado, assim, se tentava pela via da aproximação com a população atingir a todos que se encontravam desassistidos, tanto espiritualmente quanto socialmente.

De acordo com os seus princípios éticos, os norte-americanos consideravam a educação, a questão educativa, uma obra missionária, um dos pilares a serem

explorados e toda a proposta era articulada no viés da fé com os valores sociais protestantes.

Tudo se aliava a uma ação missionária imbuída de um sentido de coletividade, pois visava atingir a família dos sertanejos, mesmo os não matriculados. Desta maneira, a missão projetava a criação de uma cultura escolar definida a partir de regras específicas e a conformação de comportamentos.

Para estas funções de ordem missionária, a Escola demandava um professorado que da mesma forma, assumisse estes moldes e padrões sem suas ações. Para tanto, ela contou com docentes americanos e brasileiros.

Essa composição docente se articulava aos ideais missionários e incorporava sentidos educativos típicos dos valores que condiziam com a moral protestante e aquilo que se projetava para aquela comunidade em específico, abrangendo pessoas de dentro e de fora da missão. Se nota, no IPN, que com o avançar dos tempos, seus ex-alunos e alunas foram também chamados a compor o corpo docente.

A partir de um arquivo pessoal da Professora Risolete Nunes avistamos adiante um quadro com uma lista de disciplinas com seus e suas docentes. Nele avistamos um conjunto de disciplinas, que vão das mais correntes, as que são mais específicas do cenário específico do IPN, como as voltadas ao trabalho rural.

FOTO 06. Docentes do IPN em 1942

Colégio de Santa Rosa	
Relação dos Professores por o ano de 1942.	
Dalila do Carmo Costa	Português - 1.ª
Roome Moryscott de Mattos	Ciências de Educação, Higiene História do Brasil - Port. 2.ª e 3.ª
Eudes Ferrer	Geologia
Francinila Nunes	Francês, Ciências Físicas
Risoleta Nunes Santos	Geografia e Cartografia Educação Física
Ciddia Nascimento Dias	História Universal, Instrução Moral e Cívica, Ciências Natu- rais, Literatura Nacional Hist. Ge.
Sylvia Bastos Martins	Matemática, Desenho
Julietta Valladares de Andrade	Prendas e Trabalhos Manuais
Adalgisa Martins de Oliveira	Música e Canto
Manita Duarte Ferrer	Agricultura

Fonte: Arquivo Pessoal da Professora Risoleta Nunes

O IPN, em sua constituição essencial buscou atrelar sua formação aos elementos essenciais da vida da comunidade, para tanto, a ideia de uma escola em que os ensinamentos seriam voltados para o ambiente que viviam, preparando os jovens para o serviço, mas também para a continuação da existência, sob a dinâmica de uma perspectiva protestante. Vale dizer que existiam padrões diferentes de ensino para mulheres e homens, contando até com disciplinas específicas, a exemplo de meninas/mulheres com o trato doméstico, trabalhos de agulhas e as prendas domésticas e as aproximadas do trabalho rural para homens, mesmo que rapazes e moças estudassem juntos.

Em todo esse processo de formação buscada no IPN, havia sempre a perspectiva de uma formação moral e de condutas e comportamentos. Aí, assumiam valor as disciplinas e práticas que lidassem com o corpo, como um meio de existência, de convivência, de estar em sociedade, segundo preceitos distintos a tradição do sujeito. Assim, o IPN tratou de trabalhar com a modelação dos corpos e

também, com uma ideia de inculcação de valores estabelecidos com base na moralização.

Havia também, a noção a partir de uma ética cristã, de valorização de esforços individuais, que numa lógica meritocrática levariam o sujeito a alcançar sucessos e vitórias e para isso, as práticas corporais ganharam sentido como saberes escolares que assumiam esta possibilidade.

Estando o IPN num lugar em que o Estado não se fazia muito presente e que ainda contava com baixos índices sociais, houve, de certa forma, um estranhamento e mesmo até, a princípio, certa repulsa a presença protestante, muito por conta da larga influência católica e da já instituída distinção social, onde a escola se colocava como um espaço de poucos. Assim, era motivo inovador o fato de homens e mulheres conviverem no mesmo espaço, além da oferta de atividades, como o esporte como práticas educativas no Instituto Ponte Nova.

Este contexto pouco comum contribuía para que os estudantes mudassem aos poucos seus costumes familiares e, ao mesmo tempo, adquirissem outros códigos através da instituição, códigos como os de: conduta, costumes (alimentares, modos de sentar-se à mesa), disciplina, dentre outros. Implantava-se uma cultura escolar vinculada ao que de mais moderno em termos de escolarização primária como lugar de vivências e de território.

Um dos diferenciais desta instituição foi promover as salas mistas, a coeducação e o esporte, como ações educacionais, ofertando aos estudantes a possibilidade de se tornarem mais civilizados e instruídos, a partir dos referenciais da missão. Enquanto ambiente formativo, o IPN foi à primeira instituição de ensino secundário da Missão Central do Brasil que se instalou em área rural, tendo funcionado como polo irradiador da missão evangelizadora, tendo servido como instrumento reprodutor de um modelo de vida para os sertões, através das escolas paroquiais e igrejas fundadas que foram dirigidas por eles com base no projeto da missão.

Todo o princípio coeducativo e os métodos pedagógicos protestantes eram copiados do modelo norte-americano gestado no Instituto Mackenzie. Como exemplos, se introduziu o método intuitivo e a leitura silenciosa, diferentemente do que faziam as escolas brasileiras, com seu costume de leitura em voz alta e decoração sem raciocínio. Seguindo as normas da tradição do pragmatismo norte-americano, que dava grande ênfase ao treinamento manual, à ginástica e aos

esportes, os protestantes do Mackenzie não admitiam manifestações de preconceito de qualquer espécie, fossem de raça, sexo, político ou de orientação religiosa.

Toda a base didático-pedagógica era americana e se utilizava a observação e a experiência como elementos fundamentais do aprendizado com práticas inovadoras. Porém, algumas experiências foram incorporadas e introduzidas, como às práticas esportivas e a educação física, que tinham o efeito pedagógico de perceber que o esforço de cada um contribuiu para um resultado de conjunto.

Nesse viés, os sentidos atribuídos à docência foram incorporados a um viver, em locais onde foram aos poucos se apropriando de atitudes, hábitos e de modos de vida, com os quais se constituíram professoras em uma escola americana a partir do *Traning School*, que era uma metodologia que incorporava aos conteúdos, atitudes e comportamentos.

Tudo isso, fez-se necessário a partir do entendimento de como as trajetórias de leigos professores foram produzidas no entrelaçamento entre o pessoal e o profissional, sobretudo nas questões referentes ao pertencimento à profissão docente e sua constituição identitária, que foi marcada pelo respaldo moral e civismo na sociedade da época. Todo esse conjunto moral, pedagógico e assistencial possibilitou a entrada dos americanos nos lares dos sertanejos que se sentiam conformados e confortados pelo cuidado espiritual e com a preocupação em torná-lo um sujeito diferente num mundo civilizado.

Alguns dados sobre as principais cerimônias religiosas e os cursos formativos e bíblicos, além de trabalhos assistenciais diretos ao sertanejo que aconteciam dentro do Instituto Ponte Novas eram disseminados na região como forma de apresentar o êxito da expedição presbiteriana enquanto salvação das almas. Essas novas formas e propostas de vida não deixaram de gerar tensões. Na escola, além das práticas ensinadas regularmente, somavam-se aos ensinamentos culturais norte-americanos, como os esportes, que foram inseridos no instituto como elementos inovadores (SANTOS, 2016).

Uma das prerrogativas centrais do IPN estava no fato de que o ambiente e a vida americana eram reproduzidos nas escolas e nas casas dos protestantes através da ordem, disciplina e limpeza, para tentar fazer com que alunos e alunas se apropriassem dessa ética do trabalho em todos os aspectos da vida.

Havia, no entanto, algumas atitudes e ações que tornavam diferencial o atendimento em escolas americanas, como: livros didáticos traduzidos, a

regulamentação do ensino noturno e profissionalizante e a preocupação com a Educação Física instituída na escola americana presbiteriana.

Existia nas escolas missionárias américas a premissa de se ter uma organização em rede destas mesmas instituições, a partir de um plano educacional que visava privilegiar a estrutura e dimensão pedagógica, com um calendário festivo e cívico padronizado e com normas disciplinares capazes de interferir na conduta dos alunos, tidos como sertanejos desprovidos de conhecimentos e na sua maioria analfabetos.

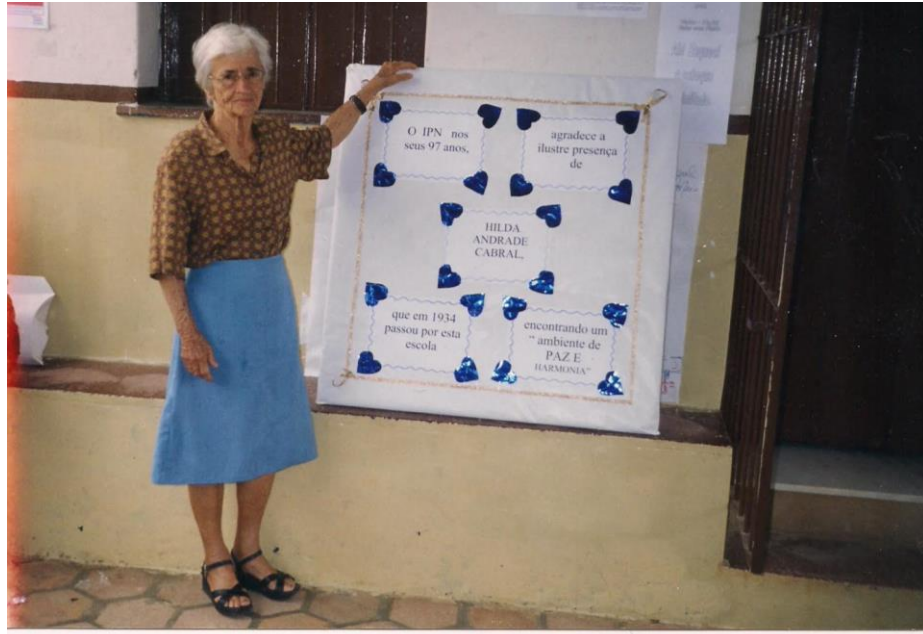
Outro destaque deu-se por conta da criação de grêmios estudantis, aliado a um discurso do progresso e participação, como forma de tentar fazer despertar um sonho do progresso, da operosidade, do vigor e de disciplina, manifestos pelos imigrantes presbiterianos, influenciando o povo.

Existia a compreensão de que ordem e disciplina eram requisitos constitutivos da racionalidade didático-pedagógica, condições para realizar o ensino e meios para alcançar as finalidades de civilizar e moralizar.

Para tanto, se valorizava sobremaneira, a obediência e a preservação da ordem, com a observação das hierarquias, isso, para evitar casos de indisciplina e desvios da ordem, que quando ocorriam eram tratados sem muito alarde, com a proibição de castigos, sendo as punições feitas de outras formas e em casos de recorrência, poderia ocasionar a expulsão. Nessa linha controladora, a coeducação de meninas e meninos exigia uma atenção redobrada, fazendo com que as pessoas da Direção cuidassem de perto o dia a dia das meninas.

Nessa linha, o IPN construiu, junto à comunidade uma imagem pautada numa lógica disciplinar tido como rígida, de maneira a intimidar estudantes e os trazer para o aspecto moralista da formação.

Na foto abaixo, a ex-aluna e ex-professora nos mostra um painel com um mapa conceitual que versa sobre o tripé corpo, alma e mente, num viés que buscava dar cabo ao real funcionamento do currículo base do IPN. Outro ponto chave do IPN em seu funcionamento e relação comunitária estava no processo de cessão de bolsas para que filhos de pessoas sem renda pudessem estudar e assim, se integrassem aquela comunidade protestante em seus ideais.

FOTO 07. Aluna da Turma 1954

Fonte: Arquivo IPN

Sob a ótica dos missionários todos os ensinamentos e a própria proposta da missão foram gradativamente incorporadas e internalizadas através de festejos cívicos e morais e/ou celebrações e solenidades formativas, onde os elementos de fé buscavam a transformação político-social dos sujeitos. Enfim, o ciclo das festividades e eventos se confundiam com as experiências cotidianas, que assim podiam ser internalizadas num movimento de criação de condutas “ditas” como adequadas ao novo ser.

Havia no IPN, além das pessoas que dependiam das bolsas, outras que eram custeadas pelo próprio salário de familiares. Tais pessoas tinham profissões, tipo: sapateiros, marceneiros, lavadeiras, arrumadeiras, cozinheiras, eletricitas, motorista, chefes de cozinha, entre outras. Todo este povo, além de estar na escola, também tinha participação nos cultos, até mesmo como uma forma de agradecimento pela salvação do corpo e da alma, num círculo de subserviência e de dependência que extrapolava os muros das instituições, dando margem ao perfil controlador de condutas e comportamentos do IPN.

A relação entre educação e trabalho se configuravam numa dupla face, vista pela latente necessidade de se educar o indivíduo para uma sociedade livre, não escravista e ainda, se buscava alterar a feição negativa dada a atividade laboral, isto, a partir de práticas que se acreditava serem as mais adequadas e compatíveis

com a Missão dos Americanos, sem causar estranhezas a todos alunos e aos não presbíteros.

Enfim, se tentava ter controle de todos os aspectos da vida cotidiana do instituto, a partir da meta dos americanos de atuar diretamente na formação e conformação daquele público, visto como de vida desvalida, mas também entre os endinheirados da localidade, importava, criar modos e hábitos de conduta e comportamento ajustados ao ideal missionário presbiteriano.

Já vimos que a Missão Presbiteriana criou uma instituição de educação, responsável pela escolarização no sertão, longe dos poderes públicos da capital, que assim, acabou funcionando como um local estratégico para sua atuação, com vistas a formação de um sujeito nos moldes liberais e presbíteros.

Sob essa lógica, esta instituição se pautava num conjunto de experiências, vividas como o cerne da difusão de modelos de comportamento, portanto, como exercício de poder, a tarefa do IPN ia além do ato de aula e buscava também influenciar na modelização de condutas e sentimentos, interferir nas atividades produzidas em sentido cultural, para também dar uma visibilidade ao projeto da escola.

Nesse desenho, o Instituto Ponte Nova foi criado para ser uma escola fazenda, que depois se constituiu numa escola confessional, com a meta de formar “material” humano diferenciado, necessário a propagação de seus ideais tanto religiosos, quanto instrucionais.

Para isso e pensando na plenitude de alcance de sua formação, havia foco também nas festas escolares, vistas como importantes para a ampliação de sua atuação, para além da área religiosa e que ainda, poderia favorecer a criação de uma imagem positiva da instituição.

Além disso, é importante registrar, segundo Mesquita (1992, p. 35) que “todas as atividades do colégio, desde o simples ato de pôr à mesa e preparar o cardápio, até à pedagogia e as atividades internas sofriam influência norte-americana”.

Sabe-se que os colégios protestantes foram, sem dúvida, agentes de transplante cultural, numa estratégia formativa essa transposição vinha embutida nos procedimentos do dia a dia. Assim, como visto, todos os princípios e métodos eram inspirados nos modelos americanos, a partir de um projeto próprio da missão, idealizado na intenção de implementar mudanças no sertão baiano.

Tal dinâmica englobava a cultura escolar através das práticas educativas diversas, cotidianas ou pontuais, visando imprimir nos corpos dos educandos aspectos relativos à formação cívica, moral e higiênica. Embora, todo o projeto educacional implementado pelos missionários norte-americanos fosse privilégio dos evangélicos, ao se expandir pelo sertão, ele também como “presente” aos filhos de não adeptos do protestantismo, visto como uma luz de saber no sertão para educar as minorias desassistidas pelo poder local e estadual.

O IPN, ao mesmo tempo em que era um espaço de instrução, era propício para a difusão de um ideário cultural e religioso, também a partir da inserção de práticas corporais.

Para além do sertão baiano, os colégios protestantes, instalados em quase todos os estados brasileiros, tornaram-se atração entre as elites nacionais e modelo para as reformas que foram acontecendo na legislação educacional (CLARK, 2005; NASCIMENTO, 2005; HACK, 2000; BARBANTI, 1977 e MESQUIDA, 1994). O modelo missionário, para além dos ideais protestantes incluía pensar o conjunto da escola, daí, fatores vários eram importantes, passando pelo mobiliário, pelo equipamento escolar, pela arquitetura e claro, a organização pedagógica. Assim, do que foi assimilado pelos estudantes, muito estava nos costumes para seu dia-a-dia, principalmente pela proposta pedagógica vanguardista para os padrões educacionais brasileiros.

Em sua fixação em terras baianas, o IPN foi do ensino primário ao curso normal, além do técnico em enfermagem, cursos bíblicos, de técnicas agrícolas e outros de origem teológica. Ainda, a escola foi adquirindo máquinas e projetando novo saberes junto à comunidade ao redor da antiga fazenda, oportunizando aos pais e responsáveis uma vaga de emprego, como forma de custear e se beneficiar nos arredores da Vila Itacira, na Fazenda Ponte Nova.

O IPN, ao longo dos tempos foi se destacando, num movimento de escolarização aliado aos saberes evangélicos e aos cuidados com a formação corporal, se desenhando como uma instituição de instrução renomada em toda a região e arredores.

Pensar uma escola para o meio rural exigiu que os missionários considerassem suas especificidades, em adesão a um projeto educacional com viés político e econômico voltado para o esse ambiente (MURITIBA, 1998). Foram

tomadas como pontos de partida as experiências e vivências sociais, frutos de escolarização advinda da cultura americana, apoiada no credo religioso.

Tais aspectos nos ajudam a entender o circuito educacional do protestantismo numa região empobrecida, que vivia em circunstâncias de assolamento e de seca. A instalação do IPN possibilitou ao sertanejo retirante se instalar as voltas da sede do Instituto, em busca de sobrevivência e oportunidade de trabalho promissor e de garantia de assistência aos seus filhos.

Uma das preocupações dos missionários era com a admissão dos funcionários e professores, por entender que isto era essencial para dar conta da responsabilidade da institucional na formação do sujeito e na disseminação dos valores caráter religioso, num formato americanizado. Para isso, se buscava motivar e incentivar os alunos a seguir um modelo de educação que pudesse propiciar mudanças comportamentais e ao mesmo tempo instituísse valores diferenciados na sociedade, que não aqueles já vivenciados pelos católicos em sua totalidade.

A expansão e extensão dos trabalhos da missão no IPN, acabou por ocorrer uma maior busca pelas vagas, fazendo com que coronéis, fazendeiros e correligionários buscassem espaços para seus filhos, mesmo que vivessem sob outro preceito religioso.

Cotidianamente, os alunos do IPN experienciaram as ações educativas instituídas, que se materializavam com claro desenho religioso, baseadas na autonegação, na paciência e no comportamento ético, onde as falhas e atitudes inadequadas precisavam ser reconstituídas no decorrer de sua formação.

No IPN, as ações eram desenvolvidas com base em modelos a serem seguidos, desde o momento da matrícula, onde se exigiam documentos como: atestado de conduta, comprovação de ter cursado ou frequentado escola e atestado e condições biofísicas e mentais, expedido por médico legalmente comprovado e as vacinas em dia, para não haver risco de proliferação de doenças no ambiente.

Outra ação perspectivada pelo IPN era a de formar professoras para suas escolas e homens que seriam evangelistas e futuros pastores de suas igrejas, transformando-os em agentes de uma nova proposta civilizatória.

O Instituto Ponte Nova transformou-se em centro de referência, tanto na disciplina, quanto na oferta e na qualidade do ensino, com efeito difusor das ideias protestantes e norte-americanas. Assim, tornou-se procurado, justo pela reconhecida qualidade educacional e rigor na formação de valores. Assim, as salas

do IPN passaram a ser ocupadas por famílias de tradição na região e mesmo de outros lugares que lá se instalaram. Dentre ex-estudantes que passaram pelo IPN, destacaram-se profissionais que completaram sua formação nas mais diversas áreas, como: médicos, políticos, escritores, professores, religiosos.

O Instituto Ponte Nova apresentava um traço peculiar, com uma postura proselitista, ao tempo que almejava formar novos pastores e professoras para dar continuidade ao seu projeto (JATOBÁ, 2013). Nascimento (2007, p. 29) reforça isso, ao afirmar que o “Instituto Ponte Nova constituiu-se num espaço destinado a moldar almas, a formar pessoas, que difundiram um modelo pedagógico para as populações rurais brasileiras...” (NASCIMENTO, 2007, p. 29).

Na escola, em seu cotidiano, se exigia, desde a matrícula, que todos deviam ser conhecedores de suas normas, valores e princípios, mesmo não sendo evangélicos, pois cada sujeito tinha obrigações na escola. Os meninos cuidavam da horta, com plantação de hortaliças e roças, além da limpeza dos arredores do internato, pilavam o milho e ou café, movimentavam o engenho onde se produziam mel e recebiam aulas de marcenaria. As meninas cuidavam da lavagem das roupas e da culinária, fazendo valer os ensinamentos adquiridos nas aulas de Lições de Casa e de Trabalhos manuais.

Todo o conjunto arquitetônico, bem como o modelo disciplinar e as práticas educativas instituídas fizeram com que o povoamento da vila acontecesse rapidamente. Vinham migrantes de toda a região. Na percepção das pessoas que estudaram naquela época, o IPN passou a ser referência, principalmente nas questões disciplinares.

Em suas ações, os missionários introduziram novas tecnologias de plantio e mesmo novas plantações, como a beterraba, a cenoura, o rabanete, o nabo, o repolho, a alface, a couve, entre outros, além das frutas (manga, laranja, jambo, etc.). Passaram também a criar gado e outros animais para abastecer o Instituto, o hospital e a igreja. Estas ações faziam com que a presença missionária fosse ainda mais impactante na região, para além do ate educacional cotidiano.

3 A FUNDAÇÃO DO IPN: ESTRUTURA E MISSÃO

A presença da missão na região sertaneja também se marcou pela própria construção do IPN, onde a edificação causou impacto, por si, haja vista suas diferenças estruturais em relação as demais do vilarejo, na sua maior parte feitas em adobe. Essa marcante diferença na obra, simbolizava o poder missionário e sua força na região, mas ao mesmo tempo, tornava o IPN um lugar atraente, um lugar de civilidade para pessoas, que a sua maioria, viviam em meio a condições rudes.

O IPN começou a funcionar com o número de sei meninas das famílias Dourado, Galvão e Lessa filhas de grandes comerciantes da época que se deslocaram de várias localidades dentre os municípios de: Irecê, Ponte Nova, Bonito, Orobó, Fazenda Flores, Campo Formoso, Baixa Grande, Miguel Calmon, Morro do Chapéu e Jacobina respectivamente.

Nessa circunstância, o IPN ministrava ensino religioso, presbiteriano, de caráter obrigatório, sendo um estabelecimento de natureza privada e confessional que mantinha a tríade de evangelizar, instruir e cuidar da saúde como pressupostos de ordem. Uma vez que era destinado a educar os filhos das famílias que seriam evangelizadas, era mantido pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América do Norte, não recebendo nenhuma subvenção do governo brasileiro.

Dadas as condições educacionais brasileiras nesse período e o desafio da expansão do protestantismo, os missionários se valeram da estratégia de associar a evangelização e a educação com às chamadas escolas paroquiais que foram parte da estratégia de inserção do protestantismo no Brasil na segunda metade do Século XIX, funcionavam junto às igrejas e estavam voltadas para educação com formato de se inculcar valores e princípios pela via da escolarização.

Desse modo, Cândido (2007) nos afirma sobre a figura do Missionário Simonton que também relatou, em seu diário, as condições em que os brasileiros se encontravam e a importância que ele conferia à alfabetização e à criação de escolas para o desenvolvimento de sua Missão ao apresentar em 1867, ao Presbitério.

FOTO 08. Alunos da turma de 1959 com o Professor Alvino – momento das Devocionais



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Esta uma instituição confessional, de natureza particular e sem fins lucrativos, fundada essencialmente para atender a clientela dos filhos de crentes⁵, oferecia nos primeiros anos de organização o curso Primário, Normal e Secundário, com um currículo diferenciado, tinha o princípio coeducativo em que rapazes e moças estudavam juntos, pois causava preocupação assim com à rigidez da escola.

Revela se assim, as transformações culturais, sociais e políticas que emergiram no momento em que as práticas começaram a ser instituídas e circulavam no Instituto como forma de modificar e alterar hábitos dos sertanejos pela via da educação.

Visto que, o movimento em prol de uma educação influenciada por ideais americanos causou estranhamento e repulsa na maioria dos católicos, porém a minoria rica se beneficiava desses elementos como forma de marcar um diferencial

⁵ Quem crê, acredita, ou tem convicção; leva excessivamente a sério suas obrigações ou assuntos, com demasiado zelo, entusiasmo e posição acrítica.

e por acesso de um espaço que era caro para os não adeptos que transitavam de forma singular no pátio e se faziam valer o status social nas comunidades próximas.

Conforme os docentes leigos compartilhavam e construíam suas atividades de acordo com a programação do calendário específica em que as escolas americanas põem em prova as festas como fenômeno cultural, em que o exercício da profissão, estava atrelado a uma gama de ações culturais as quais são definidas por Julia (2001), como um campo de batalhas em que a competição se delineavam a partir das normas que funcionaram como mera reprodução do patrimônio vivencial que se fortaleceu nos rituais cívicos, morais e nas experiências como práticas culturais.

O IPN, como ficou conhecido o Instituto Ponte Nova, foi fundado pela Missão em 1906, a qual organizou e subsidiou até 1971, além da escola, uma igreja e uma escola de auxiliar de enfermagem, a primeira escola do gênero na Bahia, ao lado do Grace Memorial Hospital.

Uma vez que, a arquitetura do prédio em estilo inglês o qual já remetia lembranças aos casarios americanos de forma suntuosa num cenário bastante diferente das casas de adobe dos sertanejos.

O educandário, que visava atender a classe média e a baixa renda foi organizado financeiramente no sistema de *self-help*, onde o estudante que não possuía renda e cujos pais não dispunham de recursos financeiros. Existia possibilidade de bolsas e ainda, se tinha a obrigação de contribuir com trabalhos para custear os estudos.

A Missão arcava com as despesas dos salários dos professores e os equipamentos, já que esta, acima de tudo, buscava ser a portadora de mudanças de hábitos, costumes, religiosidade, entre outros e para isso tentava difundir a religião e a inserção da própria estética protestante, num ambiente social fragilizado, assim, se tentava pela via da aproximação com a população atingir a todos que se encontravam desassistidos, tanto espiritualmente quanto socialmente.

Sendo que, todo o sucesso daquele complexo institucional que integrou religião, educação e saúde, e levou a Missão para organizar um projeto denominado Escolas Ponte Nova. Ao passo que, tudo indica foi em 1926, a Missão já tinha aberto no território de sua jurisdição, sete escolas naquele modelo proposto cujas práticas educativas eram destaque e marcaram as atividades cívico-militares, organizadas na Semana Patriota desenvolvidas pela Escola.

De acordo com os seus princípios éticos, os norte-americanos consideravam a educação, a questão educativa, uma obra missionária, um dos pilares a serem explorados e toda a proposta era articulada no viés da fé com os valores sociais protestantes.

Tudo se aliava a uma ação missionária imbuída de um sentido de coletividade, pois visava atingir a família dos sertanejos, mesmo os não matriculados. Desta maneira, a missão projetava a criação de uma cultura escolar definida a partir de regras específicas e a conformação de comportamentos. Em sua fixação em terras baianas, o IPN foi do ensino primário ao curso normal, além do técnico em enfermagem, cursos bíblicos, de técnicas agrícolas e outros de origem teológica.

Ainda, a escola foi adquirindo máquinas e projetando novos saberes junto à comunidade ao redor da antiga fazenda, oportunizando aos pais e responsáveis uma vaga de emprego, como forma de custear e se beneficiar nos arredores da Vila Itacira, na Fazenda Ponte Nova.

O IPN, ao longo dos tempos foi se destacando, num movimento de escolarização aliado aos saberes evangélicos e aos cuidados com a formação corporal, se desenhando como uma instituição de instrução renomada em toda a região e arredores.

Pensar uma escola para o meio rural exigiu que os missionários considerassem suas especificidades, em adesão a um projeto educacional com viés político e econômico voltado para o esse ambiente (MURITIBA, 1998). Foram tomadas como pontos de partida as experiências e vivências sociais, frutos de escolarização advinda da cultura americana, apoiada no credo religioso.

Tais aspectos nos ajudam a entender o circuito educacional do protestantismo numa região empobrecida, que vivia em circunstâncias de assolamento e de seca. A instalação do IPN possibilitou ao sertanejo retirante se instalar as voltas da sede do Instituto, em busca de sobrevivência e oportunidade de trabalho promissor e de garantia de assistência aos seus filhos.

Uma das preocupações dos missionários era com a admissão dos funcionários e professores, por entender que isto era essencial para dar conta da responsabilidade da institucional na formação do sujeito e na disseminação dos valores caráter religioso, num formato americanizado.

Para isso, se buscava motivar e incentivar os alunos a seguir um modelo de educação que pudesse propiciar mudanças comportamentais e ao mesmo tempo instituisse valores diferenciados na sociedade, que não aqueles já vivenciados pelos católicos em sua totalidade.

A expansão e extensão dos trabalhos da missão no IPN acabou por ocorrer uma maior busca pelas vagas, fazendo com que coronéis, fazendeiros e abrangendo outras regiões pelo seu diferencial de ensino manifestado e disseminado por toda a região baiana e pelo Brasil a fora e assim se comprova através das manifestações das alunas em evento festivo com uma atividade de ginástica no ano de 1958.

FOTO 09. Festa da Havaiana Professora Iracy Hoffman 1950



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Nesse contexto de encenação festiva, vide foto acima, a escola serviu de palco ao incorporar os rituais em seu calendário principalmente ressaltando um dos aspectos valorizados pelo IPN no tocante as festividades e agremiações onde a participação da Juventude era fator primordial.

Portanto, nesse registro de uma apresentação de uma suposta dramatização, onde as ex-alunas e professoras do IPN, Yraci Dourado e Noese Matos que figuravam com vestidos ornamentados como simbologias de uma festa da primavera com danças, músicas declamadas e cânticos devocionais do protestantismo, no

intuito de demarcar o território e os reais objetivos instaurados no plano da Missão Central direcionados aos sertanejos.

É válido afirmar que, tempos depois, funcionou em salas construídas junto à atual Igreja Presbiteriana com alunos vindos de Sergipe, Piauí e do interior baiano, a exemplo de Cachoeira, São Félix, Campo Formoso, entre outras.

Quanto ao quadro de profissionais, os professores vinham, também, de Salvador e Cachoeira e também eram oriundos de Escolas Paroquiais pertencentes à Igreja Presbiteriana do Brasil e, até final da década de 1930, (1938) são construídas as edificações do Instituto e este passa a funcionar oferecendo curso de admissão, primário e secundário. Para estas funções de ordem missionária, a Escola demandava um professorado que da mesma forma, assumisse estes moldes e padrões sem suas ações.

Para tanto, ela contou com docentes americanos e brasileiros. Essa composição docente se articulava aos ideais missionários e incorporava sentidos educativos típicos dos valores que condiziam com a moral protestante e aquilo que se projetava para aquela comunidade em específico.

A gênese organizacional do Curso Normal Rural a partir do ano de 1925, foi de preparar para a vida no campo, extremamente rural cujo objetivo era formar jovens, moças e rapazes, para a vida religiosa, os quais pudessem permanecer em sua comunidade ou atender a núcleos chamados de paroquiais conforme modelo europeu em formato de casas brancas e de estilo distantes dos grandes centros no interior do Estado.

No Instituto funcionava uma tipografia onde se produziam cadernetas, papel timbrado, os diários de classe, os cadernos dos alunos, livros e todo o material de consumo da escola.

Assim, conforme imagem acima foi construído um auditório para acoplar os eventos e rituais festivos de caráter coletivo, pois segundo Durkheim (2000, p. 166), os ritos são eminentemente religiosos e sejam eles sagrados ou profanos, refletem os estados internos da religião, podendo conciliar ou não com a ciência mesmo porque a “função da religião não é fazer-nos pensar mas a de fazer-nos agir, auxiliar-nos a viver”. Contudo, a fé se renova no movimento de comemoração e na revolução de atos realizados durante os eventos.

Cumprir lembrar que lá na escola também funcionava um programa de rádio e tinha um sistema de sonorização para serviço de alto-falante, principalmente para os

alunos desenvolverem programas recreativos além de uma usina hidrelétrica foi construída para servir ao colégio, aos internatos, ao hospital e à igreja e a própria comunidade de Ponte Nova, tudo isso para manutenção de princípios e valores que interferiram na personalidade dos sertanejos durante esses rituais.

Foi a partir da energia elétrica que os missionários trouxeram aparelhos de ginásticos e os diversos aparelhos de comunicação, a exemplo do rádio amador, posteriormente o com base no panorama registrado na Revista das Missões temos;

O Sertão Baiano, com todos os seus defeitos, devido à falta de cultura, tem suficiente lastro moral latente, para sobre si construir o edifício inabalável do caráter cristã. Importante trabalho realiza no Sertão o Rev^o Dr. Willian A. Waddell com a sua Escola Americana de Ponte Nova, a 27 léguas da estação ferroviária de Sítio Novo. [...] No coração da zona sertaneja, a Escola de Ponte Nova fornece ensino a uma plêiade de moços e de senhoritas, que relevantes serviços já têm prestado e muito maior ainda prestará no futuro. As escolas sertanejas, dirigidas por professores preparados em Ponte Nova, não somente constituem uma benção para aquelas populações desprovidas de ensino público, mas oferecem o ensejo de se dar à nova geração de vigorosos rebentos do povo altivo do interior, um impulso salutar na direção do cristianismo em sua simplicidade e poder (REVISTA DAS MISSÕES, 1913, p. 2 apud SANTOS, 2001, p. 63).

Tem se no geral que todos tinham obrigações e as comuns diziam respeito à Igreja independente da religião iam ao culto e a devoção aos domingos e tinham que participar do Coral e, aos sábados, tinha a lavagem de roupa para todos na segunda e, não teriam aula e aos sábados à noite dedicado às brincadeiras e aos domingos o culto e o dia de buscar o reforço dos ideais de vida reforçados pelo Pastor no cotidiano.

4 A FORMAÇÃO HUMANA NO IPN

No capítulo que se segue busco analisar o modelo escolar de formação instituído pelo Programa da Missão Central do Brasil, conforme o Regimento do IPN, demarcando as vivências formativas na normal rural, escoradas num projeto civilizatório protestante.

O Instituto Ponte Nova buscou a construção de uma imagem favorável, se valendo para tal da propagação de saberes no seio da comunidade e ainda, de rituais festivos, que a projetaram para fora da unidade escolar.

A formação a partir do IPN tomava por base a relação que se estabelece entre a ação educativa, a política e a social, buscando assim estar em todas as facetas da vida da comunidade, contando ainda com suas investidas no campo da fé. Na verdade, a tentativa era ocupar a comunidade e a externa, fazendo se instaurar um modo de ser e estar em sociedade.

O programa e regimento instituídos a partir da base paulistana, tomava as práticas corporais como conteúdos formativos, vinculados ao aspecto cultural, para assim, através das atividades vividas imprimir nos corpos escolares, fundamentos de uma ordem moral e higiênica, dentro dos preceitos protestantes, visando forjar o sertanejo desprovido de assistência por parte do governo.

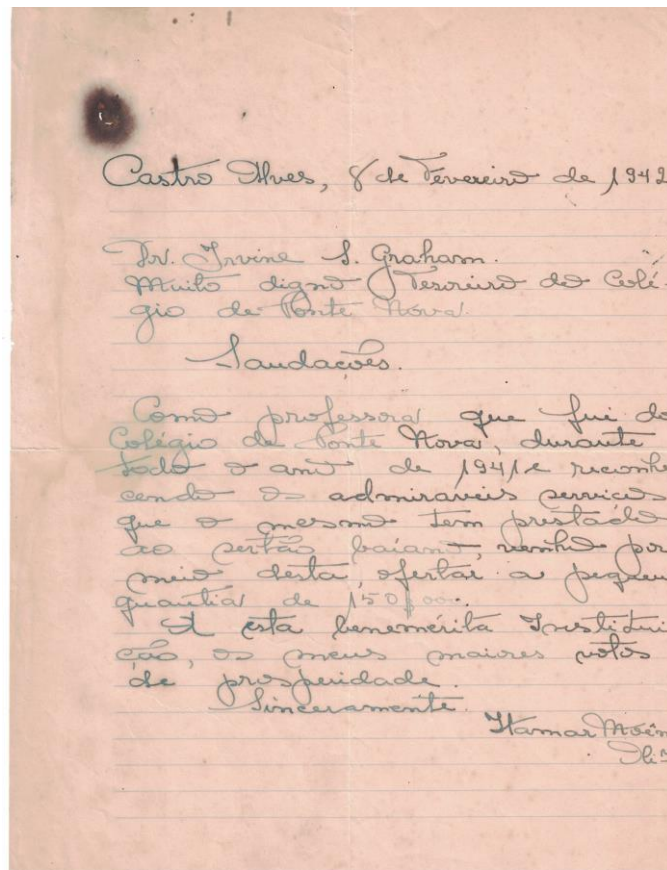
No IPN, o processo de escolarização se fundamentou em alfabetizar o sertanejo, com iniciativas fundamentadas em práticas docentes baseadas num programa que regulava a educação do corpo e alma a partir da noção ética/cristã (REGULAMENTO DO IPN). Tal processo civilizatório determinou o ritmo das mudanças, marcadas pela expansão político-social e territorial, que se materializou com práticas e saberes escolares firmados na fé e valores moralizantes. A escola se colocava como um espaço que procurou também voltar olhares às dimensões corporais, na intenção de a partir também disto conformar uma corporeidade ajustada aos padrões formativos missionários.

Num tempo em que a Igreja Católica exercia pressão e influência no Brasil e a educação era alcançada por poucas pessoas, se via ainda mais a exclusão de quem vivia fora das capitais, ajudando isso a fortalecer uma sociedade desigual. O IPN, que se instalou no sertão, oportunizou aos desvalidos e excluídos o ingresso na escola e mais ainda, permitiu que filhos de uma elite local alcançasse uma formação

escolar que só teria na cidade do Salvador e junto a isso, possibilitou o fortalecimento de um outro rito de fé, base de sua estrutura, o protestante.

Um aspecto importante na lógica educativa protestante é a existência de um sistema de trocas, onde quem fosse como estudante agraciado por uma bolsa ou por um financiamento externo, depois de estabelecido socialmente fazia uma devolutiva social, passando a ajudar a escola e outras pessoas que ali estudavam, com doações diretas. Tal situação encontramos ilustrada na carta exposta adiante, que traz esse exemplo.

FOTO 10. Carta de ex-aluno



Fonte: Arquivo da Autora.

A entrada da missão pelo sertão se deu a partir da associação entre educação e trabalho, base da ética protestante, modelo de um ideal de civilidade. Assim, o IPN assumiu a função de educar o indivíduo para estar em uma sociedade que deveria ser pautada por novos ideais e comportamentos. Assim, missionários foram ocupando os espaços, dos lares dos sertões, as casas mais portentosas dos mandatários da região, sempre com a intenção de buscar adeptos, com promessas

de salvação e nova vida, via trabalho e educação, em laços estreito com a religião. Isso possibilitou a entrada dos americanos nos lares dos sertanejos que se sentiam conformados e confortados pela assistência espiritual e com a “preocupação” em torná-los um sujeito diferente num mundo civilizado.

As mudanças nas esferas sociais, políticas, econômicas e educacionais representaram, para a elite, a ideia de progresso e modernidade, pois, segundo Moraes (1996), influenciou também no imaginário das populações rurais, com possibilidades de uma série de conquistas e reforçou o desejo de ser alguém na vida cotidiana de homens simples, que desconheciam instrumentos e não tinham documentos, deixando de existir socialmente.

O método intuitivo, conhecido também como lições de coisas, consistia no núcleo principal da renovação pedagógica e pressupunha uma abordagem voltada para uma concepção onde a aquisição de conhecimentos vinha dos sentidos e da observação. Tal método era utilizado nas Escolas Americanas e foi organizado pela missionária Mary Dascomb, uma educadora convidada por Horace Lane para orientar e garantir a homogeneização no ensino das escolas presbiterianas.

Dentre as ações pedagógicas do IPN, uma ganhava destaque em meio a uma sociedade tipicamente patriarcal. Um aspecto inovador foi a junção de homens e mulheres no mesmo espaço educacional, com a oferta de atividades, que ora eram comuns e ora separadas. Ainda, a inclusão de atividades educativas como o esporte, tentaram contribuir com a mudança de costumes, a partir da introdução de códigos inovadores através da instituição, como os de: conduta, costumes (alimentares, modos de sentar-se à mesa), disciplina, dentre outros. Enfim, o projeto educativo passava pela conformação de hábitos, comportamentos e costumes, para além do saber formal.

Mesmo face as ideias ditas progressistas, a educação presbiteriana era um tradicional meio de evangelização indireta. A Igreja Presbiteriana do Norte, mantida pela *Board* de Nova York, promoveu a criação de escolas no Brasil para auxiliar na difusão dos princípios religiosos e valores culturais inerentes ao presbiterianismo, buscando a consolidação de um projeto civilizador. A partir da década de 1860, segundo Chamon (2008), começava a aparecer no Brasil a ideia de que o progresso técnico e industrial era monopólio das nações de fé reformada. Barbanti (1977) afirma que esta correspondência entre religião protestante, liberalismo e progresso foi encampada e defendida por políticos brasileiros, que chegaram a defender a

importação de imigrantes de nações protestantes, como solução para o atraso econômico do país.

Em meio a isso, no Brasil, “as tentativas republicanas nem sempre deram certo na organização de um sistema escolar que realmente atendesse às necessidades e expectativas da população, porém o ideal plantado pelo liberalismo de ver a escola como via de ascensão social se solidificou” (SOARES, 2008, p. 139). No entanto, mesmo diante de várias tentativas de reformas, não houve nenhuma tão significativa, que modificasse estruturalmente os modelos anteriores.

Nisso, o IPN se construiu a partir de modelos que se assumiam diferenciais, como: salas mistas e o esporte, ações educacionais que ofertavam a estudantes a possibilidade de se tornarem mais civilizados e instruídos, a partir dos referenciais da missão. Todo princípio coeducativo e os métodos pedagógicos protestantes eram copiados do modelo norte-americano gestados a partir do Instituto Mackenzie. E se introduziu o método intuitivo e a leitura silenciosa, diferentemente do que faziam as escolas brasileiras, com seu costume de leitura em voz alta e decoração sem raciocínio. Muito além disto, seguindo as normas da tradição do pragmatismo norte-americano, os protestantes do Mackenzie davam grande ênfase ao treinamento manual, à ginástica e aos esportes.

Dessa forma, a base didático-pedagógica era dos Estados Unidos e se utilizou a observação e a experiência como elementos fundamentais do aprendizado com práticas inovadoras e culturais. Algumas experiências foram incorporadas e introduzidas, como as práticas esportivas e a educação física, que buscavam a incorporação de atitudes, hábitos e de modos de vida.

Na visão de Souza (2000), a escola se constituía como lugar onde se ensinavam os valores cívicos e morais, mas também como “guardiã” de valores que se estendiam a toda a sociedade, através dos rituais materializados nos espetáculos promovidos e vivenciadas como experiências do trabalho pedagógico formativo.

O IPN em sua trajetória se transformou num centro de referência em educação, difusor das ideias protestantes e norte-americanas na Chapada Diamantina. Assim, cada vez mais o Instituto foi procurado, pois, além do nível da educação oferecida e de seu corpo docente, se valeu práticas como o esporte para se tornar atraente (ALMEIDA, 2006).

Em sua maioria, passaram por esta escola filhas e filhos das famílias mais abastadas da região e de outros estados, que se instalaram na recém-criada Vila.

Um exemplo disso foi mudança das famílias Régis, Sena, Jardim, Chagas, entre outras. Como dito, por ser uma instituição particular, boa parte das famílias das vilas mais próximas não podiam se matricular ali. Para isso, contaram com empregos ou bolsas, em troca de trabalhos, domésticos ou na plantação da fazenda.

Pode ser afirmado que as aulas ministradas nas escolas americanas contemplavam os ideais liberais dos reformadores de um novo cidadão. O modelo pedagógico do IPN estava articulado com os preceitos pedagógicos e higiênicos, e assim, se tentou influenciar a ordenação do território da fazenda Ponte Nova, passando ainda por mudanças sociais e políticas, oriundas da criação do Instituto, também pelas vias da evangelização. Cabe dizer que em seu campo de inserção, a escola buscou fomentar práticas que responderiam aos seus interesses formativos e aí, as corporais também apareceram.

A construção dos atos pedagógicos pela missão que foram vistos no IPN, visaram moldar a alma e o corpo desse novo cidadão, a partir de uma linguagem instituída e concebida num ambiente voltado para a vivência de ensinamentos sistematizados em ações educativas moldadas a partir de saberes com códigos, sentidos, simbologias e significados próprios, com vistas a formação de um sujeito que deveria ser diferente daquele sertanejo ali encontrado.

Se objetivava, a partir da implementação de mudanças no sertão avivar a vida dos sertanejos adeptos ou não adeptos do protestantismo, desassistidos pelos governos, tendo por base o respeito e a ordem, em conformidade com os trabalhos da missão, que sempre tinha o fim de fazer uma evangelização do corpo e da alma

O quadro formativo da Missão Presbiteriana criou como principal meta da instituição de educação, que se assumiu responsável pela escolarização no sertão, longe dos poderes públicos da capital, mas em um local estratégico para sua atuação, preparar um cidadão civilizado, nos moldes liberais e presbíteros, um novo cidadão civilizado.

Nesse desenho, o Instituto Ponte Nova foi criado para ser um espaço escola - fazenda e, depois escola – confessional para fornecer material humano diferenciado e necessário para suprir suas necessidades de campo tanto religioso quanto instrucional ou evangelizador.

Para isso, o foco desta escola também se voltava para as festas escolares, como meio de ajudar seu próprio desenvolvimento a partir da ampliação de sua atuação na área religiosa e social, uma forma de potencializar uma imagem positiva

do trabalho da instituição, através da modelação de sujeitos sob novas perspectivas de vida. Além disso, é importante registrar que todas [...] as atividades do colégio, desde o simples ato de pôr à mesa e preparar o cardápio, até à pedagogia e as atividades internas sofriam influência norte-americana (MESQUITA, 1992, p. 35). Sendo assim, estar no IPN, de certo modo era como viver em território norte-americano, com todas as “regalias” próprias dos americanos em território brasileiro, como forma de deixá-los em um ambiente próximo a sua realidade.

FOTO 11. O Internato Feminino



Fonte: Arquivos da Autora

O projeto educacional evangélico implementado pelos missionários norte-americanos se expandiu pelo sertão, promovendo a educação como um “presente” também aos filhos de não adeptos do protestantismo, uma luz de saber favorável à disseminação dos ideais protestantes. Na extensão de suas ações, o sistema de internato surgiu como garantia de cuidados aos filhos de famílias abastadas e com prestígio social, notadamente as que moravam em outras cidades ou estados. Na página anterior se vê uma imagem de estudantes na frente do internato em 1950.

Não se pode esquecer, segundo (SOARES, 2009, p. 148), que “a modéstia de recursos das Igrejas Presbiterianas dos Estados Unidos fazia com que os missionários compartilhassem os mesmos problemas de verbas”.

FOTO 12. Aula de cânticos orfeônicos com os alunos do grêmio cultural – ensaio semana da primavera Professora Adonieta Xavier



Fonte: Arquivo pessoal da autora

O IPN, ao mesmo tempo em que era um espaço de instrução, era também local de difusão de um ideário cultural e de atos religiosos, num círculo onde o ritual era voltado a reprodução de ações formativas, contando para isso também com práticas corporais, que perfaziam uma ação representativa por ocasião das festividades e solenidades. Assim, nas palavras de Vago (1997, p. 35), “a educação do corpo se apresenta articulada aos preceitos morais e aos valores morais que se pretendiam impor aos futuros professores a partir de um (re)ordenamento social”, qual como visto no projeto civilizatório da Missão Central do Brasil no IPN.

Todas as formas de pensar, agir e viver dos missionários buscavam se pautar na busca por prestígio, credibilidade e legitimação da imagem pública do próprio IPN

e de seu estudante, como “bom cidadão”, numa tentativa de agregação harmoniosa de valores religiosos, políticos e culturais, que se representavam em práticas e vivências pautadas nas estruturas de poder simbólico, onde os rituais se multiplicavam para inculcar valores de quem dominava, missionários, para os dominados, sertanejos (OLIVEIRA, 1989). O movimento da escolarização ganhou campo por proporcionar a inserção da disciplina com características tidas como importantes para a formação de bons novos cidadãos, assumindo atributos tidos como civilizados, numa perspectiva religiosa e do trabalho.

Mesmo a Missão tendo como base uma outra lógica cultural, não pensava em simplesmente promover uma substituição da que era local, mas sim, buscou acomodar a população sertaneja em seus padrões. Se valendo dos elementos da vida escolar em seu cotidiano e nos atos extras. Assim, a instalação do IPN trouxe um sopro de uma dita civilização, que se representavam nos métodos de ensino e nas práticas educativas pautadas e, padrões e técnicas advindas dos Estados Unidos da América.

Nesse sentido ganhou destaque a introdução das classes mistas, que desafiava os valores morais solidamente arraigados, que ainda eram vistos em escolas católicas confessionais, mesmo também podendo ser visto este novo fato, sob a hipótese de que não foi um ato pensado para promover a igualdade, mas uma atitude movida pela necessidade de economia de recursos humanos e materiais.

A imagem de uma missão americana instalado no sertão baiano, movida por ações de ordem educacional e comportamental e mais, que tentava influenciar em todos os modos de vida, inclusive o trabalho, não deixou de ser inovadora, haja vista, centralmente, a distância geográfica e social, desta região para as centrais do país.

FOTO 13. Turma de Alunos do IPN Internos na Praça de Esportes em Construção (1958)



Fonte: Arquivos do IPN

Nessa linha, a proposta pedagógica do IPN pode ser tida como vanguardista para os padrões educacionais brasileiros, tendo sido assimilado pelos estudantes, novos costumes para seu dia-a-dia, incluindo aí as práticas esportivas, senão inéditas, ao menos não habituais ao sertanejo, muito embora o desejo pelo futebol e pelas brincadeiras locais não tenham desaparecido.

A imagem de sucesso do IPN, integrando religião, educação e saúde, levou a Missão a organizar um projeto denominado Escolas Ponte Nova, que intentou abrir outras escolas, sob o mesmo padrão na região, fazendo erguer uma rede de pensamentos e comportamentos sob as bases do ideário missionário evangelizador.

Todo esse contexto de sucesso da ação missionária nos faz entender que o circuito educacional do protestantismo, numa região sofrida economicamente, em circunstâncias de isolamento e de seca, acabou por fazer com que o sertanejo, um

retirante em potencial, buscasse viver nos arredores do IPN, como tentativa de sobrevivência e mesmo de buscar oportunidade de um trabalho promissor e de garantia de assistência aos seus filhos. Assim, a escola surgiu como principal difusora da ideologia protestante, que se organizou para mudar a vida do homem desprovido de saber, o sertanejo, a partir da lida com de atitudes civilizatórias no viver da escola. Tudo isso envolvia uma representação e mesmo preocupação dos missionários, no afã de despertar responsabilidades a partir do ambiente escolar e promover a conformação de valores que seriam padronizados/homogeneizados na formação do aluno do IPN, num formato americanizado.

Vale frisar que esse sucesso da ação do IPN, logo no começo de sua trajetória, contou com lutas contrárias e resistências, forçando as lideranças missionárias a ações para tentar se estabelecer e serem aceitas pelas lideranças locais, agindo contra a inicial recusa de coronéis e do clero baiano, que se aliaram contra a chegada protestante. Para isso, se buscou, dentre outras coisas, motivar e incentivar estudantes a seguirem um modelo de educação que pudesse propiciar mudanças comportamentais e ao mesmo tempo instituísse valores diferenciados na sociedade, que não aqueles já vivenciados pelos católicos em sua totalidade.

A partir da afirmação e expansão da missão protestante pelos interiores da Bahia, a divulgação do trabalho de instrução e da formação escolar foi disseminada pelo sertão, fato que gerou uma corrida na busca por uma vaga no Instituto, até mesmo por quem antes fez resistência, caso dos coronéis e correligionários e demais fazendeiros da microrregião, que, acima de tudo, queriam garantir uma formação e cuidados a filhos e filhas. Tal aspecto mostra que acima de tudo, houve uma ação estratégica da missão, que foi a de se colocar numa região desprovida de cuidados pelo poder público e ao mesmo tempo assolada por dificuldades naturais, gerando isso, um ambiente favorável para a instalação de seus propósitos, mesmo que com dificuldades a vencer. Todo o conjunto de práticas educativas instituídas e o modelo disciplinar fizeram com que o povoamento da vila acontecesse rapidamente. Vinham migrantes de toda a região para ali se assentarem.

A política formativa do IPN intentava também formar mulheres e homens que pudessem, no futuro, agir como evangelistas e mesmo pastores para as igrejas protestantes, se transformando em agentes de uma nova proposta civilizatória, pois, se entendia que era preciso expandir as ideias presbiterianas estadunidense.

Todo o trabalho de rotina do IPN no sertão baiano se configurava a partir dos ideais e valores presbiterianos, implementados na intenção de serem responsáveis pela modelação do modo de ser e agir de estudantes, com vistas a tentar construir um futuro, onde meninos poderiam vir a ser ministros evangélicos ou fazendeiros e as meninas, professoras evangelizadoras e ou mães de família, num modelo ideal de boa esposa e mãe. Assim se deu a Missão do IPN, visando proporcionar ao povo cego do sertão baiano, a luz salvadora de uma nova civilização. A foto adiante mostra alunas e alunos, vivendo em conjunto na área da escola.

FOTO 14. Alunas e alunos no pátio



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Na dinâmica de formação protestante do IPN, as práticas corporais, que até então se representavam sob a aulas de Educação Física que, até então, eram denominadas ginástica, apareceram no cenário como parte do conteúdo a ser ensinado, de acordo com as condições de cada sexo. Tais práticas apareciam em conformidade com as diretrizes que regulamentavam o próprio IPN, inclusive as morais. Assim, a ginástica se aloca na escola, também com a função social de nivelar comportamentos, moldar sujeitos e exaltar a disciplina, tanto nas aulas em si, quanto nos eventos.

FOTO 15. Solenidade do Dia da Primavera (1960)



Fonte: Arquivos da Autora

Na foto anterior há uma menção a participação em atos cívicos, instante de aparição de alunos e da escola, onde se buscava demonstrar todo o resultado de uma proposta para a sociedade local como forma de se projetar para o mundo a fora.

A ginástica era ofertada a ambos os sexos, frutos da coeducação e de um viés voltado para a saúde do corpo e mente, conquanto se observou o impacto da disciplina sobre os alunos e como essas práticas foram impactadas num todo, a partir dos rituais cívicos e festivos.

Este movimento do IPN se dava num tempo que a preocupação com a educação física e com a ginástica ganhava cada vez mais importância no país, oportunizando a construção de compreensões acerca destas práticas e de seus possíveis papéis na formação humana e na cena política.

A inserção da Ginástica foi se constituindo num movimento de apelo ao cultivo físico, visando dar visibilidade e materialização aos seus instituídos propósitos de uma disciplinarização dos corpos. Em conjunto, outras práticas e

disciplinas, a exemplo de Trabalhos Manuais, Lições de Coisas, Desenho, Música e Cantos Orfeônicos, que também atuavam no moldar corpos e comportamentos. Toda essa cena se dava dentro de um debate na educação pública entre quem propugnava uma renovação da educação e tradicionalistas

Sabemos que as práticas corporais já estavam sendo mobilizadas em nosso país, já desde o fim do século XIX, pensada como atividade escolar, com vistas a uma formação humana, que deveria se ajustar a construção de novos corpos e perfis de comportamento, assim, a mobilização corporal serviria para projetos de uma nação que se queria nova, ao menos sob os olhos de uma elite. Se deve salientar que a existência de ginásticas (no plural), se compreende uma pluralidade de práticas realizadas em diferentes lugares.

Foi sob este modelo de construir corpos e pensamentos, que a Missão se espalhou entre pessoas e locais, visando fazer valer os seus ideais, constituindo quase que um sistema de convergência de homens e mulheres que acreditavam em poder mudar e influenciar o outro, atuando socialmente, à medida que expandiam seus conhecimentos, verdades, crenças e dogmas.

No plano nacional, a regulamentação legal da atividade corporal nas escolas precedeu a prática pedagógica, fazendo com que o campo educativo fosse atravessado pela legislação. Já no IPN, destaca-se que o modelo educacional norte americano fez parte do ideal civilizatório propalado e aceito, não somente nos discursos, mas nas práticas do período, no qual estavam expressas as concepções e propostas educacionais e sociais, que tinham o intuito de levar ao povo sertanejo, uma outra forma de vida, dita civilizada.

No que se refere a inserção efetiva da prática corporal nas escolas, como atividade e ou disciplina, sabemos que existiu interferência da legislação, que tentou modelar as ações cotidianas, desde a normatização de conteúdos, até as formas pedagógicas de lidar com estes.

FOTO 16. Apresentação Rural de Ginástica

Fonte: Arquivos da Autora

Os movimentos iniciais da ginástica no país tiveram também a intenção eugênica de modelar uma raça diferente, tendo sido esta perspectiva construída de acordo com os interesses do Estado e da classe dominante, que pregava a formação de uma raça pura, tendo por elemento de ação, também, as práticas escolares.

Podemos então ver que a educação era uma das formas de controle social, à medida que ela propugnava determinadas visões de mundo, voltada para a construção da nação e de sua formação política, expressa na imposição de elementos moralizantes. Deste modo, a ginástica foi pensada e mobilizada, seja pelos conteúdos prescritos, seja pelas formas de execução cotidiana.

Assim, o movimento corporal apareceu na escola atrelado a elementos externos a sua própria constituição, vindo a se tornar uma prática obrigatória no ambiente escolar, todavia, sem se reconhecer a afirmação disso na sua totalidade, mesmo diante de várias normativas legais que foram elaboradas.

Pensando nesta cena no IPN, nos deparamos com uma tentativa de escolarização dos exercícios físicos e corporais estabelecidos pela ginástica – incluindo a adoção, aquisição e circulação de manuais de ginástica e impressos

vindos dos Estados Unidos, que impactaram e contribuíram para a constituição das atividades corporais. Nessa linha, Nascimento (2008, p. 102) afirma que: “os manuais apresentados pelos missionários americanos numa escola do sertão baiano que utilizou os princípios ideológicos da religiosidade para instruir, educar e humanizar os homens do sertão”.

A perspectiva de formação corporal e moral atribuídas as atividades físicas se associava a um ideal de preparação para a normalização de hábitos de higiene, que delineavam cuidados gerais com uma noção de saúde, associada a ausência de doenças, que se associava a própria forma de se vestir e se portar, pensando aí posturas e comportamentos. No cenário sertanejo, a higiene implicava em até interferir nas formas de trabalhar e residir, fato fortalecido pela escassez de serviços essenciais, dada a ausência do Estado no espaço.

A partir da modelação pedagógica americana do IPN, a noção do esforço corporal se associa a uma impressão de mérito pessoal e assume valor pela forma com que ressalta a dedicação e o resultado. Tal perspectiva, discursos e modelos materializaram-se nessa instituição por meio da ritualização de comportamentos, intercâmbio de experiências, configuração de formas de pensar, sentir e agir, produzindo uma identidade escolar distinta de outras instituições sociais.

Assim, o conjunto das ações americanas se enxergava em todos os espaços de investidas da missão, onde os corpos se tornaram alvo direto, seja pelas práticas, seja pelas tecnologias, seja pela ordenação arquitetônica.

Para tanto, pensaram os corredores, as salas de aula, as áreas de ginástica, a biblioteca. Da mesma forma, símbolos, como bandeiras e fotografias, apontavam valores e exemplos a serem seguidos. O IPN, desde o início do seu funcionamento buscou controlar o cotidiano escolar e mesmo de vida de estudantes. Seus movimentos e ações estavam distribuídos em espaços e tempos regulados e reguladores. Todos deveriam estar sempre ocupados, envolvidos em atividades produtivas.

Quanto ao tempo escolar, professores e alunos necessitavam apreender um ritmo próprio do colégio. Os quadros de horário, os relógios e as campas foram incorporados ao cotidiano do aluno. Um conjunto de símbolos, normas, rituais e doutrinas foram mobilizados para produzir um determinado indivíduo.

Os missionários, considerados homens de fé, deixavam para trás uma vida em seu país e aqui se tornavam pastores, professores e professoras, engenheiros

civis, engenheiros agrônomos, médicos, enfermeiras, médicas, aviadores. Suas profissões e seus fazeres estavam à disposição da missão, que se prontificava a cumprir o lema: “salvar a alma e o corpo” dos homens e mulheres do Brasil Tropical⁶. Todas essas pessoas acreditavam no Instituto Ponte Nova como principal fonte disseminadora de saberes, evangelização e fé.

O Instituto Ponte Nova transformou-se em centro de referência em educação, tanto na disciplina, conforme reportagem adiante do Jornal Escola (28 de outubro de 1959,) quanto na oferta e na qualidade do ensino, com efeito difusor das ideias protestantes e norte-americanas na Chapada Diamantina. Assim, o Instituto passou a ser cada vez mais procurado, tanto pelo corpo docente, quanto pelo conjunto de formação eu oferecia (ALMEIDA, 2006).

FOTO 17. O IPN nos jornais missionários



Fonte: Arquivo do IPN

Nascimento (2002) afirma que o IPN procurava atuar sobre três eixos de ação, que passavam por trabalhar os aspectos da religião, educação e saúde, num

⁶Termo utilizado pelos missionários presbiterianos norte-americanos nos relatórios para se referirem ao interior brasileiro.

viés diretivo para a formalização dos trabalhos na instituição. Assim, todos os mensageiros de Deus se propunham em transformar o sertão baiano numa região “civilizada”, procurando produzir um novo modo de viver na sociedade em que se estabeleceram.

O Instituto Ponte Nova apresentava um traço peculiar, demonstrando uma postura proselitista, num mesmo tempo em que também almejava formar novos pastores e professoras para dar continuidade ao seu projeto (JATOBÁ, 2013). Em seu nome, o IPN carregou o da própria fazenda que, posteriormente, fora transformada em estação missionária e *lócus* da sua atuação presbiteriana e não era apenas um local de aprendizagem de saberes, mas também produtor de comportamentos e hábitos sociais que seriam reproduzidos pelos alunos no decorrer de suas vidas.

Nota-se que a preocupação dos protestantes tentou aliar a ação de conversão de novos adeptos à atividade educativa. Assim, o protestantismo de denominação histórica (luteranos, batistas, presbiterianos e metodistas) agiu para fundar instituições educativas nos maiores centros do país, como afirma Ramalho (1976, p. 80):

(...) em menos de cinquenta anos, todos os principais centros do país são cobertos por importantes colégios protestantes, disponíveis para servir aos filhos dos protestantes (para os quais havia programas de bolsas de estudo) e abertos aos setores modernos da população que desejem outro tipo de educação e possuam recursos para custeá-lo.

No correr dos tempos, a legalização educacional brasileira construiu amarras para reforçar a ação consolidadora, a partir de uma elite homogeneizadora e centralizadora, fato que por si nos mostra a fragilidade de uma noção de cidadania e de estado de bem-estar, fator que abriu portas para que instituições religiosas assumissem para si, a lição de educar povos, não sem também assumirem interesses privados nisso. Por mais que nos interiores tenha havido resistência, por conta de pressões políticas e religiosas, a exemplo dos coronéis no sertão, a efetivação das missões, dentre elas a protestante, foi favorecida exatamente pela fragilidade de atendimento do Estado a população de menor renda e também isolada, o caso, a sertaneja.

A esta conjuntura, se associam elementos como etnia, condição financeira, status social e outros, que alinhados, demarcavam e demarcam a condição de maior

ou menor representatividade e adequação a projetos de poder, que no caso da escola e das práticas corporais significava expressar ou não um tipo desenvolvimento corporal “adequado” ao modelo que se pretendia trabalhar.

O IPN, em sua trajetória buscou trabalhar sobre o corpo de cada estudante, imputando traços e formas que se ajustassem ao padrão missionário protestante, onde este corpo possuía forma e moral e servia como colocação no trabalho. Assim, a moralização do corpo pelo exercício e o aprimoramento higiênico geravam repercussões no mundo do trabalho, numa comunhão entre aquilo que se vivia na escola e o que se dava na comunidade, a fim de estabelecer a formação de um homem do amanhã, que pudesse ser e estar em sociedade, representando as formas de pensar e agir da comunidade protestante.

No Instituto, todos os movimentos e ações traziam em seu bojo a iniciativa de transformar estudantes em sujeitos civilizados e tudo isso girava em torno de uma intenção de aperfeiçoamento humano, vista nas variadas atividades vividas dentro e fora da escola, seja como lição, seja como trabalho, ou como ação religiosa. Importa frisar que as comunidades missionárias protestantes procuravam apresentar um diferencial, que se pautava numa ética do trabalho, fato que fazia valorizar a dimensão corporal do ensino, buscando influenciar estudantes e famílias.

Nesse sentido, o IPN se pautou numa ação pedagógica que buscava integrar ações pensadas para fortalecer o corpo; desenvolver a cognição e regular costumes, dentro e fora da escola. A expectativa era a de formar intelectualmente, numa rigidez corporal e ética, segundo prerrogativas religiosas. Ao veicularem uma forma de elevação moral e espiritual e, ao descortinarem uma perspectiva educacional inovadora e uma forma divina de servir, se via, na verdade, uma forma de ser e proceder na vida cotidiana.

FOTO 18. Grupo de alunas e alunos de 1956



Fonte Arquivo pessoal da autora.

Por esta situação, os interesses implícitos e explícitos se revelavam na educação do corpo, dos sentidos e das sensibilidades na instituição e se revelaram nos programas de ensino, no discurso cotidiano vivenciado no IPN, como saberes e práticas instituídas para efetivação de conhecimentos. Nesta perspectiva, as alunas e alunos são “obrigados” a incorporar hábitos e atitudes condizentes com a instituição escolar, deixando de lado os comportamentos adquiridos em outros lugares e espaços.

Compreende-se que, nessa perspectiva, aquilo que foi vivenciado na escola foram bastante significativos para a formação humana, ao mesmo tempo que validou sua atuação social. Na parte seguinte registramos os pensamentos conclusivos.

5 AS PRÁTICAS FORMATIVAS: EXPERIÊNCIAS CORPORAIS

Nessa seção descrevo o real movimento sobre o entendimento da funcionalidade do educandário quanto à organização financeira, no sistema de “*self-help*” que, de acordo com Santos (2016), nele o estudante que não possuía renda e cujos pais não dispunham de recursos financeiros, tinha a obrigação de contribuir com trabalhos na fazenda e a partir dos serviços destinados aos pais, em forma de ajuda financeira para custear os estudos.

Ainda assim, a tal situação nesse modelo de escola rural formadora de professores e de pastores que visava atender a classe média e a baixa renda, ao contrário do Colégio Mackenzie que era exclusivo da elite. Na verdade, ele inspirou-se num modelo semelhante, idealizado e concretizado por outro missionário presbiteriano norte-americano, na década de 1880, na cidade paulista de Jaú, John Beatty Howell.

Sendo o propósito de Waddell, fazer funcionar uma escola normal rural, destinada a dar aos jovens um preparo que os habilitasse a ensinar em núcleos urbanos mais afastados, no interior da Bahia, “desencadeando assim uma verdadeira onda de cultura e cristianismo naquelas terras sertanejas” (Arquivo do IPN). Como também, “educar o indivíduo para que ele vivesse em seu ambiente, fixando-o em seu meio, evitando, assim, a evasão rural para os centros urbanos” e oferecia não somente o ensino primário.

Ao passo que a Missão arcava com as despesas dos salários dos professores e os equipamentos, aos que não podiam pagar para disponibilizavam bolsas de estudos, geralmente os “beneficiados” eram os rebanhos a serem iniciados e outros, filhos de simpatizantes envolvidos ou frequentadores dos cultos – futuros adeptos da crença os quais tomaram para si em sua maioria a doutrina presbiteriana em sua vida pós-término de sua formação.

Isso norteou a funcionalidade acerca da Escola Americana, instituição confessional pioneira, na construção de um modelo americano - próprio de formação presbiteriana para os docentes para o meio rural que, em 1925, apresenta-se como marco por se tratar da expansão do ensino normal legalizado no IPN. Onde possível falar em processo civilizador dos presbiterianos, na Chapada Diamantina, uma vez que a presença desse grupo se revelou portadora de mudanças de hábitos, costumes, religiosidade, entre outros.

Igualmente, as escolas americanas confessionais se constituíam na via da doutrinação em que os missionários protestantes difundiram a religião e trouxeram junto a inserção da própria cultura num ambiente social fragilizado por não ter uma ética perante os valores e princípios advindos da formação humana, assim, pela via da aproximação com a população de massa popular atinge a todos que se encontravam desassistidos tanto espiritualmente quanto socialmente.

A própria história de constituição do IPN esteve alijada à proposta pedagógica ali implantada pelos americanos e a partir da composição do quadro docente que foi contratado – os quais se tornaram elementos fundamentais do processo educativo que dizem de um tempo, dos protagonistas/multiplicadores e dos espaços por eles habitados, dos lugares onde vivenciaram as suas práticas, dos sentidos atribuídos e suas maneiras de produzir conhecimentos para fazer funcionar a escola americana.

Então, todas as informações contidas no Regimento e do Estatuto do Instituto, das Agremiações e da Associação de ex-alunos, Atas de Reuniões, Prospectos, Relatórios Mensais e Anuais para o Mackenzie, correspondências entre educandários foram essenciais para identificar as práticas educativas, as interações e os rituais escolares vivenciados no IPN desde a sua fundação são as marcas simbólicas de um fazer pedagógico significativo. A partir de uma organização da missão presbiteriana.

O IPN buscava sempre fazer com que em todos os tipos de festejos aparecesse sua identidade educacional própria, como uma forma de promover um alargamento das suas relações com a comunidade e mesmo, uma forma de estabelecer vínculos e com a população, para além dos atos cotidianos de aula.

Pensando sobre o processo de criação de escolas normais rurais americanas, vislumbramos que essas preparavam professores leigos para o exame de habilitação de suficiência em escolas de primeiras letras, na década de 1940. No que se refere às práticas corporais, é possível contatar que estas estiveram associadas aos aspectos anatômicos, psicológicos e higiênicos, e a implantação de exercícios físicos na escola primária passou a ser na época denominado de Educação Física.

Um fato de grande preocupação inicialmente para a Missão Central foi a preparação de uma equipe capaz de desempenhar com eficácia o seu papel de docente responsável pelo conteúdo. Outra forma importante do IPN se projetar e com isso, também fazer projeção dos ideais missionários eram as possíveis

aparições em jornais das suas redondezas e isto, era mais fácil em momentos em que existiam eventos cívicos ou celebrações, dentro ou fora dos muros da Instituição.

FOTO 19. Momentos Festivos e Cívicos de IPN



METRÓPOLE
12/07/2018

Fonte: Arquivos da autora.

Pensando os eventos e suas formas de celebração, o IPN buscava aliar nas suas ações educativas, uma formação cívica, o ensino de cuidados de higiene, aliados a uma formação moral segundo preceitos da ética protestante e aí, o trato com o corpo também aparecia como essencial. Nesta conjunção, se buscava a constituição de uma noção de pertencimento, daquelas pessoas, sertanejas, aos ideais missionários protestantes.

Por esse motivo, as apresentações, quaisquer que fossem, não podiam fugir do propósito da missão e, por isso, as exigências morais e higiênicas eram prioridades estabelecidas na proposta da missão, que se apresentava com uma visão liberal e com viés (re)formulador de comportamentos e atitudes moldadas pelos padrões americanos, base da missão.

Os eventos diversos que se davam por dentro das ações educativas do IPN, acima de tudo, buscavam estabelecer uma conexão entre o social, cultural e a

religião, na emergência de se formar um perfil social, desse novo cidadão sertanejo, americanizado que já nascia sustentado por metáforas simbólicas de regime presbiteriano americano.

Podemos afirmar que a intenção missionária era formar uma ilha de civilização, num país tropical, numa investida civilizatória que veio a funcionar como estratégia para sensibilizar o povo sertanejo, obedecendo aos propósitos da tríade educação, saúde e religião, sempre de acordo com o regimento interno que pregava também que o IPN deveria inculcar nos ânimos dos alunos os princípios fundamentais da vida colegial, tais como: consideração mútua, a honra, o alto senso de responsabilidade, a esportividade, a obediência, o respeito a autoridade, o amor à verdade e o apego ao bem.

As ações missionárias se moldavam a partir do IPN e pretendiam evangelizar outro povo, com ações que buscavam “instruir, cuidar, civilizar e curar”, aliando um planejamento educacional aos serviços sociais de saúde, pois, como visto, a região era desprovida de assistência por parte das autoridades governamentais. Assim, a escola e todos os seus espaços, símbolos e marcas serviam como elementos para a construção dos pretendidos valores missionários.

Como ideal pretendido pela missão estava a ideia de lançar uma alternativa de fé e civilidade, segundo modelo americano, com fins evangelizadores, moralizantes e de cunho civilizatório, para forjar esse novo cidadão, dentro de ambiente de instrução, que buscava forjar o povo sertanejo segundo ideais, princípios sociais e políticos que regiam a sociedade americana.

De acordo com os seus princípios éticos, os norte-americanos consideravam a educação, a questão educativa, uma obra missionária, um dos pilares a serem explorados de e toda a proposta era articulada no viés da fé com os valores sociais protestantes. Tudo se aliava a uma ação missionária imbuída de um sentido de coletividade, pois visava atingir a família dos sertanejos, mesmo os não matriculados. Desta maneira, a missão projetava a criação de uma cultura escolar definida a partir de regras específicas e a conformação de comportamentos.

Para estas funções de ordem missionária, a Escola, demandava um professorado que da mesma forma, assumisse estes moldes e padrões sem suas ações. Para tanto, ela contou com docentes americanos e brasileiros.

Esta composição docente se articulava aos ideais missionários e incorporava sentidos educativos típicos dos valores que condiziam a moral protestante e aquilo

que se projetava para aquela comunidade em específico, abrangendo pessoas de dentro e de fora da missão.

Adiante, avistamos uma lista de docentes do IPN em suas disciplinas. Se nota, no IPN, que com o avançar dos tempos, seus ex-alunos e alunas foram também chamados a compor o corpo docente. Adiante, como exemplo, vemos uma lista de docentes.

FOTO 20. Lista de Professores Brasileiros de 1946 e Suas Respectivas Disciplinas

Dalila do Carmo Costa	Português, Literatura Nacional Educação Moral e Cívica
Adalgisa Martins de Oliveira	Português, Canto Orfeônico
Luiz Costa	Geografia Geral e do Brasil Francês
Eponina Gunes	Metodologia Especial, Psicologia Pedagogia e História da Educação Geral e Rural
Caetano de Abreu Leite	Aritmética, Álgebra, Geometria Físicas e Naturais.
Zenália Dourado	História do Brasil e Unificação Educação Física
Robelia Dreger de Araujo	Puericultura, Higiene e Sanitária Prendas e Trabalhos Manuais
Alberto Ferreira de Abreu	Agricultura, Desenho, Administração Escolar

Fonte: Arquivos da autora.

Como outro exemplo, trazemos esta lista de docentes do IPN, no ano de 1938: Dalila do Carmo Costa, Noemi Moryscotti Mattos, Natalie Clei Andrade, Noadia Filho e Adalgisa Martins de Oliveira. No ano seguinte (1939) chegaram Mary Nicolau (São Paulo), Reverendo Eudes Ferrer (Campinas), Maria Alves Ferreira (Bahia), Nadir Salles Nascimento (Bahia), Júnia Brandão (Bahia), Otilda Alves

(Bahia) e Wilson Viana (Bahia)⁷ (Arquivo do IPN). Em 1923 chegou a instituição o engenheiro agrônomo Samuel Irvine Graham, encarregado do ensino rural.

Tal processo de aquisição de terras se deu a partir da intervenção e da participação especial do Reverendo William Alfred Waddell que veio para evangelizar juntamente com outros missionários se destacando o médico Walter Welcome Wood que, nesse esse espaço, mesmo em condições precárias, lutaram contra as adversidades e instalaram o educandário. Assim, discutiremos neste capítulo acerca.

A partir de um arquivo pessoal (Profa. Risoleta Nunes) avistamos adiante um quadro com uma lista de disciplinas e seus e suas docentes. Nele avistamos um conjunto de disciplinas, que vão das mais correntes, as que são mais específicas do cenário específico do IPN, com as voltadas ao trabalho rural.

FOTO 21. Docentes do IPN em 1942

Colégio de Santa Berna	
Relação dos Professores por o ano de 1942.	
Dalila do Carmo Costa	Português - Lit
Roema Moryscott de Mattos	Ciências de Educação, Higiene, História do Brasil - Port. e Franc.
Eudes Ferrer	Geologia
Francinila Nunes	Francês, Ciências Físicas
Risoleta Nunes Santos	Geografia e Cartografia Educação Física
Cidália Nascimento Dias	História Universal, Instrução Moral e Cívica, Ciências Naturais, Literatura Nacional Hist. Br.
Sylvia Bastos Martins	Matemática, Desenho
Julietta Valladares de Andrade	Artes e Trabalhos Manuais
Adalgisa Martins de Oliveira	Música e Canto
Manita Duarte Ferrer	Agricultura

Fonte: Arquivo Pessoal da Professora Risoleta Nunes

⁷ Tal listagem foi obtida nos arquivos internos do IPN.

O IPN, em sua constituição essencial buscou atrelar sua formação aos elementos essenciais da vida da comunidade, para tanto, a ideia de uma escola em que os ensinamentos seriam voltados para o ambiente que viviam, preparando os jovens para o serviço, mas também para a continuação da existência, sob a dinâmica de uma perspectiva protestante. Vale dizer, que existia, padrões diferentes de ensino para mulheres e homens, contando até com disciplinas específicas, a exemplo de meninas/mulheres com o trato doméstico, trabalhos de agulhas e as prendas domésticas e as aproximadas do trabalho rural para homens, mesmo que rapazes e moças estudassem juntos

Na imagem adiante encontramos uma cena do cotidiano escolar, representando um momento de chegada na escola, que mostra a vivência diante dos espaços sertanejos.

FOTO 22. Entrada do IPN/1950



Fonte: Arquivos da Autora

Em todo esse processo de formação buscada no IPN, havia sempre a perspectiva de uma formação moral e de condutas e comportamentos. Aí, assumiam valor as disciplinas e práticas que lidassem com o corpo, como um meio de

existência, de convivência, de estar em sociedade, segundo preceitos distintos a tradição do sujeito.

Assim, o IPN tratou de trabalhar com a modelação dos corpos e também, com uma ideia de inculcação de valores estabelecidos com base na moralização. Havia também, a noção a partir de uma ética cristã, de valorização de esforços individuais, que numa lógica meritocrática levariam o sujeito a alcançar sucessos e vitórias e para isso, as práticas corporais ganham sentido como saberes escolares que assumiam esta possibilidade.

Estando o IPN num lugar em que o Estado não se fazia muito presente e que ainda contava com baixos índices sociais, houve, de certa forma, um estranhamento e mesmo até, a princípio, certa repulsa a presença protestante, muito por conta da larga influência católica e da já instituída distinção social, onde a escola se colocava como um espaço de poucos.

Assim, era motivo inovador o fato de homens e mulheres conviverem no mesmo espaço, além da oferta de atividades, como o esporte como práticas educativas, no Instituto Ponte Nova.

Este contexto, pouco comum, contribuía para que os estudantes mudassem aos poucos seus costumes familiares e, ao mesmo tempo, adquirissem outros códigos através da instituição, códigos como os de: conduta, costumes (alimentares, modos de sentar-se à mesa), disciplina, dentre outros.

Um dos diferenciais desta instituição foi promover as salas mistas, a coeducação e o esporte, como ações educacionais, ofertando aos estudantes a possibilidade de se tornarem mais “civilizados” e instruídos, a partir dos referenciais da missão.

Enquanto ambiente formativo, o IPN foi à primeira instituição de ensino secundário da Missão Central do Brasil que se instalou em área rural, tendo funcionado como polo irradiador da missão evangelizadora, tendo servido como instrumento reprodutor de um modelo de vida para os sertões, através das escolas paroquiais e igrejas fundadas que foram dirigidas por eles com base no projeto da missão.

Todo o princípio coeducativo e os métodos pedagógicos protestantes eram copiados do modelo norte-americano gestado a partir do Instituto Mackenzie. Como exemplos, se introduziu o método intuitivo e a leitura silenciosa, diferentemente do

que faziam as escolas brasileiras, com seu costume de leitura em voz alta e decoração sem raciocínio.

Muito além disso, seguindo as normas da tradição do pragmatismo norte-americano, que dava grande ênfase ao treinamento manual, à ginástica e aos esportes, os protestantes do Mackenzie não admitiam manifestações de preconceito de qualquer espécie, fossem de raça, sexo, político ou de orientação religiosa.

Toda a base didático-pedagógica era dos Estados Unidos e se utilizava a observação e a experiência como elementos fundamentais do aprendizado com práticas inovadoras. Porém, algumas experiências foram incorporadas e introduzidas, como às práticas esportivas e a educação física, que tinham o efeito pedagógico de perceber que o esforço de cada um contribuiu para um resultado de conjunto.

Nesse viés, os sentidos atribuídos à docência foram incorporados a um viver em locais onde foram aos poucos se apropriando de atitudes, hábitos e de modos de vida com os quais se constituíram professoras em uma escola americana a partir do *Traning School* – metodologia utilizada para que através das disciplinas fosse incorporado aos conteúdos, atitudes em forma de rituais que foram representados como atos permanentes de escolarização aliados a representação social de um novo homem.

Tudo isso, fez-se necessário a partir do entendimento das/como as trajetórias de leigos professores foram produzidas no entrelaçamento entre o pessoal e o profissional, sobretudo nas questões referentes ao pertencimento à profissão docente e sua constituição identitária que foi marcada pelo respaldo moral e civismo na sociedade da época. Isso, obviamente possibilitou a entrada dos americanos nos lares dos sertanejos que se sentiam conformados e confortados pela assistência espiritual e com a preocupação em torná-lo um sujeito diferente num mundo civilizado.

Por outro lado, os modelos de conduta oferecidos aos alunos do IPN e principalmente as professoras leigas normalistas no decorrer da sua vida induzem a uma possível tomada de decisão profissional cujos modelos que são apresentados de várias maneiras e, ao todo instante, acabaram por ditar outros comportamentos (in)esperados e ou (re) aprovados para cada pessoa.

Progressivamente, as normalistas receberam esses modelos de forma diferente e agem sobre eles com reações diversas, portanto o brinquedo, ou a

brincadeira, aparece no depoimento de algumas das normalistas, que afirmam que as brincadeiras infantis fomentaram nelas a escolha profissional.

Mesmo que não valorizava o rural/campo, mas que primou pelo uso de aspectos embutidos nos princípios cívicos e religiosos num círculo onde as festividades se alargam para fazer o diferencial no campo do saber.

Como os ritos e rituais festivos deveriam ser momentos de integração, os jornais pesquisados Correio do Sertão (1934-39) e o Lidador (1940-50) e Primavera (1920), respectivamente, relataram em suas páginas escritos com pequenos flashes e pela tipografia da própria instituição.

Alguns detalhes sobre as principais cerimônias religiosas e os cursos formativos e bíblicos, além de trabalhos assistenciais diretivos ao sertanejo que aconteciam dentro do Instituto Ponte Novas eram disseminadores na região como forma de apresentar o êxito da expedição presbiteriana enquanto salvação das almas.

Essas novas formas e propostas de vida não deixaram de gerar tensões, na escola além das práticas ensinadas no hospital, somavam se aos ensinamentos culturais norte-americanos, tais como os esportes como basquete e beisebol que foram inseridos no instituto como elementos inovadores (SANTOS, 2016).

Um dos aspectos de grande destaque diz respeito à constituição da instituição de ensino que tinha um diferencial a ser apresentado uma escola mista com políticas de mudanças sociais tanto nas escolas paroquiais que funcionavam ao lado da Igreja e o mesmo se configurou como alternativa pedagógica assumindo o papel de instrução e de consolidação de uma religião.

Uma das prerrogativas dessa instituição estava no fato de que o ambiente e a vida americana eram reproduzidos nas escolas e nas casas dos protestantes através da ordem, disciplina e limpeza cujos alunos iam se apropriando dos trabalhos como arar a terra e as meninas iam se encarregando dos trabalhos domésticos que estavam correlacionados à disciplina do currículo.

As instituições traziam para o Brasil os modelos pedagógicos vigentes na Europa e, aqui os aplicava sem muito escrúpulo, pois para a época era a escola o lugar em que as pessoas deveriam aprender desde os hábitos de higiene até as línguas que representavam o status social: francês, alemão, inglês, grego etc. (MATTOS, 2004).

Outro ponto a ser observado é o ensino da língua portuguesa, obrigatório, porém com carga horária reduzida pelo fato de os alunos já entrarem na escola dominando a língua no nível padrão, sendo isso motivo de valorização da língua nacional. Havia, no entanto, algumas atitudes e ações que o tornavam um diferencial em relação ao atendimento em escolas americanas como: livros didáticos traduzidos, a regulamentação do ensino noturno e profissionalizante e a preocupação com a Educação Física instituída na escola americana presbiteriana.

De acordo com Silva (2010) pontua sobre os conflitos no campo das lutas e das representações pelos presbiterianos e cita que Horace Lane mostrou sua capacidade administrativa acerca da reformulação do ensino enquanto educador-missionário do South Brazil Mission – um educador e evangelizador modelo.

Então, a imersão sobre o fato de se ter a premissa de se ter com a organização da rede de escolas paroquiais a partir de um plano educacional que veio a privilegiar a estrutura e dimensão pedagógica com um calendário festivo e cívico padronizado e com normas disciplinares capazes de interferir na conduta dos alunos – sertanejos desprovidos de conhecimentos e na sua maioria analfabetos.

Outro destaque deu-se por conta da criação de grêmios estudantis e de da implantação do projeto de modernidade alimentou o discurso do progresso difundido pelas elites brasileiras como forma de despertar o sonho do progresso, da operosidade, do vigor e da disciplina que eram manifestados pelos imigrantes presbiterianos em sua totalidade, na região influenciando o povo.

Conquanto, visto dentro dessa ordem e na disciplina que eram requisitos e constitutivos da racionalidade didático-pedagógica, condições para realizarem o ensino e os meios para alcançar as finalidades de civilizar e moralizar. Ao passo que valorizavam a obediência e a preservação da ordem, com a observação das hierarquias, isto porque os casos de indisciplina de alunos que desviavam da ordem, existiam e eram tratados sem muito alarde, em um local que os castigos físicos eram proibidos, as punições eram feitas de outras formas proibitiva, a recorrência e proporção dos desvios poderia ocasionar a expulsão.

Embora essa postura fosse regra disseminada pela Missão Central para as escolas paroquiais e a educação de moças e rapazes juntos exigia uma atenção redobrada, as diretoras do internato geralmente monitoravam de perto o dia a dia das meninas (SANTOS, 2016).

Ainda que, as normas de escolarização e disciplinarização, além das regras as quais mantinham sobre o respeito entre eles fossem inclusos nos procedimentos instituídos. Sendo assim, Ponte Nova sob esse aspecto construiu uma representação de severidade disciplinar rígida numa maneira de intimidar os alunos para o aspecto moralista o que o torna atrativo pela formação do sertanejo.

Além disso, a escola celebrava a política republicana através da divulgação de seu ideário, corporificando os seus símbolos e valores. Dentro deste discurso republicano percebe-se a presença das festas com rituais e ritos característicos da civilidade e dos momentos de culturais moralistas os quais predominavam no ambiente.

6 AS FESTIVIDADES E OS EVENTOS

Nessa seção, tenciono listar os eventos e ou rituais escolares demarcados no calendário do Instituto que, no decorrer do ano letivo, era animado pelos Grêmios Hercules Literário, o Rui Barbosa e o Phoenix Hodierno embora houvesse entre eles uma moderada rivalidade.

Então as Atividades Culturais eram incumbência dos participantes de ambos que se esmeravam em agir da melhor forma possível e para adentrar em um dos grupos havia uma seleção organizada por um professor responsável e, com base num processo muito sigiloso e rigoroso.

Ademais, no Instituto havia um calendário em que se demarcava os acontecimentos e as datas que mereciam ser celebradas ou como seriam executados os rituais, como: admissão, exame de suficiência, celebrações de formaturas, solenidades de final de ano letivo, festas escolares, exposições e exame de suficiência e o *Traning school* numa sequência de comemorações ininterruptas as quais consagraram esse educandário entre as escolas.

Mais assim, importa olhar para os alunos que eram desmembrados e ou por não apresentarem um perfil que se encaixasse nos grupos determinados e, no decorrer ficam a disposição do professor responsável para que outros atributos fossem ofertados aos sertanejos como recompensa de trabalho a ser instaurado em outra situação.

Para alguns, quando o ano letivo se iniciava para os alunos concluintes do antigo primário já podiam se agregar a ação e o sorteio acontecia de forma que eles iam tirando uns bilhetinhos da caixa na qual estavam inscritos os nomes dos grêmios assim se procedia à adesão conforme calendário estipulado no decorrer do ano letivo vide registro acima com os quais a escola funcionava com os seguintes eventos que segundo Rita Amaral (2001), a festa é o elemento de (re)ligação, o fio de Ariadne que nos conduz ao ponto de partida.

Para alguns, quando o ano letivo se iniciava para os alunos concluintes do antigo primário já podiam se agregar a ação e o sorteio acontecia de forma que eles iam tirando uns bilhetinhos da caixa na qual estavam inscritos os nomes dos grêmios assim se procedia à adesão conforme calendário estipulado no decorrer do ano letivo vide registro acima com os quais a escola funcionava com os seguintes

eventos que segundo Rita Amaral (2001), a festa é o elemento de (re)ligação, o fio de Ariadne que nos conduz ao ponto de partida.

Toda a proposta estava centrada num movimento maior de agremiações e associações que se iniciou nos Estados Unidos e seguiu o mundo a fora como um instrumento facilitador e de enturmação para moldar e controlar os sujeitos. Nas lembranças de Noese Matos (turma de 1953), relata que durante o período anterior às festas a escola vivia passo a passo os preparativos e ela não se furtou de participar, pois sempre esteve à frente das ações educativas como um todo.

Através da efusão e do fervor vivenciados nas festas cívicas, o poder dos missionários americanos se manifestavam na apropriação do sertanejo e na construção de sentidos para o seu fazer social, incitando-os a comungar de mesmos valores morais que perpassava pelas festas em sua totalidade.

Mesmo que, toda a atividade cultural fosse vigiada e acompanhada pelos missionários como uma diretoria coordenada onde os alunos mais velhos orientavam os recém-chegados para novas tarefas pedagógicas e esportivas sempre voltados para a apresentação de resultados dos saberes construídos nos espaços e as devolutivas sociais em forma de bailados, dramatizações, com programação estabelecida no calendário da escola.

Nos anos subsequentes aos nomes dos grêmios, foram mudados e em 1950 recebeu o nome de Rui Barbosa e posterior Adonieta Xavier, pois no decorrer os americanos perceberam que seria de bom tom a homogeneização em um só grupo sem haver distinção e sim, valorização da cultura e de suas práticas manifestadas.

Nesse sentido, as atividades festivas materializadas a partir dos saberes como trabalhos artesanais, pintura em tecidos e confecção de roupas com modelos de vestidos americanos. Assim, a inserção do cinema que ditava modelos as meninas do colégio quando em suas casas chegavam para descansar nas férias e iam visitar e promover as mudanças em suas localidades pois eram tidas como elegantes e conhecedoras da última moda dos Estados Unidos da América.

FOTO 23. Festa da Canjica 1958

Fonte: Arquivo da autora.

Levando se em consideração quase todas as teorias de suporte pedagógico. Apresentadas pelos americanos e com as supostas transgressões o período tinha uma avaliação pelos professores das áreas de Artes, Trabalhos Manuais e da própria ginástica como elementos de resultados de aprendizagem.

Assim, vide na imagem abaixo um relato e vivência de Professora Iracy Dourado Hoffman no momento da Solenidade de sua formatura , ela que depois foi convocada para lecionar e ser coordenadora do Internato feminino os rituais de cerimoniais eram atividades em ocorriam as manifestações resultantes dos trabalhos dos professores leigos frutos de engajamento cultural expressos desde os preparativos em que todos eram envolvidos para a projeção de toda a comunidade.

FOTO 24. Solenidade de formatura da Professora Iracy Hoffman em 1950



Fonte: Arquivo da autora.

Nessa situação, os missionários cuidavam para que esse momento também fosse marcado por simbologias e códigos de civilidade previstos no código de conduta que se materializou de forma integral para o indivíduo e, iam além da questão religiosa até a introdução de medidas higiênicas e a influenciar nos padrões culturais, modos e costumes aliados às práticas corporais.

Se visto nesse parâmetro, as práticas eram presentes tanto nos rituais festivos em que se deu a legitimação da cerimônia afinada com os ideais de progresso e modernidade cujas tradições festivas assumem um lugar diferenciado e já que se tornavam um espaço de garantias e de projeção social dos sujeitos.

Tanto a construção dos elementos festivos e até a sua funcionalidade com os resultados de suas ações educativas que foram disseminadas pela microrregião e ou eram propagadas para dar visibilidade ao IPN. Mesmo que já aparecia como referência na formação de sujeitos civilizados e com boa reputação tanto social quanto profissional por conta da homogeneização social, visto como condicionante das ideias republicanas em sua totalidade.

Doravante, a ação se conformava como forma de se fazer a propagação de ideais religiosos, em que há uma suposta projeção dos mesmos à sociedade local e, uma aparição na festa como lugar de felicidade do sujeito civilizado, de acordo com os preceitos da missão da PUCSA.

É importante mencionar que esse sentido de pertencimento e de valorização aparece na narrativa da professora formada em “passei ver e a exercer na educação física esse era um momento de festa e de alegria constantes manifestados nos encontros dos grêmios culturais, atividades esportivas e nas celebrações de fé e de formatura como parte integrante da minha formação”.

Desta maneira, nos discursos dos ex-alunos e professores acontecem esse desejo de continuidade das ações no ambiente educativo que traduz emoções e legitimam a sua formação.

Embora, os conteúdos instaurados nas atividades corporais de ginástica já apontavam um “conhecimento” que pudesse ajudar na resolução de problemas e contribuir com a mudança social prevista pela missão e, ainda ajudar na manutenção da nova república de forma orquestrada pelo movimento de uma nação mais desenvolvida e que tinha como mérito realizar mudanças sociais no corpo e na alma.

Na imagem abaixo, o desfile cívico em que ocorreu a homenagem à professora das Artes Maria Lessa, responsável pelas festividades e pela introdução de carros alegóricos e de alegorias nos moldes americanos, é mais uma comprovação de que o engajamento cultural dos americanos através das atividades corporais faziam parte de uma programação instaurada nos propósitos de se “formar” sujeitos civilizados fazia parte de um Projeto Educacional Expansionista para instituir estratégias através da Igreja/escola na construção de uma cultura americanizada.

FOTO 25. Desfile Cívico 1948/49



Fonte: Arquivo da autora.

Se no cenário festivo tudo se conformou a partir das celebrações formativas cuja aparição e projeção dos sujeitos ocorriam paralelo à construção de perfil dos alunos, que sonhavam com uma “identidade” construída em bases na cultura dos americanos, maçons, presbiterianos e republicanos. Mesmo que a finalidade expressa nas festas e em promover a salvação da alma além de influenciar na sua formação para um trabalho digno de um verdadeiro cidadão americanizado.

Nessa conjuntura, a festa emerge como instrumento/fenômeno disciplinador e consolador de uma ideologia religiosa estruturante como categorizações distintas de um mundo imaginário onde o social representa o olhar determinante nas relações de poder e de condutas moralizantes e estruturantes de uma visão civilizatória e de um ethos cultural (STEILI, 2001).

Ainda que, as escolas estrangeiras, principalmente as concentradas no Nordeste já aparecem e se situam ancoradas numa religiosidade com um futuro promissor, garantido na disseminação de valores moralizantes condizentes ao credo religioso manifesto e aos princípios civilizatórios previstos no regimento curricular através de sessões de conteúdos abrangentes e tidos como verdades.

Sabe-se que tudo acontecia com previsão e dentro das exigências previstas, pois os americanos seguiam um calendário para previsão de um trabalho religioso e formativo em geral. Uma vez que Fairclough (2001) estabelece uma possível associação entre discurso/linguagem como formas de práticas sociais e, não individual ou como simples reflexos de variáveis contextuais onde o discurso aparece, não só como modo de ação, e também de representação de uma estrutura social resultante de uma prática.

Tudo se conforma nas falas dos sujeitos em locais outros seja pela reprodução de um pensamento ou pela resistência no jogo do poder e sim, num círculo de trocas ou posições para se fazer valer ou predominar a hegemonia entre os sujeitos envolvidos na questão por atividades práticas cotidianas.

Observamos uma real preocupação dos americanos em promover a educação, através das práticas culturais, os professores leigos tentavam inculcar a fé a partir do trato com a comunidade escolar, com cuidado específico a educação física, naquilo que compreendiam como um equilíbrio das forças educativas, buscando a harmonia das atividades do espírito e as do corpo, num processo que buscava a formação de um sujeito ajustado as formas de ser do IPN e de seus formadores.

Assim, neste fazer educacional missionário destacou-se a importância da educação física, não apenas na promoção da saúde, mas também para garantir vigor das futuras gerações, para formar o caráter, moralizar os costumes e educar à vontade, controlar os ímpetus dos sertanejos causando notória aproximação entre educação física e educação moral.

Havia a preocupação de forjar uma nova sensibilidade moral e cívica, que era expressa nas proposições da missão americana, a partir das práticas da educação física. O objetivo era elevar o sertanejo a um patamar da civilidade. Como consequência, houve um ganho de espaço tanto real, como simbólico, para que tudo fosse aceito pelos sertanejos incultos e desassistidos pelas autoridades estaduais e locais. Ou seja, os missionários assumiram a função de agentes principais e responsáveis pela inculcação de um modelo social e ético-religioso através da educação.

De acordo com os princípios éticos e democráticos, os norte-americanos consideravam que sendo a educação um direito do indivíduo, existia também a obrigação de garantia indistintamente a todos, independentemente da raça, da cor, do sexo ou da classe social fato que era observável no momento da matrícula no IPN.

A questão educativa, na obra missionária era um dos pilares a serem explorados de forma totalizante e toda a proposta era articulada no viés da fé com os valores sociais tais como: liberdade, democracia, solidariedade e responsabilidade individual. Tudo se aliava a uma ação missionária e educativa que a uma concepção de vida junto aos nativos e era imbuída no sentido de coletividade, pois visava atingir a família e aspirava a uma ação de ascensão social para os sertanejos.

Desta maneira, cabe informar que a cultura escolar pode ser entendida na percepção de Vinao (2007) a qual consiste em um conjunto de regras que definem conhecimentos a ensinar e regras a inculcar sob a transmissão e a incorporação de comportamentos, além de que tornam se mais perceptíveis para os atores, os discursos, os aspectos organizacionais das instituições e a cultura material instituída no ambiente.

No quadro de disciplinas os americanos prepararam inicialmente os brasileiros mesmos os não adeptos deveriam se portar enquanto respeitoso aos princípios, pois na medida que eram convocados já recebiam algumas informações

condizentes as normas do Instituto para que não houvesse estranhamento quanto aos rituais estabelecidos a partir do currículo.

Outra situação diz respeito à coeducação que eles lidavam de forma a abarcar um respeito e a ganhar a confiança dos pais que, naquela época confinaram seus filhos menores no internato a serem educados pelos americanos.

As tais atividades festivas do IPN, dentro ou fora da escola visavam também estreitar laços com as categorias de poder, bem como a adesão de outros sujeitos aos princípios de vida estabelecidos pela missão nos ambientes dos americanos do IPN, que se valiam do fato das festas poderem produzir encantamento através de imagens, sons, cheiros e sabores capazes de seduzir e formar, num processo onde o corpo era veículo de representações e emoções vividas.

Através da efusão e do fervor vivenciados nas festas cívicas, o poder dos missionários americanos se manifestava na apropriação do sertanejo e na construção de sentidos para o seu fazer social, incitando-os a comungar de mesmos valores morais que perpassavam pelas festas em sua totalidade

Provavelmente, naquele período, ele teve seu nome modificado de Colégio Ponte Nova para Instituto Ponte Nova. A documentação localizada e analisada até o momento, só permitiu a reconstituição de alguns anos do corpo docente do IPN. Em 1933, a instituição possuía oito professores, brasileiros e norte-americanos: Eulália Alcântara Lima (BA), Adalgisa Martins Oliveira (BA), Aurora Valadares Andrade (BA), Anita Harris (Nova Iorque), Mary Hull Halloc (Nova Iorque), Cassius E. Bixler (Pensilvânia) e Ruth Wyant Graham (Iowa). No ano seguinte, ganhou três professoras brasileiras: Alaíde, Carmem Coutinho e Theodolina Lima.

FOTO 26. Lista de Professores Brasileiros de 1946 e Suas Respectivas Disciplinas

Dalila do Carmo Costa	Português, Literatura Nacional Educação Moral e Cívica
Adalgisa Martins de Oliveira	Português, Canto Grego
Luiz Costa	Geografia Geral e do Brasil Francês
Eponina Gumes	Metodologia Especial, Psicologia Pedagogia e História da Educação Geral e Rural
Caetano de Abreu Leite	Aritmética, Álgebra, Geometria Físicas e Naturais.
Zenália Dourado	História do Brasil e Unificação Educação Física
Robelia Dreger de Araujo	Puericultura, Higiene Escolar Sanitária Prendas e Trabalhos Manuais
Alberto Ferreira de Abreu	Agricultura, Desenho, Administração Escolar

Fonte: Arquivo da autora.

Na verificação das turmas assumidas pelos professores brasileiros Zenália Dourado, Caetano Leite, Adalgisa Martins, Eponina Gumes, Robelia Araújo conforme vide imagem de folha do livro de assunção de cadeira de 1942 já aparecem as disciplinas: Lições de Coisas, Trabalhos Manuais e Educação Física que na década de 40/50.

Nesse movimento começaram a se destacar os professores brasileiros que, alguns deles formados em Colégios da Missão e ou no Instituto Ponte Nova, assumem com zelo as disciplinas e são eles; Jairo Alves, Bellamy Mattos, Creuza Vallu, Elci Gonçalves, Noese Sena, Manoel Matos, Adalgisa Xavier, Adonieta Silva que já iniciam os trabalhos procurando aproximar dos princípios da missão, como meros multiplicadores de saberes adquiridos no IPN.

Ainda assim mesmo sendo alguns deles em sua maioria não adeptos, mas pela competência comprovada são convidados a trabalhar primeiro nas escolas menores e ou escolas isoladas e depois adentram a escola normal para contribuírem com o diferencial proposto pelos americanos. Vide imagem abaixo uma turma da década de 1950 com o Professor Jaime Wright.

Em vista disso aparecem novos nomes ex-alunos que se destacaram que são convocados pelo diretor para a assunção de cadeiras devido ao destaque dos mesmos enquanto aluno da instituição e por um saber autorizado nas escolas

paroquiais. Portanto indo além do que se esperava dos seus papéis sociais que se manifestaram em decorrência de demandas no interior como Sancha Galvão, Elson Castro, Eudes Ferr, Joanita Ferr, Risolete Nunes.

Em 1938, o corpo docente tinha sido acrescido pelos seguintes professores: Dalila do Carmo Costa, Noemi Moryscotti Mattos, Natalie Clei Andrade, Noadia Filho e Adalgisa Martins de Oliveira. No ano seguinte, chegaram Mary Nicolau (São Paulo), Reverendo Eudes Ferrer (Campinas), Maria Alves Ferreira (Bahia), Nadir Salles Nascimento (Bahia, Diploma Escola Normal), Júnia Brandão (Bahia, Diploma Escola Normal), Otilda Alves (Bahia, Diploma Escola Normal) e Wilson Viana (Bahia, Diploma IPN) (Boletim de Informações do Serviço de Estatística da Educação e Saúde da Bahia. Anos 1933, 1938, 1939, Arquivo do IPN).

Em 1916, chegou em Ponte Nova o médico recém-formado Walter Welcome Wood, e, em 1923, o engenheiro agrônomo Samuel Irvine Graham, encarregado do ensino rural, ambos formados na Leland Stanford University, Califórnia. A construção do IPN visava uma edificação que abraçasse não apenas as salas tradicionais, mas também espaços outros, como quadras, oficinas e espaços para artes, além de instalações tipo dormitório, refeitórios, áreas livres e verdes, espaços externos para eventos e salas administrativas.

Na Escola, todas as atividades eram controladas e seguiam um cronograma com tempo estabelecido com função controladora e reguladora numa ação constante com uma jornada escolar fixada nos padrões da instituição e missão presbiteriana no modelo de fixação de cronograma americano como controle de tempo. De certa forma, o IPN, a partir de suas rotinas e métodos trazia muitas inovações no campo cultural e científico.

Uma destas inovações foi a adoção das salas mistas, como formato de ensino, que se viu envolta numa série de conflitos, principalmente de ordem religiosa. Para tal, a escola se orientava pelas práticas pedagógicas norte-americanas e a difusão de um modelo educacional creditado ao ideal de uma sociedade civilizada por incorporar hábitos cotidianos relacionados à postura e higiene que seriam modelos para serem seguidos.

Pensando os eventos e suas formas de celebração, o IPN buscava aliar nas suas ações educativas, uma formação cívica, o ensino de cuidados de higiene, aliados a uma formação moral segundo preceitos da ética protestante e aí, o trato com o corpo também aparecia como essencial. Nesta conjunção, se buscava a

constituição de uma noção de pertencimento, daquelas pessoas, sertanejas, aos ideais missionários protestantes.

Por esse motivo, as apresentações, quaisquer que fossem, não podiam fugir do propósito da missão e, por isso, as exigências morais e higiênicas eram prioridades estabelecidas na proposta da missão, que se apresentava com uma visão liberal e com viés (re)formulador de comportamentos e atitudes moldadas pelos padrões americanos, base da missão.

Os eventos diversos que se davam por dentro das ações educativas do IPN, acima de tudo, buscavam estabelecer uma conexão entre o social, cultural e a religião, na emergência de se formar um perfil social, desse novo cidadão sertanejo, americanizado que já nascia sustentado por metáforas simbólicas de regime presbiteriano americano.

Podemos afirmar que a intenção missionária era formar uma “ilha” de civilização, num país tropical, numa investida civilizatória que veio a funcionar como estratégia para “sensibilizar” o povo sertanejo, obedecendo aos propósitos da tríade educação, saúde e religião, sempre de acordo com o regimento interno que pregava também que o IPN deveria inculcar nos ânimos dos alunos os princípios fundamentais da vida colegial, tais como: consideração mútua, a honra, o alto senso de responsabilidade, a esportividade, a obediência, o respeito a autoridade, o amor à verdade e o apego ao bem.

As ações missionárias se moldavam a partir do IPN e pretendiam evangelizar outro povo, com ações que buscavam “instruir, cuidar, civilizar e curar”, aliando um planejamento educacional aos serviços sociais de saúde, pois, como visto, a região era desprovida de assistência por parte das autoridades governamentais. Assim, a escola e todos os seus espaços, símbolos e marcas serviam como elementos para a construção dos pretendidos valores missionários.

E para tanto, na visão da ex-aluna e pesquisadora Márcia Gonçalves, o IPN transformou-se em um “centro de referência em educação, tanto na disciplina, quanto na oferta e na qualidade do ensino, onde a escola deveria ser um “instituto de educação intelectual, moral e physica” (MORAES, 2008, p. 60).

O IPN viveu a partir dos anos de 1950 um período de destaque, pois foi o ano em que o Instituto se tornou mais procurado em virtude do padrão da educação oferecida e pelo conceituado corpo docente, ao lado das atividades variadas culturais e formativas que eram oferecidas no ambiente.

Estando localizado numa região à margem dos grandes centros, o IPN pode viver as alternâncias específicas das formas de poder no interior, ou melhor, do sertão, uma cena social tradicionalmente deixada de lado pelas formas de poder usual e que, portanto, vivia a constituição de suas forças políticas e econômicas de forma muito particular.

Assim, o IPN, em sua fundação e existência viveu paralelo a história política sertaneja, junto aos poderosos da região. Outra ação formativa do IPN que assumiu importância em seu processo de aproximação das comunidades foram as atividades festivas, notadamente as fora do espaço da Instituição.

As comemorações e os rituais escolares, com o tempo, se sofisticavam, com um calendário específico, com destaque para os desfiles cívicos e festivos e para a data que marcava a entrada dos missionários americanos presbiterianos no Brasil. Outras celebrações ficavam restritas ao auditório, pois eram festas voltadas ao aspecto formador interno ao IPN.

As festividades, segundo registro no livro de atas e no calendário, deveriam conter sempre uma parte literária, musical e de outra esportiva e que não acarretassem despesas às famílias dos alunos. O IPN, dentre outras coisas, buscava com as apresentações garantir o prestígio da instituição em seu valor representativo, na busca por assumir um diferencial institucional. Os missionários e participantes da Igreja Presbiteriana buscavam também lançar luzes sobre a instituição, conferindo a ela visibilidade e/ou (re)afirmar as atividades culturais que deveriam ser partilhadas por todos do entorno, até as famílias de alunos.

O IPN buscava sempre fazer com que em todos os tipos de festejos aparecesse sua identidade educacional própria, como uma forma de promover um “alargamento” das suas relações com a comunidade e mesmo, uma forma de estabelecer vínculos e com a população, para além dos atos cotidianos de aula.

Pensando os eventos e suas formas de celebração, o IPN buscava aliar nas suas ações educativas, uma formação cívica, o ensino de cuidados de higiene, aliados a uma formação moral segundo preceitos da ética protestante e aí, o trato com o corpo também aparecia como essencial.

Nesta conjunção, se buscava a constituição de uma noção de pertencimento, daquelas pessoas, sertanejas, aos ideais missionários protestantes. Por esse motivo, as apresentações, quaisquer que fossem, não podiam fugir do propósito da missão e, por isso, as exigências morais e higiênicas eram prioridades estabelecidas

na proposta da missão, que se apresentava com uma visão liberal e com viés (re)formulador de comportamentos e atitudes moldadas pelos padrões americanos, base da missão.

Os eventos diversos que se davam por dentro das ações educativas do IPN, acima de tudo, buscavam estabelecer uma conexão entre o social, cultural e a religião, na emergência de se formar um perfil social, desse novo cidadão sertanejo, americanizado que já nascia sustentado por metáforas simbólicas de regime presbiteriano americano.

Podemos afirmar que a intenção missionária era formar uma “ilha” de civilização, num país tropical, numa investida civilizatória que veio a funcionar como estratégia para sensibilizar o povo sertanejo, obedecendo aos propósitos da tríade educação, saúde e religião, sempre de acordo com o regimento interno que pregava também que o IPN deveria inculcar nos ânimos dos alunos os princípios fundamentais da vida colegial, tais como: consideração mútua, a honra, o alto senso de responsabilidade, a esportividade, a obediência, o respeito a autoridade, o amor á verdade e o apego ao bem.

As ações missionárias se moldavam a partir do IPN e pretendiam evangelizar outro povo, com ações que buscavam “instruir, cuidar, civilizar e curar”, aliando um planejamento educacional aos serviços sociais de saúde, pois, como visto, a região era desprovida de assistência por parte das autoridades governamentais. Assim, a escola e todos os seus espaços, símbolos e marcas serviam como elementos para a construção dos pretendidos valores missionários.

Como ideal pretendido pela missão estava a ideia de lançar uma alternativa de fé e civilidade, segundo modelo americano, com fins evangelizadores, moralizantes e de cunho civilizatório, para forjar esse novo cidadão, dentro de ambiente de instrução, que buscava forjar o povo sertanejo segundo ideais, princípios sociais e políticos que regiam a sociedade americana.

A presença da missão na região sertaneja também se marcou pela própria construção do IPN, onde a edificação causou impacto, por si, haja vista suas diferenças estruturais em relação as demais do vilarejo, na sua maior parte feitas em adobe. Essa marcante diferença na obra, simbolizava o poder missionário e sua força na região, mas ao mesmo tempo, tornava o IPN um lugar atraente, um lugar de civilidade para pessoas, que a sua maioria, viviam em meio a condições rudes.

Todo o processo de institucionalização das escolas passou pelo crivo da equiparação e a equidade do ensino principalmente pelas aulas de Educação Física que, até então, eram denominadas de Ginástica que se consolida e aparece no cenário das Escolas Normais como parte do conteúdo a ser ensinado juntamente com a Educação Moral e Cívica a ser ministrada de acordo com as condições de cada sexo, mesmo sendo elemento de imposição do Estado.

Paralelo a isso, em conformidade com as diretrizes que regulamentavam as práticas corporais e a ginástica se apresentam como foco formativo de preparação de uma elite intelectual e moral de cidadãos em todos os níveis com predominância esportiva que se formava no espaço escolar uma história que começa no Brasil de forma abstrata, cujo foco estava direcionado a uma mera matéria auxiliar de outras. Enfim, as tentativas de (des)qualificação dessa disciplina vem sem contemplar nas discussões de políticas sociais.

Ainda assim, a ginástica sendo um fenômeno vai se alocar na escola onde as práticas não são dotadas de funções sociais e, sim são convertidas em exercícios culturais e ou ações para nivelar comportamentos, moldar sujeitos e exaltar o movimento das competições travadas nas festividades demarcando o caráter da transitoriedade que foi vivido pela disciplina ao ser inserida na escola normal.

FOTO 27. Solenidade do Dia da Primavera (1960)



Fonte: Arquivos da autora

Aqui, a Lei é um instrumento de força de poder que assegura a ordem pública, mas não vem garantir a equidade. Embora, o Projeto Jurídico ou Legal se desenhe na História da Educação Física como um hiato, sem se desvincular das questões de ordem política. Visto que toda a compreensão vai se dá numa perspectiva de redenção étnica e cultural do povo brasileiro com base em uma história que foi propalada por um autor numa visão romântica que passa a ser reinterpretada na busca de novos caminhos.

Logo surge a Ginástica como elemento de aproximação, pois era ofertada a ambos os sexos frutos da coeducação e de um viés voltado para a saúde do corpo e mente conquanto observou o impacto da disciplina sobre os alunos e como essas práticas foram impactadas num todo.

É de suma importância, destacar o que ocorria limitação quanto ao aspecto da funcionalidade de toda a atividade, mas não para a determinação do papel das leis para a Educação Física que não se limitava ao aspecto formal da atividade, como por exemplo, horário, frequência, duração de aulas com objetivos e fins pedagógico e o modelo inglês foi copiado para dar conta do esporte escolar atrelado aos jogos.

Contudo, a preocupação com a educação física e com a ginástica ganhava cada vez mais importância na viragem do século XIX para o século XX, portanto outras informações vão sendo desconstruídas e oportunizando compreensão distinta num rol de histórias que são revisitadas por entender a política da educação física como elemento de superação.

Concomitante ao campo de saberes, o processo de inserção da Ginástica foi se constituindo num movimento de desencontros, descontinuidades e de não adequação de uma disciplina que nas prescrições legais sofreu implicações

Outra forma importante do IPN se projetar e com isso, também fazer projeção dos ideais missionários eram as possíveis aparições em jornais das suas redondezas e isto, era mais fácil em momentos em que existiam eventos cívicos ou celebrações, dentro ou fora dos muros da Instituição.

Essas agremiações culturais para a observância das habilidades dos alunos sob a direção de um professor de educação Física e existiam duas agremiações denominadas Grupo Fênix e Grupo Hércules os quais para participarem os alunos passavam por seleções internas nas quais os professores focalizavam o potencial de cada um dos membros desde as notas nas matérias de estudo ao procedimento

nas atividades e a conduta para que pudessem tornar se membro e lá escolhiam por desejos e pela proposta de cada grupo a forma de ser integrante.

7 O PROFESSOR NO IPN E O LEIGO

Esta Seção vai versar sobre a institucionalização da ginástica na escola americana protestante, ora se coloca em destaque às vivências de leigos na função de professor, na matéria ginástica como propulsor de saberes. Portanto, ao se configurar na tentativa de dar visibilidade ao lugar ocupado pelos verdadeiros protagonistas do ensino no sertão, os professores leigos que, ao adentrarem o sertão, nos espaços educativos, com autonomia e desejos de se firmar na profissão.

No capítulo que se segue, busco analisar o modelo escolar de formação instituído pelo Programa da Missão Central do Brasil, conforme o Regimento do IPN, demarcando os rituais de passagens dos leigos sobre as vivências didático-pedagógicas que foram construídas no seio da escola normal rural – IPN, escoradas num projeto civilizatório protestante.

O Instituto Ponte Nova buscou a construção de uma imagem favorável, se valendo para tal da propagação de saberes no seio da comunidade e ainda, de rituais festivos, que o projetaram para fora da unidade escolar tendo o leigo enquanto protagonista de saberes.

Aqui vou tratar exclusivamente no aspecto formativo, trazendo os rituais de suas passagens no decorrer da história nos períodos de 1940/60 e, para tanto, vou tratar os leigos surgem nos espaços de formação autorizados para que esses professores: verdadeiros protagonistas venham a ser legitimados nos discursos e nas experiências/vivências nas práticas corporais.

Nessa seção, trago inicialmente duas concepções sobre o termo leigo a partir de sua funcionalidade no âmbito educacional no contexto dos vocábulos a saber: aquele que não recebeu ordens sacras; laico. Designava o serviçal dos conventos; aquele que é estranho a ou que revela ignorância ou pouca familiaridade com determinado assunto, profissão etc.; desconhecedor, inexperiente.

Ao cotejar as experiências vividas pelos leigos na condução de suas práticas que segundo Menezes (2018), é que as identidades coletivas se fortalecem e imprimem valores conforme a imagem abaixo ocorreu uma (re)produção das experiências advindas dos Estados Unidos em que as práticas eram respaldadas em um viés civilizatório para marcar as mentalidades dos sujeitos sertanejos em momentos distintos de suas vidas como espetáculos e aparições marcadas pelo caráter moralizante e instrucional.

FOTO 28. Apresentação de ginástica com as alunas Ruth Souza e Cilene como resultados do trabalho do Professor Jairo Alves



Fonte: Arquivo da autora.

Desse modo, vê-se, a partir das festas escolares em uma Instituição americana em que foram as práticas que seriam reproduzidas pelas leigas professoras normalistas cujas determinações dos preceitos do momento social e político em que foram produzidas, além dos axiomas previstos pelo regimento e ou prescrições estabelecidas pelo Mackenzie em sua maioria.

De certo, mesmo sem ser especialista a sua prática o faz figurar no cenário educativo como protagonista e possível guardião de memória a partir da prática que se consolidou desde o registro no calendário na determinação das datas comemorativas pelo governo republicano.

Tal ação comemorativa já aparece no panorama moderno embora fosse vislumbrada com saberes projetados no chão da escola isolada e, sob a disciplinarização militar e moralista nos atos de festividades destas instituições que se materializavam nas ruas, sempre como forma de garantir as autoridades um lugar nesse palco de apresentações.

Com vistas ao que aconteciam nos Estados Unidos e nas ou solenidades festivas os leigos figuravam como instrutor, ou outros adjetivos eram simplesmente designados com um lugar inferior na hierarquia de saberes. Desse modo, o controle disciplinar se concretizou sob o formato de oficinas e de exercícios calistênicos, como pude verificar nas atas como prescrição de condutas morais a serem estabelecidas e, ao mesmo tempo enquanto resultado o “brilho” nos rituais festivos e solenidades festivas como garantidoras de saberes conquistados no espaço da escola normal.

Uma vez que, tendo o protagonista o professor leigo, no momento que era oportuno, fazer disseminar a validade de se estudar na instituição americana com um diferencial pedagógico na funcionalidade e formação do professor da escola americana. É fato notório se considerar que as formas de entrada a seleção diferenciada do corpo discente e docente era apenas uma das formas dentre outras na instituição que ficava demarcada e hierarquizada nos livros de atas e que se materializava.

Em contrapartida, percebeu-se com visibilidade desde a nomenclatura da matéria que não era tida como disciplina, mas no rol das artes até o valor dos proventos do professor e nas preparações das festividades, solenidades e celebrações em que era instituído um coordenador selecionado pela missão para tal atribuição e acompanhamento em si havia um pseudocontrole entre adeptos e não adeptos.

No âmbito Nacional, os católicos duvidavam da proposta de transmissão de um ensino leigo por parte das escolas americanas presbiterianas. Criadas e instaladas na Bahia desde a cidade de Paulo Afonso, Campo Formoso, Senhor do Bonfim, Cachoeira essas cidades localizadas no interior da Bahia em pontos estratégicos de comércio de ouro e de agricultura se destacaram pelas passagens dos missionários presbiterianos.

Embora sob a influência na educação brasileira, pois a educação americana através dos pensamentos de Pestalozzi, Foebel e Horace Mann estiveram presentes na reforma da instrução pública do Estado de São Paulo realizada em 1890, no governo de Cesário Motta, cujo secretário da Instrução Pública era o Dr. Caetano de Campos que, também, se tornou responsável pela organização da Escola Normal, cujas ideias pedagógicas baseava-se em Pestalozzi, Horace Mann e Froebel.

Há de considerar aqui que, de acordo Romanelli (1980, p. 152), que a Lei Orgânica do Ensino Primário, promulgada pelo Decreto-Lei nº 8.529 de 02 de janeiro de 1946, avançou ao prever o planejamento educacional como instrumento de implantação da reforma e a previsão de recursos para a implantação do sistema de educação primária e também há referência “ao preparo de professorado”. No que se refere à preparação de professores, já o Decreto- Lei nº 8.777/46 referente à Lei Orgânica do Ensino Normal instituiu o exame de suficiência, com esse estabelecimento o professor leigo era aceito, legalmente, no sistema educacional brasileiro, na forma de professor autorizado. A esse respeito, Rodrigues (1985, p. 45) assinala que

Os exames de suficiência, eram realizados pelas Escolas Normais, institutos de Educação e Faculdade de Filosofia a que eram submetidos os professores leigos ou candidatos ao magistério para efeito de comprovação de conhecimentos exigidos para a função e de autorização a título precário, lecionarem nas escolas primárias e secundárias (RODRIGUES, 1985, p. 45).

Mesmo que, ainda cumpre deixar registrado, nos anos de 1940, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), mais precisamente em 1949, também deixou evidente uma certa preocupação com a necessidade de aperfeiçoamento da educação rural no país, mostrando os inúmeros problemas com o ensino no meio rural que se agravaram, em contrapartida às melhorias do ensino nas áreas urbanas, “[...] agrava-se, dia a dia, o desajustamento entre a vida rural e a vida urbana. Aumenta, a cada passo, a distância social e econômica que se para o Brasil industrial do Brasil agrícola” (apud. ALMEIDA, 2005, p. 286).

Contudo, as Escolas Americanas surgiram com um diferencial e elo aproximativo para se fazer um ensino voltado à formação humana com propósitos bem definidos no Regimento e nos axiomas da Missão Central do Brasil com metodologias e estratégias mais civilizadas e atrativas.

Esse novo método de aprendizagem, era o método indutivo, intuitivo ou lição das coisas. Torna se assim de grande valia citar aqueles que aparecem com mais efetividade nas etapas formativas com a ginástica e podemos citar dentre eles: Jairo Alves, João Paulino, Antônio Timóteo, Noese Matos, Rute Sousa, Elci Gonçalves, Márdio Brito, Neemias Alexandre, Manoel Matos dentre os demais que, se fizeram

presentes, nesse cenário, mas que permanecem lembrados pelos alunos das escolas normais.

Guiados nesse contexto popular, os desfiles internos e externos nas escolas foram projetados pelos leigos com as atividades corporais e as maneiras pelas quais as metodologias foram incorporadas nesse viés republicano foram reproduzidas no cotidiano, principalmente em datas festivas com público garantido para assistirem às manifestações e cerimoniais.

Esses indivíduos em fazer valer um ensino que foi arquitetado no interior da classe dominante na busca de um poder hegemônico que passou a ser vivenciado em um ambiente planejado para marcar a presença de civilização e de ideias liberais em conformidade ao que se prescrevia no Mackenzie e pelas determinações da Missão Central do Brasil.

De fato, os outros professores leigos assumiam também as disciplinas nas turmas de primeiras letras e, aqueles que se destacaram em suas passagens, enquanto alunos, em disciplinas do núcleo comum, a partir de cursos preparatórios em São Paulo no Colégio Mackenzie e, no Colégio Dois de Julho ou algumas professoras eram enviadas ao IPN para instituir as práticas a serem vivenciadas de forma única e modelar.

Entretanto, com base no conceito educacional do Mackenzie em São Paulo que pregava a exclusão do proselitismo religioso com vistas aos ideais de Lane não era bem visto pelos missionários americanos da missão, fato que casou um estranhamento entre as instituições no ambiente das relações internas.

Em contrapartida, nossa hipótese aponta nesse período que, cada acontecimento de indicação de professor para ampliar quadro ou validar a cada ação já expressava uma gama de atos ritualizados com vistas a dar dignidade às minorias cujos estilos de vida começaram a ser preestabelecidos pela missão americana, na modalização do discurso do homem do campo, apostando assim, numa formação integral.

Nesse lugar de formação em que os sertanejos que viviam de forma irregular no seu cotidiano sem documentos e ou legalização de união e nos cuidados com a alimentação pesada com muitas misturas e com ausências de ações de higiene.

O foco na centralidade de um novo panorama da construção de uma escola/confessional e traz as experiências de professores leigos no processo de escolarização e instrução social numa Escola Americana – IPN. E aponta um viés de

modelação ideológica, política e comportamental na vida de cada sertanejo que, por ali passou com interferência nas ações cotidianas para que os mesmos se tornassem cidadãos desde a instauração de rituais protestantes.

Ao (re)tomar o itinerário e trazer as experiências advindas das práticas construídas nos espaços de formação de professores ditos leigos com base nas representações simbólicas presentes nos rituais das solenidades, nos ambientes cívicos e festivos. Daí todos foram marcados pelo fenômeno da espetacularização social e cívica considerados então como resultantes da atuação do leigo num movimento para se mostrar nas ruas das cidades, com aparições agendadas e noticiadas em jornais.

Tudo isso estava ancorado e alinhado nas aulas ministradas em escolas domésticas e ou em *habitus*/lugar do leigo nos episódios festivos com projeções ora valendo se de uma educação do corpo e da alma com viés civilizatório. Conquanto, os elementos festivos e rituais proporcionaram uma espetacularização política e no exercício da profissão dos leigos a partir do enfoque na dimensão das experiências culturais vivenciadas e construídas nos cuidados com o corpo e alma, com olhares para as celebrações com viés disciplinador e moralizante alinhados nas práticas corporais civilizatórias

Por fim, ao estabelecer o lugar ocupado pelos professores leigos no IPN e, para tanto, desde o processo de institucionalização das escolas que passou pelo crivo da equiparação e a equidade do ensino principalmente pelas aulas de Educação Física os mesmos já aparecem no cenário.

De certo, mesmo sem ser especialista a sua prática o faz figurar no cenário educativo como protagonista e possível guardião de memória a partir da prática que se consolidou desde o registro no calendário na determinação das datas comemorativas pelo governo republicano.

No entanto, é importante o pontuar algumas contribuições significativas e valorativas alinhadas a projeção de seu aluno seja no campo do esporte e ou nas aparições festivas e culturais como materialização de saberes construídos e constituídos nos espaços reservados e separados para as festividades nas instituições escolares em sua maioria com vista à promoção e, visando atrair e garantir a boa formação nos educandários, instrumentos fornecidos pelo IPN para uso coletivo dos alunos sertanejos.

Ainda que a escola se apresentasse como espaço de sociabilidade onde a igreja católica se deixou disseminar que é, na escola norte-americana de acordo com o periódico, o que se evita no meio da luta das seitas, é o dogma confessional, muito se engana, porém, quem supõe que lá o ensino é leigo. Sendo assim, inibidos de mandarem seus filhos às escolas ilegalmente anticristãs do Governo mesmo que os católicos fundaram as suas e reclamavam a maneira de que e como imposto já deram para o ensino prático do ateísmo.

Em outra situação trazem que “ensino leigo nós o repudiamos, como insanavelmente eivado de irreligião” (JORNAL DO BRASIL, 1903, p.176). Tudo isso se confirma nas ações educativas que, se visto como as práticas corporais, desenvolvidas a partir da ginástica passaram a ter relevância e foram defendidas no IPN pelos diretores, reverendos.

Fica claro que, em sua maioria, ensinaram e foram responsáveis pelos eventos principalmente os esportivos na sua totalidade. Sendo assim, legitimaram e incorporaram uma ginástica em que a presença de exercícios envolvendo dramatizações, danças e músicas com aparelhos, além de uso de equipamentos era um diferencial no estabelecimento de ensino

Tal ação comemorativa já aparece no panorama moderno embora fosse vislumbrada com saberes projetados no chão da escola isolada e, sob a disciplinarização militar e moralista nos atos de festividades destas instituições que se materializavam nas ruas, sempre como forma de garantir as autoridades um lugar nesse palco de apresentações onde as ações pedagógicas foram traçadas pelos leigos como verdadeiros protagonistas de saberes.

Então, o ponto chave do trabalho escolarização/instrução pelos leigos com a ginástica passou pelo crivo de um corpo em que a ciência e a arte se misturavam em regras prescritas na instituição num só tempo, em que eram realizadas as celebrações festivas sem um teor avaliativo, embora não se cogitasse a responsabilidade do sujeito em relação ao seu corpo que não se exercitava a fontes de todos os males do mundo, e sim, ainda sem julgar as condições de trabalho e de vida do povo sertanejo que passou a vivenciar a ginástica com aparelhos/equipamentos próprios de um mundo e cidadão civilizado.

Nisso, levando se em conta o exercício da profissão em formato de conteúdos e ou oficinas que se materializaram e consolidaram os saberes dos alunos na busca de realizar a efetivação de uma prática que faz jus a dicotomia ente a docência e a

discência em que Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (2001), nos apresentava com situações em que os atores sociais funcionam a partir de um lugar social.

Por tudo isso é que com base na assertiva de Freire “não há docência sem discência” e se conformou numa inversão de papéis para a aprendizagem numa classificação metafórica de festas enquanto sucesso escolar e de aprender a fazer com ou testar conhecimentos que se materializaram e deram visibilidade aos protagonistas das situações em espetáculos esporádicos, mas verdadeiros shows num cenário de aprendizagens constantes marcados pela memória dos sujeitos. Com os quais se direcionavam os conhecimentos.

E que toma se como fontes os hinários, o calendário das solenidades e a ordenação de rituais e ritos que se fizeram presentes no IPN. Outro fato em destaque diz respeito ao caráter dos marcadores simbólicos em que a religião figura com importante eixo de organização social e ou na razão por sua vez aparece em formatos diferenciados na escola, no específico da cultura escolar com suas respectivas cotas de validade, como a única certeza o que é dito ou não dito além do que deve ser dito com base nas interpretações.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa da conclusão, esta pesquisa tratou das experiências em uma escola americana/protestante, com viés civilizatório. Com este estudo busquei realizar uma interpretação da cultura escolar de uma instituição de ensino que marcou de maneira significativa a cena educacional da fazenda/vila/povoado Ponte Nova e, nesse cenário, os missionários americanos construíram espaços e instituições alterando a vida dos sertanejos com mudanças e acontecimentos no campo educacional, religioso e social.

Dentre suas ações, destacaram-se a formulação de uma proposta de formação fundamentada numa concepção de educação do corpo e da alma no formato de *Training School*, cuja metodologia foi implantada pelos missionários em terras baianas.

Assim, toda a história vivida e marcada por uma simbologia posta na entrada do instituto com a frase “Deus e Pátria”, nos fez (re)pensar sobre os propósitos da Missão presbiteriana, que teve como eixos: o cultural, o elemento da religiosidade, as questões liberais e o teor da instrução, que caminharam concomitantes aos cuidados com o corpo, promovendo mudanças substanciais na vida dos sertanejos desprovidos de seus direitos e que promoveram benefícios de outras ordens.

Nessa perspectiva, a expansão da religião Presbiteriana pelo Brasil se reconheceu na influência dos americanos em toda a microrregião, a partir do desenho de educação instituída e pela garantia de formação diferenciada com resultados positivos, respaldados pelos vários alunos ali formados, que se tornaram disseminadores de saberes.

No IPN, uma das atrações era, sem dúvida, a estrutura física, através de sua arquitetura imponente, considerada moderna, assemelhando-se aos casarões das fazendas do sul dos Estados Unidos; o mobiliário adequado às necessidades educativas, com carteiras individuais, materiais didáticos, de laboratório, equipamentos para a prática de esportes tudo isso era elo da modernidade (NASCIMENTO, 2005).

Com isso, todo o sucesso daquele complexo institucional que integrou religião, educação e saúde, levou a Missão na organização do projeto denominado “Escolas Ponte Nova”, como modelo proposto, cujas práticas educativas eram

destaque e marcaram as atividades cívico-militares nas festividades e agremiações onde a participação da Juventude era fator primordial.

É válido afirmar que, quanto ao quadro de profissionais, os professores vinham de Salvador, Cachoeira, eram oriundos de Escolas Paroquiais pertencentes à Igreja Presbiteriana do Brasil.

A gênese organizacional do IPN visou preparar para a vida no campo, com saberes específicos e religiosos e reafirmou na formação de jovens, moças e rapazes, a condição de uma retidão moral.

Sendo uma escola isolada, longe da capital, o IPN desenvolveu técnicas e tecnologias específicas para atender suas demandas e que também serviam a formação da juventude ali matriculada. Lá se produziam cadernetas, papel timbrado, os diários de classe, os cadernos dos alunos, livros e todo o material de consumo da escola. Além disso, funcionou também um sistema de sonorização com serviço de alto-falante, principalmente para os alunos desenvolverem programas religiosos, cívicos e recreativos e uma usina hidrelétrica, construída para servir ao colégio.

Todos os missionários norte-americanos e os professores brasileiros recebiam seus salários das igrejas presbiterianas norte-americanas e, ou das contribuições advindas dos Estados Unidos. A intenção era formar uma ilha de civilização, num país tropical, numa investida civilizatória, como estratégia para sensibilizar o povo sertanejo, obedecendo aos propósitos da tríade educação, saúde e religião. Também se pregava que o IPN deveria inculcar nos ânimos dos alunos os princípios fundamentais da vida colegial, tais como: consideração mútua, a honra, o alto senso de responsabilidade, a esportividade, a obediência, o respeito a autoridade, o amor a verdade e o apego ao bem.

Desta maneira, ergueu-se uma instituição que, diante de rituais, pretendia através do plano de evangelizar desenvolver outras ações, como: instruir, cuidar, civilizar e curar, no intuito de estabelecer um planejamento educacional aliado aos serviços sociais de saúde, pois a região era desprovida de assistência por parte das autoridades governamentais brasileiras. Nos corredores, nas salas de aula, na área de ginástica nas bandeiras, fotografias de autoridades, dos diretores da instituição, a biblioteca apontava e sinalizava valores a serem seguidos.

Para além destes, o uso das práticas corporais como espetacularização política e social, onde o corpo aparecia vinculado a um lugar da moral, da religião e

do aprendizado, evidenciando o papel formativo da ginástica na condução dos sujeitos com valores diferenciados.

Enfim, frente a essa missão estava implícita a ideia de lançar uma alternativa de Fé e Civilização, segundo modelo americano, particularmente na Vila de Itacira, município de Wagner, numa escola americana cujo modelo tinha vários perfis como: evangelizador, proselitista, moralizante e de cunho civilizatório, para forjar esse novo cidadão para viver nesse ambiente que tinha como estratégia construir novos ideais, princípios sociais e políticos.

A tomada das terras pelos missionários fez com que as pessoas migrassem para os arredores da Escola/Fazenda em busca de assistência à saúde, educacional e espiritual, como solução para a suas vidas.

Acredito que as práticas e as vivências desenvolvidas suscitaram interferências e mudanças comportamentais na maneira de viver das pessoas do entorno e dos alunos de toda a microrregião, com novos parâmetros civilizatórios. É importante reafirmar que a instalação da escola foi o principal instrumento de civilidade e contribuiu na construção e reconstrução da mentalidade dos sujeitos sertanejos, com a formação de uma identidade dita cidadã.

Assim, os saberes consolidados nas das disciplinas se destinaram a ofertar um ensino voltado à formação moralizante e desenvolver o espírito de solidariedade, equidade, alteridade, respeito e deveres de um cidadão correlatos aos princípios de Fraternidade, Igualdade e Liberdade capazes de ser, ter privilégios e poder ingressar em um ensino inovador com projeção para o mundo.

Essas questões me conduziram a compreensão de uma cultura escolar constituída num movimento de circulação de saberes os quais projetados numa atitude modelar na educação escolarizada sob viés de uma construção histórico-cultural. Assim, todo trabalho que foi vivenciado passou a ser julgado como adequado em que as verdades vão encantar ou desencantar os sujeitos no mundo, ou seja, no cotidiano de suas ações em busca de legitimar o que se acreditou como simbologia e percepção da realidade social.

Em seguida, todo o processo de escolarização esteve atrelado a práticas culturais para garantir um perfil americano em consonância com os pares missionários e, assim não poderia haver um estranhamento de cultura e jamais de hábitos na instituição modeladora criada no sertão.

Tendo em vista que, os projetos, discursos e modelos pedagógicos materializaram-se naquela instituição por meio da ritualização de comportamentos, intercâmbio de experiências, configuração de formas de pensar, sentir e agir, produzindo uma identidade escolar distinta de outras instituições sociais.

Essas questões me conduziram a compreensão de uma cultura escolar constituída num movimento de circulação de saberes os quais projetados numa atitude modelar na educação escolarizada sob viés de uma construção histórico-cultural.

Tal atitude dos cuidados com o corpo, uniforme, as questões práticas de higiene, alijadas por condutas vigiadas e controladoras para se ter um ser/cidadão civilizado e evangelizado para atuar com precisão nos campos dos saberes com o conhecimento estabelecido em proposta da missão protestante.

No que tange à figura do aluno do Instituto em meio a cultura que se projetava na escola, não se pode deixar de considerar a performance dos alunos tanto dos evangélicos, como os não evangélicos, que se destacaram em sociedade tanto pelos hábitos, costumes e a higiene daquelas culturas que não eram distantes ou desconhecidos, mas que foram apropriados e se constituíram para além da instituição.

À educação, naquela época, coube disciplinar os indivíduos através de um processo civilizador tornando os mais saudáveis, produtivos e multiplicadores de novos hábitos sob a vigilância direta dos missionários que transformaram os sertanejos em operários para o convívio social.

Tornou-se, de fato, a configuração de um Instituto de Formação pioneiro e modelar com ensino diferenciador com turmas mistas e que foi bastante elogiado tanto por Rui Barbosa quanto Anísio Teixeira que eram conhecedores das inovações pedagógicas promovidas pelos americanos em terras brasileiras e, por isso o seu processo de legalização do curso normal não apresentou destoante daquilo que os escolanovistas propunham na Capital Paulista e na Capital Baiana.

Assim, todo trabalho que foi vivenciado passou a ser julgado como adequado em que as verdades vão encantar ou desencantar os sujeitos no mundo, ou seja, no cotidiano de suas ações em busca de legitimar o que se acreditou como simbologia e percepção da realidade social.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. **Anais do Oitavo Congresso Brasileiro de Educação**. Goiânia, junho de 1942. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1944.

ALMEIDA, Belamy Macêdo de. **Ponte-Nova: construindo o futuro olhando no retrovisor**. 2006.

ALMEIDA, Jane Soares de. Índícios do sistema coeducativo na formação de professores pelas escolas normais durante o regime republicano em São Paulo (1890/1930). Curitiba, **Educar em Revista**, n. 35, 2009, p. 139-152.

AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. 2ª Ed. São Paulo: Unicamp, 2007.

BALANDIER, Georges. **A desordem: elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BALANDIER, Georges. **O contorno: poder e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARBANTI, Maria L. Hilsdorf. **Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo: um estudo de suas origens**. 1977. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

BARBOSA, Rui. **Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública**. Obras Completas. Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Educação e Saúde, 1947. v. 10, tomo 1-4.

BARCELLOS, Valéria Reis. **Necessidades de formação dos professores de Educação Física do Ensino Fundamental, Relacionadas a Ginástica como conteúdo escolar**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, 2008.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

BARROS, José D'Assunção. O campo histórico – considerações sobre as especialidades na historiografia contemporânea. **História Unisinos**. Vol. 9, nº 3, set./dez. 2005, p. 230-242.

BARROS, José D'Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, vol. 3, n. 5, jan.-jul., 2009, p. 35-67.

BASTIAN, Jean-Pierre. **Protestantismos y modernidade latino-americana: história de unas minorias religiosas activas em América Latina**. México: Fundo de Cultura Económica, 1994.

BATALHA, Silvio. **Cartilha histórica da Bahia**. 8 ed. Salvador: Ed. do autor, 2008.

BECKER, Dom João. **Pedagogia e Filosofia de Vida: Discurso proferido por Dom João Becker na solene inauguração da Escola Normal Rural da Arquidiocese de Porto Alegre, em 4 de junho de 1941**. 2. ed. Typographia do Centro S.A. – Centro da Boa Imprensa. 1941.

BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. Revisão técnica: Paula Montero. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

BRITO, Fausto. **As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes**. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/6EncNacSobreMigracoes/ST3/FaustoBrito.pdf>> Acesso em: 19 de agosto de 2018.

BURITI, Iranilson; BARROS, Moisés A. “Onde Deus nos outorga constante instrução”: a educação como tática de inserção do Protestantismo no Brasil. In: VIEIRA, Cesar Romero Amaral; NASCIMENTO, Ester Fraga (Orgs.). **Contribuições do Protestantismo para a História da Educação no Brasil e em Portugal**. Piracicaba: UNIMEP, 2016, p. 21-43.

CALKINS, Nornam Allison. **Primeiras lições de coisas**. Manual de ensino elementar para uso dos paes e professores. Tradução de Rui Barbosa. Obras Completas, v. XIII, tomo 1, Rio de Janeiro, 1950. 573 p.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10^a ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAMON, Carla Simone. **Escolas em reformas, saberes em trânsito: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CHAVES, Elisângela. **Uma escola de graça, saúde e beleza: Natália Lessa, a dança e a educação da feminilidade**. Belo Horizonte, 2013. 233 p. Tese

(Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

COMPAGNONI, Ivo Carlos. **História dos Irmãos Lassalistas no Brasil**. Editora La Salle: Canoas, 1980.

CORBELLINI, Marcos Antonio. **A Sociedade das Escolas Cristãs**. França 1674 a 1719. Contribuição para novos olhares sobre sua origem. 2002. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2002.

CRUZ, Maria Helena Santana (org.). **Múltiplos enfoques e espaços plurais da pesquisa no campo da educação**. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Tradução, Ruy Jungmann; Revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: formação do Estado e civilização. Tradução, Ruy Jungmann; Revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

ESQUISANI, Rosimar, WERLE, Flávia, HECK, Adalberto, MORAES, Salette, AUZANI, Luciana. A formação de professoras primárias na Escola Complementar: uma leitura a partir de Pierre Bourdieu e da História da Educação. **Revista Linguagens, Educação e Sociedade**, UFP, Teresina, v.10, p. 5-9, 2004.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Cultura escolar e cultura urbana. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 11, n. 66, p. 40-43, 2005.

FARIA FILHO, Luciano Mendes; PINEAU, Pablo. A educação e a questão da construção de identidades modernas no século XX: os casos da Argentina e do Brasil. In: VIDAL, Diana Gonçalves; ASCOLANI, Adrian. (Orgs.). **Reformas Educativas no Brasil e na Argentina**: ensaios de história comparada da educação (1820-2000). São Paulo: Ed. Cortez, 2009, p. 87-114.

FIGUEROA, Ana Claudia. Por que as mulheres KANAMARI não são professoras? **I Congresso Latino americano de gênero e religião, corporeidade, etnia, masculinidade**. São Leopoldo, EST, p. 1- 28, 2004. CD-ROM.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado, 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem**: feitiçaria a cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- HACK, Osvaldo Henrique. **Protestantismo e educação no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000.
- HALBWACHS, Mauice. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. Trad. de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- Iº CONGRESSO REGIONAL DE ESCOLAS NORMAIS RURAIS E DE PROFESSORES PRIMÁRIOS RURAIS. Cerro Largo/RGS: s.ed., 18,19 e 20 de dezembro 1962.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e Estados – Wagner. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/wagner.html>. Acesso em: 18 set. 2020.
- LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. 2000. 140f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP.
- LUZ, José Augusto; SILVA, José Carlos (orgs.). **História da educação na Bahia**. Salvador: Arcadia, 2008.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**: da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1996.
- MARINHO, Inezil Penna. **Rui Barbosa**: o paladino da educação física no Brasil. 2. ed. Brasília: Horizonte, 1980.
- MATOS, Alderi de S. O colégio protestante de São Paulo: um estudo de caso sobre o lugar da educação na estratégia missionária da igreja. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 1-25, jul./dez., 1999.
- MATOS, Alderi de S. **A vida do Rev. William Alfred Waddell Missionário em São Paulo e na Bahia**. Agreste Presbiteriano, 2018. Disponível em:

<https://agrestepresbiteriano.com.br/a-vida-do-rev-william-alfred-waddell-missionario-em-sao-paulo-e-na-bahia>. Acesso em: 20 out. 2019.

MELO, Victor Andrade de. **Escola nacional de educação física e desportos: uma possível história**. 1996. 199 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 1996.

MELO JÚNIOR, Djalma Santos. **A escolarização das práticas corporais em meio a “Babel da instrução pública” baiana: os confrontos em torno da gymnastica, música e dança**. 192 p. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – PGH, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

MENDES, Marcel. **Tempos de transição: a nacionalização do Mackenzie e sua vinculação eclesiástica (1957-1973)**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2007.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia Norte-Americana e educação protestante no Brasil**. Juiz de Fora/São Paulo: Edufjf/Editeo, 1994.

MESQUITA, Zuleica Coimbra. **Educação metodista: uma questão não resolvida**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1992.

MORAES, Márcia M. G. de Oliveira. **Educação e Missão Civilizatória: o caso do Instituto Ponte Nova na Chapada Diamantina**. 168 p. 2008. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação – Campus I. Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2008.

MORENO, Andrea et al. “Gesticulação nobre, sympathica e attitudo digna”: educação do corpo na formação de professoras (Escola Normal Modelo da Capital, Belo Horizonte, 1906-1930). **Revista Brasileira de História de Educação**, vol. 12, núm. 1, 2012, p. 221-242.

MORENO, Andrea; MENDES, Luciano. Patrimônio acadêmico-científico da Universidade: uma contribuição a partir da História da Educação. In: NASCIMENTO, Adalson; MORENO, Andrea (Orgs.). **Universidade, memória e patrimônio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015, p. 25-30.

MONARCHA, Carlos. **A Escola Normal da Praça - o lado noturno das luzes**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.

MURITIBA, Itamar Reis et al. **Coronelismo na Chapada Diamantina e Piemonte**. Jacobina: UNEB / Faculdade de Formação de Professores de Jacobina, 1997. 73 p.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Origens da Educação Protestante em Sergipe (1884-1913)**. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2000.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **O Instituto Ponte Nova da Bahia**. 2001.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Considerações iniciais acerca da palavra impressa e as práticas religiosas e educacionais protestantes no século XIX. **Revista do Mestrado em Educação**. v. 4. São Cristóvão: UFS/NPGED, 2002. p. 67-85.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. A palavra impressa como estratégia de difusão do protestantismo no Brasil nas décadas de 50 e 60 do século XIX. In: **ANAI ELETRÔNICOS DO II CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**. História e memória da educação brasileira, 2002a. Natal. CD Rom, Anais...

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical**. 2005. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. A cultura escolar do Instituto Ponte Nova. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, maio/ago. 2007, p. 149-165.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Brasil e Portugal: circulação de impressos protestantes. **VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: cultura escolar, migrações e cidadania**. Porto: Universidade do Porto, 2008, p. 1-12.

O INSTITUTO PONTE NOVA e sua organização pedagógica. ANPUH-Brasil – 30º Simpósio Nacional De História – Recife, 2019.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As festas que a República manda guardar. **Ensaio Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2. n. 4, 1989, p. 172-189.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Americanos: representação da identidade nacional no Brasil e nos EUA. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

PILOTTO, Erasmo. **Prática da escola serena**. Curitiba: Tipografia João Haupt & Cia. Ltda., 1946.

RAMALHO, Jether Pereira. **Prática educativa e sociedade**. Um estudo de sociologia da educação. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

- RODRIGUES, José Ribamar Tôrres. **Magistério Leigo Rural do Piauí: Concepções e Práticas**. Dissertação (Mestrado em Educação) .Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 1985.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1980 e 1998.
- SANTANA, Elizabete Conceição et al. (orgs.). **A construção da escola primária na Bahia: guia de referências temáticas nas leis de reforma e regulamentos, 1890 – 1930**. 1ª Edição. Salvador: EDUFBA, v.1, 2011.
- SANTANA, Elizabete Conceição et al. (orgs.). **A construção da escola primária na Bahia: Leis de Reforma e Regulamentos da Instrução 1890-1930**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, v.2, 2011.
- SANTANA, Elizabete Conceição et al. (orgs.). **A construção da escola primária na Bahia: O ensino primário no município de Salvador (1896 – 1929)**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, v. 3, 2013.
- SANTOS, Edmundo Isidoro dos. **Memórias de um arauto**. 1. ed. Juazeiro-BA: Akoppia, 2018.
- SANTOS, Tiago Ferreira dos. **“Um banho de civilização no coração geográfico da Bahia”**: a ação missionária presbiteriana em Ponte Nova (1906-1938). 2017. 240 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador. 2017.
- SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Da belle époque à era do rádio. Vol. 3. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Ivanilson Bezerra da. **A figura de Horace Lane: lutas de representações e formação da rede de escolas americanas no Brasil (1885-1912)**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SILVA, Ivanilson Bezerra da. **Horace Lane e a formação de uma rede de escolas americanas no Brasil (1885-1912)**. Mnemonise PPGH-UFCG, v. 7, p. 113-140, 2016.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SOBRINHO, Antônio Temóteo dos Anjos. **Em canto de quadras trovas**. Brasília: Centro Editorial, 2016.

SOUZA, Rosa Fátima de. Inovação educacional no século XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil. **Cadernos CEDES**, Campinas, ano XX, n. 51, 2000, p. 9-28.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação** [online]. n.14, 2000, p. 61-88.

TRUJILLO, Albeiro Meija; TRUJILLO, Maria Francisca Ferreira. As escolas confessionais cristãs e a educação no Brasil. **International Journal of English Literature and Social Sciences (IJELS)**. Vol-2, Issue-5, Sep - Oct, 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1974.

VAGO, Tarcísio Mauro; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de (orgs.). **Histórias de práticas educativas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

VAGO, Tarcísio Mauro. A escolarização da gymnastica nas escolas normais de Minas Gerais. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). **Pesquisa histórica na educação física**. 1. ed. Vitória: Centro de Educação Física e Desportos da Ufes, v. 2, 1997. p. 33-58.

VIEIRA, Walmir. **Capelania escolar: desafios e oportunidades**. São Paulo: Rádio Transmundial. 2011.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Sistemas educativos culturas escolares y reformas**. Madrid: Morata, 2005.

WARDE, Mirian Jorge. O itinerário de formação de Lourenço Filho por descomparação. **Revista brasileira de história da educação**. n° 5 jan./jun. 2003, p. 125-167.